

ATHENAS

Revista do Maranhão Para o Brasil

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III

MAIO — 1941

NUM. 28



OMENAGEM FIDALGA DE "ATHENAS" AO INTERVENTOR PAULO RAMOS,
POR MOTIVO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO OCORRIDO EM 4 DE MAIO

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III

MAIO — 1941

NUM. 28



OMENAGEM FIDALGA DE "ATHENAS" AO INTERVENTOR PAULO RAMOS,
POR MOTIVO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO OCORRIDO EM 4 DE MAIO

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

DOAÇÃO 207
4 de Junho 1904
MARANHÃO

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc., procure **FOTO-GRVADOR**
d' **O IMPARCIAL**
de **Athenas**
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO
- RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director --- A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empr
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES

NUMERO AVULSO

Na Capital

Por via postal

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes

Por 1 anno

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

DOAÇÃO 203
4 de Junho 1904
MARANHÃO

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc., procure **FOTO-GRADOR**



IMPARCIAL
de *Athenas*
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO

— RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) — FONE, 1501

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empreza
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES

NUMERO AVULSO

Na Capital

Por via postal

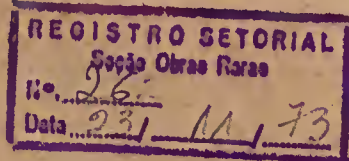
ASSIGNATURAS

Por 6 mezes

Por 1 anno

16/07/91

Histórias de



João Cabloco

VALERIO SANTIAGO

A noite ia alta... Manuel Coelho, cavalgando um cavalo fogoso, galopava pela estrada larga, prateada pelo luar. O rifle atravessado no alção da sela. O cabo do punhal sai da camisa, e porque era de metal branco lucilava, sinistro, á luz do luar... Havia duas horas que galopava, sem encontrar vestígios de que alguém houvera passado por ali. Manoel Cabloco, seu pagem e velho companheiro de labuta, metera o cavalo em cinco picadas que conduziam a prosperos povoados e indagara, batendo á porta de velhos camaradas, que sabiam, como de suas proprias casas do movimento dos povoados, e nada recolhera... nem ao menos uma suspeita que o orientasse, que revelasse alguma coisa sobre o paradeiro de d. Candida...

Diante do Cruzeiro, Manuel Coelho parou o animal e saltou em terra. Sentia-se fatigado, aturdido... Não sabia o que pensar do misterio... Lançou o olhar penetrante pela orla da mata cerrada. Auscultou as vozes da natureza, e elas lhe não trouxeram nenhuma esperança.

João Cabôclo apeou-se, lesto, de um salto, e aproximou-se de seu amo e amigo, conduzindo o cavalo pela rédea, e com o rifle debaixo do braço.

—Vosmecê quer demorar aqui?

—Quem sabe se aqui nesta encruzilhada está o segredo desta aventura?

—Tudo pôde acontecer neste mundo... até isto que vosmecê está pensando...

—Achas impossível?

—Nunca ouvi dizer que uma mulher fugisse de casa para se esconder no mato, ou para andar por uma estrada a esta hora, a procurar o que ela não perdeu...

—Mas afinal que pensas tu de d. Candida?

João Cabôclo andou, até junto do Cruzeiro, e devagar sentou-se numa das pedras que cercavam o madeiro, tendo o cavalo ao lado e o rifle na mão.

—Acho bom vosmecê ficar com o rifle na mão... e colocar o seu cavalo no geito de ca-

valgar... Não dar duas horas... e em lugar de d. Candida pôde surgir um malfetor ou um bando deles... E' melhor está prevenido... para o que der e vier...

Manuel Coêlho recebeu bem o aviso e fez o mesmo que o seu pagem acabara de fazer.

—Agora é que eu vou responder a vosmecê...

João Cabôclo puxou do bolso da calça um charuto de 40 réis e uma caixa de fósforo. Acendeu o charuto, guardou a caixa de fósforo e soltou uma fumaça. E pausadamente:

—Vosmecê so pôde está pensando o que eu estou pensando: d. Candida não sabia só do engenho. Uma mulher como d. Candida não faz uma coisa dessa sozinha. Quando ela põe o pé fóra do batente, já sabe para onde vai! Vosmecê não está pensando assim?

—Palavra que não!...

Que homem seria capaz de buscar d. Candida lá no engenho? E bem sabes que depois que ela chegou, não tive mais visitas! De proposito não recebi mais ninguém. E quantos meses já se passaram?

Seis meses!...

—Quando vosmecê a roubou do marido, fique certo que êle também pensou como vosmecê está pensando... O coronel Matos não enchia a sua fazenda de homens. Nem os vizinhos o visitavam. Sempre passou por ser um homem grosseiro, de maus bofes, muito ruim para os empregados. E no entanto vosmecê dentro de um quarto de hora, arrebatou d. Candida da fazenda, em pleno dia!

E vosmecê nunca vira d. Candida! D. Candida também nunca vira vosmecê! Quando vosmecê chegou no engenho trazia d. Candida na garupa de Pretinho, que, benza-o Deus! é cavalo ladrão de mulher!

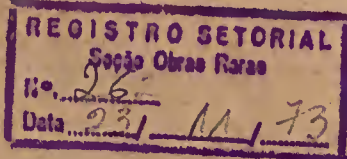
—A' primeira vista, parece que tens razão, mas si refletires um pouco verás que estás errado.

—Prô mode?

—D. Candida não gostava do marido. Era naquêla fazenda mais um escravidão do que uma

16/07/91

Histórias de



João Cabloco

VALERIO SANTIAGO

A noite ia alta... Manuel Coelho, cavalgando um cavalo fegoso, galopava pela estrada larga, prateada pelo luar. O rifle atravessado no alção da sela. O cabo do punhal sai da camisa, e porque era de metal branco lucilava, sinistro; á luz do luar... Havia duas horas que galopava, sem encontrar vestígios de que alguém houvera passado por ali. Manoel Cabloco, seu pagem e velho companheiro de labuta, metiera o cavalo em cinco picadas que conduziam a prosperos povoados e indagara, batendo á porta de velhos camaradas, que sabiam, como de suas proprias casas do movimento dos povoados, e nada recolhera... nem ao menos uma suspeita que o orientasse, que revelasse alguma coisa sobre o paradeiro de d. Candida...

Diante do Cruzeiro, Manuel Coelho parou o animal e saltou em terra. Sentia-se fatigado, aturdido... Não sabia o que pensar do misterio... Lançou o olhar penetrante pela orla da mata cerrada. Auscultou as vozes da natureza, e elas lhe não trouxeram nenhuma esperança.

João Cabôclo apeou-se, lesto, de um salto, e aproximou-se de seu amo e amigo, conduzindo o cavalo pela rédea, e com o rifle debaixo do braço.

—Vosmecê quer demorar aqui?

—Quem sabe se aqui nesta encruzilhada está o segredo desta aventura?

—Tudo pôde acontecer neste mundo... até isto que vosmecê está pensando...

—Achas impossível?

—Nunca ouvi dizer que uma mulher fugisse de casa para se esconder no mato, ou para andar por uma estrada a esta hora, a procurar o que ela não perdeu...

—Mas afinal que pensas tu de d. Candida?

João Cabôclo andou, até junto do Cruzeiro, e devagar sentou-se numa das pedras que cercavam o madeiro, tendo o cavalo ao lado e o rifle na mão.

—Acho bom vosmecê ficar com o rifle na mão... e colocar o seu cavalo no geito de ca-

valgar... Não dar duas horas... e em lugar de d. Candida pôde surgir um malfetor ou um bando deles... E' melhor está prevenido... para o que der e vier...

Manuel Coêlho recebeu bem o aviso e fez o mesmo que o seu pagem acabara de fazer.

—Agora é que eu vou responder a vosmecê...

João Cabôclo puxou do bolso da calça um charuto de 40 réis e uma caixa de fósforo. Acendeu o charuto, guardou a caixa de fósforo e soltou uma fumaça. E pausadamente:

—Vosmecê so pôde está pensando o que eu estou pensando: d. Candida não sahiu só do engenho. Uma mulher como d. Candida não faz uma coisa dessa sozinha. Quando ela põe o pé fóra do batente, já sabe para onde vai! Vosmecê não está pensando assim?

—Palavra que não!...

Que homem seria capaz de buscar d. Candida lá no engenho? E bem sabes que depois que ela chegou, não tive mais visitas! De proposito não recebi mais ninguém. E quantos meses já se passaram?

Seis meses!...

—Quando vosmecê a roubou do marido, fique certo que êle também pensou como vosmecê está pensando... O coronel Matos não enchia a sua fazenda de homens. Nem os vizinhos o visitavam. Sempre passou por ser um homem grosseiro, de maus bofes, muito ruim para os empregados. E no entanto vosmecê dentro de um quarto de hora, arrebatou d. Candida da fazenda, em pleno dia!

E vosmecê nunca vira d. Candida! D. Candida também nunca vira vosmecê! Quando vosmecê chegou no engenho trazia d. Candida na garupa de Pretinho, que, benza-o Deus! é cavalo ladrão de mulher!

—A' primeira vista, parece que tens razão, mas si refletires um pouco verás que estás errado.

—Prô mode?

—D. Candida não gostava do marido. Era naquela fazenda mais um escravo do que uma

esposa. O coronel não lhe dava momentos de alegria, nem tratava com a devida cortesia. D. Carolina espreitava uma oportunidade para se libertar. E essa oportunidade foi a minha passagem pela fazenda, naquela manhã em que ela vinha do banho. Quando os meus olhos se fitaram nos dela recebi, no mesmo instante, em troca, toda a sua alma! Parei o Pretinho. Ninguém nos viu. A manhã rompia. E si alguém me viu, cuidou fôsse eu um dos amigos do coronel. Conversamos no maximo, 7 minutos, e tanto bastou para que a compreendesse e para que ela me quizesse. E ela me disse quando me despedia: Até nunca mais! Por que? perguntei-lhe? E ela me respondeu: Porque nunca mais me verá! Então nos meus olhos e nos dela o mesmo pensamento se debruçou. Fugir naquele instante! E eu não sei mesmo como se deu o passo. Só sei dizer é que quando o Pretinho arrancou, ela estava na minha garupa!

E depois de uma pausa:

—Mas agora, o caso é diferente!

—Vosmecê ainda não pôde dizer si o caso é diferente.

—Como não posso! D. Candida é a dona do engenho! Ali todos os seus desejos são satisfeitos! Bem sabes que eu vivo para d. Candida! Já dois anos se passaram.

—Mas não afirme que todos os seus desejos são satisfeitos...

—E não são?

—Só mesmo d. Candida é que poderá responder quanto a esta parte...

—Por que?

—Por que a mulher tem sempre um desejo que o homem não conhece e que ela não diz.

—Neste caso, como poderá um homem fazer a felicidade de uma mulher?

—Quando, por acaso, acerte nesse desejo que ele não conhece e que ela não diz.

—Ora, João Cabôclo! Eu não sabia que eras bruxo!...

—Vosmecê não sabia, porque eu, na verdade, não sou bruxo. Mas estou com 60 anos de idade e vosmecê agora é que vai entrar na casa dos 30. Só com o seu pai, nesse mesmo engenho, trabalhei quinze anos!

—Mas eu torno a dizer-te que nunca se passou um dia que d. Candida não me dissesse: o quanto sou feliz em sua companhia! O quanto é bom se viver assim! E me abraçava e me beijava loucamente!

—Ainda mais vosmecê me ajuda. Si fosse verdade o que ela lhe dizia, não o teria abandonado tão bruscamente pela maneira que fez, nas ultimas horas da madrugada, depois de, cheia de satisfação, ter adormecido a seu lado! E já que tal coisa se deu já não posso acreditar que fugisse do marido por causa dos motivos que lhe apresentou...

—Mas aquele homem é mesmo intratável...

—E' verdade, mas bem que podia ser muito docil para ela... Eu já conheci um que era bruto com a mulher e ro entanto era delicado com toda gente. De modo que, quando a mulher se queixava ás familias de suas relações, da brutalidade do marido, ninguém acreditava.

—Ja me disseram que meu pae era assim... Minha mãe, por vezes, falava com amargura das asperesas, do tratamento que meu pai lhe dava...

—Mas João Cabôclo continuou, como se não tivesse ouvido nada:

—Vosmecê fique sabendo que máus tratos não acabam com a amizade do homem com a mulher...

A mulher quando gosta do homem, gosta mesmo. E o mesmo se dá com o homem quando gosta de uma mulher. Si a mulher gosta do homem, passa fome com ele. Si não gosta pôde lhe dar a melhor mesa! Ela está sempre traíndo o homem...

E jogando fóra a ponta de charuto:

—Por causa disto foi que eu deixei de ter mulher minha e passei a ter uma mulher em cada quebra. E ha 25 annos que vivo assim, e nunca mais tive dôr de cabeça.

—Alguma mulher te enganou?

—Não senhor, mas uma estava disposta a me enganar.

—Nunca me contaste isto!

—Agora é que é o momento.

—Conta lá.

—E' simples. Eu quando era mocinho me embecei por uma cabôcla, que morava na nossa vizinhança, ali p'ras bandas do Craveiro, no es-



esposa. O coronel não lhe dava momentos de alegria, nem a tratava com a devida cortesia. D. Carolina espreitava uma oportunidade para se libertar. E essa oportunidade foi a minha passagem pela fazenda, naquela manhã em que ela vinha ao banho. Quando os meus olhos se fitaram nos dela recebi, no mesmo instante, em troca, toda a sua alma! Parei o Pretinho. Ninguém nos viu. A manhã rompia. E si alguém me viu, cuidou fôsse eu um dos amigos do coronel. Conversamos no maximo, 7 minutos, e tanto bastou para que a compreendesse e para que ela me quizesse. E ela me disse quando me despedia: Até nunca mais! Por que? perguntei-lhe? E ela me respondeu: Porque nunca mais me verá! Então nos meus olhos e nos dela o mesmo pensamento se debruçou. Fugir naquele instante! E eu não sei mesmo como se deu o passo. Só sei dizer é que quando o Pretinho arrancou, ela estava na minha garupa!

E depois de uma pausa:

—Mas agora, o caso é diferente!

—Vosmecê ainda não pôde dizer si o caso é diferente.

—Como não posso! D. Candida é a dona do engenho! Ali todos os seus desejos são satisfeitos! Bem sabes que eu vivo para d. Candida! Já dois anos se passaram.

—Mas não afirme que todos os seus desejos são satisfeitos...

—E não são?

—Só mesmo d. Candida é que poderá responder quanto a esta parte...

—Por que?

—Por que a mulher tem sempre um desejo que o homem não conhece e que ela não diz.

—Neste caso, como poderá um homem fazer a felicidade de uma mulher?

—Quando, por acaso, acerte nesse desejo que ele não conhece e que ela não diz.

—Ora, João Cabôclo! Eu não sabia que eras bruxo!...

—Vosmecê não sabia, porque eu, na verdade, não sou bruxo. Mas estou com 60 anos de idade e vosmecê agora é que vai entrar na casa dos 30. Só com o seu pai, nesse mesmo engenho, trabalhei quinze anos!

—Mas eu torno a dizer-te que nunca se passou um dia que d. Candida não me dissesse: o quanto sou feliz em sua companhia! O quanto é bom se viver assim! E me abraçava e me beijava loucamente!

—Ainda mais vosmecê me ajuda. Si fosse verdade o que ela lhe dizia, não o teria abandonado tão bruscamente pela maneira que fez, nas ultimas horas da madrugada, depois de, cheia de satisfação, ter adormecido a seu lado! E já que tal coisa se deu já não posso acreditar que fugisse do marido por causa dos motivos que lhe apresentou...

—Mas aquele homem é mesmo intratável...

—E' verdade, mas bem que podia ser muito docil para ela... Eu já conheci um que era bruto com a mulher e ro entanto era delicado com toda gente. De modo que, quando a mulher se queixava ás familias de suas relações, da brutalidade do marido, ninguém acreditava.

—Ja me disseram que meu pae era assim... Minha mãe, por vezes, falava com amargura das asperesas, do tratamento que meu pai lhe dava...

—Mas João Cabôclo continuou, como se não tivesse ouvido nada:

—Vosmecê fique sabendo que máus tratos não acabam com a amizade do homem com a mulher...

A mulher quando gosta do homem, gosta mesmo. E o mesmo se dá com o homem quando gosta de uma mulher. Si a mulher gosta do homem, passa fome com ele. Si não gosta pôde lhe dar a melhor mesa! Ela está sempre traíndo o homem...

E jogando fóra a ponta de charuto:

—Por causa disto foi que eu deixei de ter mulher minha e passei a ter uma mulher em cada quebra. E ha 25 annos que vivo assim, e nunca mais tive dôr de cabeça.

—Alguma mulher te enganou?

—Não senhor, mas uma estava disposta a me enganar.

—Nunca me contaste isto!

—Agora é que é o momento.

—Conta lá.

—E' simples. Eu quando era mocinho me embecei por uma cabôcla, que morava na nossa vizinhança, ali p'ras bandas do Craveiro, no es-



tirão do Sítio Alegre. Mas fique certo de que eu fiquei louquinho pelo cabôcla.

Chamava-se Maria Raimunda, e era tão pobrezinha que fazia dô. Depois que ela aceitou o meu namoro, nunca mais passou necessidade.

Eu lhe fazia tudo. Raimunda não perdeu mais uma festa. E em cada festa ia sempre com um vestido novo. E cada vestido me custava o suor de muitos dias... Mas eu estava por tudo, pois só a Raimunda me sabia bem ao paladar. E entonce estava eu nesta cegueira, quando numa noite de S. João, ás 8 horas, ao chegar ao arraial o preto Quirino p'ra tomar um visguete, que o preto vendia bom, dei de cara com a Raimunda encostada numa banca, num cheira-cheira danado com um alvacentio da policia que era cabo do destacamento. Vosmicê não queira saber o que se passou em mim... Arranquei de passo feito! O alvacentio já sabia do meu chôro pela cabôcla e depressa se levantou concertando a farda. Mas não poude fazer mais nada porque no mesmo instante, caíia estrebuchando com uma canhotada que lhe dei na rosca da venta!

E o tempo fechou contra mim! Puxei da biguana e feri muita gente. Até hoje não conseguí saber quem me atirou, com um môcho na cabeça e me prostou sem sentido no arraial.

Fui preso. Passei quatro mêses na cadêa de Grajahú, sem ter quem pedisse por mim. Esperava ser ouvido pelas autoridades. E pensava de mim para mim que si elas me ouvissem, me dariam razão. Mas ao mesmo tempo uma voz interior me dizia que Maria Raimunda seria presa. Quem é que pôde sofrer não grande assombracão! E os dias se foram passando assim, até que uma noite, senti que alguém me sacodia a rêde e me acordava. Era o Chico Biquara, um paraibano ruim como peste, que me convidava para fugir. Perguntou-me se eu tinha coragem. Nem lhe respondi. Puz-me logo de pé e fui acompanhando o Chico até a porta da cadêa.

Os soldados dormiam. Um que estava acordado era da terra do Chico...

Quando me quizeram prender tempos depois eu estava na casa do pai de vosmicê. O melhor, porém, vai agora. Quando eu estava na cadêa, onde toda gente me visitou, com pena de mim, perguntei pela Raimunda. E soube, então, que ela dissera que sentia muita pena de mim. Muita mesmo, pois sabia o quanto eu a estimava, e sentia muito não se sentir presa a mim pela mesma paixão.

—Nunca mais viste a Maria Raimunda?

—Como não!

—Ha quantos anos?

—Constantemente a vêjo, e vosmicê também.

—Eu conheço a tua Maria Raimunda?

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos proprios para presentes

Visite a LIVRARIA MODERNA

—Conhece muito bem. Em companhia, e vosmicê eu tenho falado com ela. Si ela não me pode ver sem me pedir uma coisa!

Manoel Coêlho mergulhou o olhar na luz âlgida do luar, como se procurasse a mulher do romance de seu pagem. Mas debalde a procurou...

—Não sei quem é...

—E' a Doquinha, do Quebra-Pote!

—A Doquinha!

—Sim senhor. E' a Doquinha!

—João Cabôclo!

—Sinhô!

—A Doquinha, aquela mulher feia, angulosa, de olhós fundos, que parece mais uma fantasma do que gente, com aquelas farrupas de cabelos na cabeça...

—E' a Maria Raimunda.

—Aquela mulher tem duas idades tuas.

tirão do Sítio Alegre. Mas fique certo de que eu fiquei louquinho pelo cabôcla.

Chamava-se Maria Raimunda, e era tão pobrezinha que fazia dô. Depois que ela aceitou o meu namoro, nunca mais passou necessidade.

Eu lhe fazia tudo. Raimunda não perdeu mais uma festa. E em cada festa ia sempre com um vestido novo. E cada vestido me custava o suor de muitos dias... Mas eu estava por tudo, pois só a Raimunda me sabia bem ao paladar. E entonce estava eu nesta cegueira, quando numa noite de S. João, ás 8 horas, ao chegar ao arraial o preto Quirino p'ra tomar um visguete, que o preto vendia bom, dei de cara com a Raimunda encostada numa banca, num cheira-cheira danado com um alvacentio da policia que era cabo do destacamento. Vosmicê não queira saber o que se passou em mim... Arranquei de passo feito! O alvacentio já sabia do meu chôro pela cabôcla e depressa se levantou concertando a farda. Mas não poude fazer mais nada porque no mesmo instante, caíia estrebuchando com uma canhotada que lhe dei na rosca da venta!

E o tempo fechou contra mim! Puxei da biguana e feri muita gente. Até hoje não conseguí saber quem me atirou, com um môcho na cabeça e me prostou sem sentido no arraial.

Fui preso. Passei quatro mêses na cadêa de Grajahú, sem ter quem pedisse por mim. Esperava ser ouvido pelas autoridades. E pensava de mim para mim que si elas me ouvissem, me dariam razão. Mas ao mesmo tempo uma voz interior me dizia que Maria Raimunda seria presa. Quem é que pôde sofrer não grande assombracão! E os dias se foram passando assim, até que uma noite, senti que alguém me sacodia a rêde e me acordava. Era o Chico Biquara, um paraibano ruim como peste, que me convidava para fugir. Perguntou-me se eu tinha coragem. Nem lhe respondi. Puz-me logo de pé e fui acompanhando o Chico até a porta da cadêa.

Os soldados dormiam. Um que estava acordado era da terra do Chico...

Quando me quizeram prender tempos depois eu estava na casa do pai de vosmicê. O melhor, porém, vai agora. Quando eu estava na cadêa, onde toda gente me visitou, com pena de mim, perguntei pela Raimunda. E soube, então, que ela dissera que sentia muita pena de mim. Muita mesmo, pois sabia o quanto eu a estimava, e sentia muito não se sentir presa a mim pela mesma paixão.

—Nunca mais viste a Maria Raimunda?

—Como não!

—Ha quantos anos?

—Constantemente a vêjo, e vosmicê também.

—Eu conheço a tua Maria Raimunda?

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos proprios para presentes

Visite a LIVRARIA MODERNA

—Conhece muito bem. Em companhia, e vosmicê eu tenho falado com ela. Si ela não me pode ver sem me pedir uma coisa!

Manoel Coêlho mergulhou o olhar na luz úgida do luar, como se procurasse a mulher do romance de seu pagem. Mas debalde a procurou...

—Não sei quem é...

—E' a Doquinha, do Quebra-Pote!

—A Doquinha!

—Sim senhor. E' a Doquinha!

—João Cabôclo!

—Sinhô!

—A Doquinha, aquela mulher feia, angulosa, de olhos fundos, que parece mais uma fantasma do que gente, com aquelas farrupas de cabelos na cabeça...

—E' a Maria Raimunda.

—Aquela mulher tem duas idades tuas.

—E' mais moça do que eu, mas não é uma sombra de Maria Raimundo, aos 17 anos de idade. O sofrimento comeu-lhe as carnes, queimou-lhe a pele, varou-lhe os olhos, arrancou-lhe os cabelos. Maria Raimunda foi roída pela desgraça, que quando não teve mais nada que roer, deixou-a tão, enxotou-a por estas estradas... a fazer com as próprias mãos a casinha de palha para morar.

—E mora só? Porque nunca vi outra pessoa ali senão ela...

—E' por que vosmecê ainda não reparou... Acompanham-na sempre dois cães, um gato e muitas galinhas...

—Só.

—Nunca teve parentes. Não conheceu pai nem mãe. Quando me apaixonei por ela, morava em companhia de uma madrinha, já muito velha, que foi o pai e a mãe que ela conheceu. E era uma beleza a Maria Raimunda!

—Mas às vezes a casa está fechada...

—E' quando se embriaga. Então dorme o dia inteiro. Ou então é quando vai coser na visinhança, para ganhar alguns vintens.

—Mas olha que Maria Raimunda é uma ruína.

—E' verdade. Teria sido feliz, si não tivera nascido para o alvamento...

—Achas então que a Maria Raimunda nasceu somente para um homem?

—Ha mulheres assim...

Si o homem é bom, elas vivem num paraíso. E todas as desgraças suportam com valentia. Si não presta vive como Maria Raimunda, aos tranços e barrancos.

—João Cabôclo estás completamente enganado. A tua infelicidade no amor deu-te uma idéia falsa da mulher...

—Vosmecê pensa assim, porque ainda é muito moço e não conhece o mundo. Quem vê cara, não vê coração. O coração é cidade em que ninguém passeia. E coração de mulher é um labirinto.

—Queres assim convencer-me de que a Maria Raimunda só conheceu o alvamento...

—Não senhor. Depois do alvamento, outros se apaixonaram. Sei de alguns que a tiveram como amasia e tudo fizeram para ser felizes com ela. Mas todos tiveram a mesma sorte que eu tive. Homens até de grande responsabilidade e muitos haveres que podiam dar-lhe muito conforto.

A uns ela repeliu ao fim de algum tempo. Outros não encontraram nela o que queriam.

O mais feliz fui eu que fui apenas um namorado... E é por isso que eu digo que Maria Raimunda nasceu para o alvamento, que foi o homem que descobriu nela o desejo que a mulher sente mas que não diz a ninguém...

—João Cabôclo si o que dizes fosse verdade a infelicidade, estaria em quase todos os lares.

—Vosmecê é porque ainda não conhece o mundo, que é cheio de enganoso.

Olhe cá, vosmecê conhece o coronel Pinto Souza, de S. Jaronymo, casado com a mulher mais bonita do lugar?

—Si conheço! Por três vezes fui hospede do coronel, quando ia comprar reses que vinham de Goiás. Chama-se Santinha a sua esposa... Está muito grisalha mas ainda é bonita. São casados ha muitos anos!

—Trinta seis anos de casados!

—Uma vida...

—Sim senhor, uma vida!

Mas eu ouvi, uma tarde, uma conversa dela com a filha mais velha. Eu estava sentado num banco junto da porteira, quando ela passou conversando com a filha. O sol ia-se apagando.

—Laurinda, você está pensando mal. Acho que você fará um bom casamento. O rapaz vale. E' um tipo sério, trabalhador e muito querido de todos.

—Mas eu não me sinto atraída por ele.

—A felicidade está onde a gente a quer. Na tua idade eu me casei com teu pai. Tivemos nove filhos. Pois eu me casei com o teu pai sem gostar dele, e fica sabendo que ainda hoje não gosto dele!

A mocinha parou e olhou para d. Santinha, com o olhar muito espantado.

E ela continuou:

—Trata-me muito bem. Só faz o que eu quero. E' um homem de caráter, respeitavel, sério, trabalhador e de bons sentimentos.

Mas... não sei, ainda hoje, sinto que não gosto dele como homem. Gosto muito como amigo, companheiro e protetor.

Já me comprehendestes?

João Cabôclo tirou outro cigarro do bolso. Tirou a caixa de fósforo. Acendeu o cigarro. Guardou a caixa de fósforo e puxou uma fumaça.

—Vosmecê é muito moço e não conhece o mundo. Vosmecê conhece d. Branca, filha do capitão Bacaba, lá do rancho de Sto. Antonio?

—Bonita! Que bonita mulher. Bonita, rica e prendada! Mas já vai quebrando de carnes!

—Quarenta anos tem d. Branca!

—Mas ainda está bem conservada. E' muito alegre! Muito distinta!

E' uma mulher que sabe agradecer!

—Pois bem, d. Branca quando mocinha quis casar-se com o Saturnino Lopes... dono daquela criação de porcos de que vosmecê me falou no mês passado.

—Sei... sei...

(Continúa na pag. V).

—E' mais moça do que eu, mas não é uma sombra de Maria Raimundo, aos 17 anos de idade. O sofrimento comeu-lhe as carnes, queimou-lhe a pele, varou-lhe os olhos, arrancou-lhe os cabelos. Maria Raimunda foi roída pela desgraça, que quando não teve mais nada que roer, deixou-á tãa, enxotou-a por estas estradas... a fazer com as proprias mãos a casinha de palha para morar.

—E mora só? Porque nunca vi outra pessoa ali senão ela...

—E' por que vosmecê ainda não reparou... Acompanham-na sempre dois cães, um gato e muitas galinhas...

—Só.

—Nunca teve parentes. Não conheceu pai nem mãe. Quando me apaixonei por ela, morava em companhia de uma madrinha, já muito velha, que foi o pai e a mãe que ela conheceu. E era uma bebezinha a Maria Raimunda!

—Mas às vezes a casa está fechada...

—E' quando se embriaga. Então dorme o dia inteiro. Ou então é quando vai coser na visinhança, para ganhar alguns vintens.

—Mas olha que Maria Raimunda é uma ruína.

—E' verdade. Teria sido feliz, si não tivera nascido para o alvamento...

—Achas então que a Maria Raimunda nasceu somente para um homem?

—Ha mulheres assim...

Si o homem é bom, elas vivem num paraíso. E todas as desgraças suportam com valentia. Si não presta vive como Maria Raimunda, aos tranços e barrancos.

—João Cabôclo estás completamente enganado. A tua infelicidade no amor deu-te uma idéa falsa da mulher...

—Vosmecê pensa assim, porque ainda é muito moço e não conhece o mundo. Quem vê cara, não vê coração. O coração é cidade em que ninguém passeia. E coração de mulher é um labirinto.

—Queres assim convencer-me de que a Maria Raimunda só conheceu o alvamento...

—Não senhor. Depois do alvamento, outros se apaixonaram. Sei de alguns que a tiveram como amasia e tudo fizeram para ser felizes com ela. Mas todos tiveram a mesma sorte que eu tive. Homens até de grande responsabilidade e muitos haveres que podiam dar-lhe muito conforto.

A uns ela repeliu ao fim de algum tempo. Outros não encontraram nela o que queriam.

O mais feliz fui eu que fui apenas um namorado... E é por isso que eu digo que Maria Raimunda nasceu para o alvamento, que foi o homem que descobriu nela o desejo que a mulher sente mas que não diz a ninguém...

—João Cabôclo si o que dizes fosse verdade a infelicidade, estaria em quase todos os lares.

—Vosmecê é porque ainda não conhece o mundo, que é cheio de enganoso.

Olhe cá, vosmecê conhece o coronel Pinto Souza, de S. Jaronymo, casado com a mulher mais bonita do logar?

—Si conheço! Por três vezes fui hospede do coronel, quando ia comprar reses que vinham de Goiás. Chama-se Santinha a sua esposa... Está muito grisalha mas ainda é bonita. São casados ha muitos anos!

—Trinta seis anos de casados!

—Uma vida...

—Sim senhor, uma vida!

Mas eu ouvi, uma tarde, uma conversa dela com a filha mais velha. Eu estava sentado num banco junto da porteira, quando ela passou conversando com a filha. O sol ia-se apagando.

—Laurinda, você está pensando mal. Acho que você fará um bom casamento. O rapaz vale. E' um tipo sério, trabalhador e muito querido de todos.

—Mas eu não me sinto atraída por êle.

—A felicidade está onde a gente a quer. Na tua idade eu me casei com teu pai. Tivemos nove filhos. Pois eu me casei com o teu pai sem gostar dele, e fica sabendo que ainda hoje não gosto dele!

A mocinha parou e olhou para d. Santinha, com o olhar muito espantado.

E ela continuou:

—Trata-me muito bem. Só faz o que eu quero. E' um homem de caráter, respeitavel, sério, trabalhador e de bons sentimentos.

Mas... não sei, ainda hoje, sinto que não gosto dele como homem. Gosto muito como amigo, companheiro e protetor.

Já me comprehendestes?

João Cabôclo tirou outro cigarro do bolso. Tirou a caixa de fósforo. Acendeu o cigarro. Guardou a caixa de fósforo e puxou uma fumaça.

—Vosmecê é muito moço e não conhece o mundo. Vosmecê conhece d. Branca, filha do capitão Bacaba, lá do rancho de Sto. Antonio?

—Bonita! Que bonita mulher. Bonita, rica e prendada! Mas já vai quebrando de carnes!

—Quarenta anos tem d. Branca!

—Mas ainda está bem conservada. E' muito alegre! Muito distinta!

E' uma mulher que sabe agradecer!

—Pois bem, d. Branca quando mocinha quis casar-se com o Saturnino Lopes... dono daquela criação de porcos de que vosmecê me falou no mês passado.

—Sei... sei...

(Continúa na pag. V).

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

MAIO — 1941

NUM. 28

NASCIMENTO MORAES

UM ESQUEMA

DA GUERRA

Quando o telegrafo e o radio registaram a derrota inesperada da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de breves dias. Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Imperio Britannico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, a maior potência colonial do mundo. Foi tão intensa a campanha que quando o telegrafo e o radio registaram a derrota da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de pequeno lapso de tempo.

Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Imperio Britannico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, ou melhor, era um substantivo em que modestamente se ocultava a solenidade de um aposto — a maior potencia colonial do mundo!

Os proselytos da democracia ficaram de crista baixa quando o exercito francês deu a alma ao criador.

Porque a confiança de todos estava no exercito francez, o glorioso exercito das arrancadas formidaveis, aquele exercito que tecera para Napoleão Bonaparte laureas imortais. E' esse exercito estava desmoralizado. Gamelin, Weigand, haviam descambiado para o ocaseo.

E Hitler blasonava após o armistício: Dentro de 24 horas o exercito alemão invadirá a Gran-Bretanha! E todos acreditaram!

Mas em meio da catastrophe, ouviu-se uma voz que dominou a tragedia. Era uma voz serena, mas no momento de acentos tremendos, porque os que tiveram ouvidos de ouvir, compreenderam que aquela voz vinha do passado, atravessara alguns seculos de Civilização, irrompera do tronco anoso de uma nacionalidade. Compreenderam que aqueles acentos eram os da honra e da dignidade de um povo. Era a voz da História de uma Nação, que não se orgulhcia de seu poderio, nem de suas riquezas, mas que se ufanava de sua cultura sentimental, dos grandes serviços prestados a numerosos povos, em todos os continentes, por meio de uma colonisação que era o seu maior titulo de glória.

Essa voz saíra pela garganta de Churchill, em cuja personalidade vimos com admiração, a figura simbolica de todas as energias da raça que levara a todos os cantos da terra os caracteres inapagaveis de sua vitalidade, de sua pertinacia, de sua resistencia moral a todos os sacrificios e a todos os revezes que aguardam, em todas as latitudes, as grandes forças civilizadoras.

Churchill desafiava a tempestade. Zombava do raio ameaçador. De cerviz levantada respondia ao Chanceler germanico. Na sua voz reconheceram os que acompanham a evolução da vida politica dos povos a velha e tradicional convicção ingleza, que é a nfancia de um povo que se discipli-

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

MAIO — 1941

NUM. 28

NASCIMENTO MORAES

UM ESQUEMA

DA GUERRA

Quando o telegrafo e o radio registaram a derrota inesperada da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de breves dias. Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Imperio Britannico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, a maior potência colonial do mundo. Foi tão intensa a campanha que quando o telegrafo e o radio registaram a derrota da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de pequeno lapso de tempo.

Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Imperio Britannico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, ou melhor, era um substantivo em que modestamente se ocultava a solenidade de um aposto — a maior potencia colonial do mundo!

Os proselytos da democracia ficaram de crista baixa quando o exercito francês deu a alma ao criador.

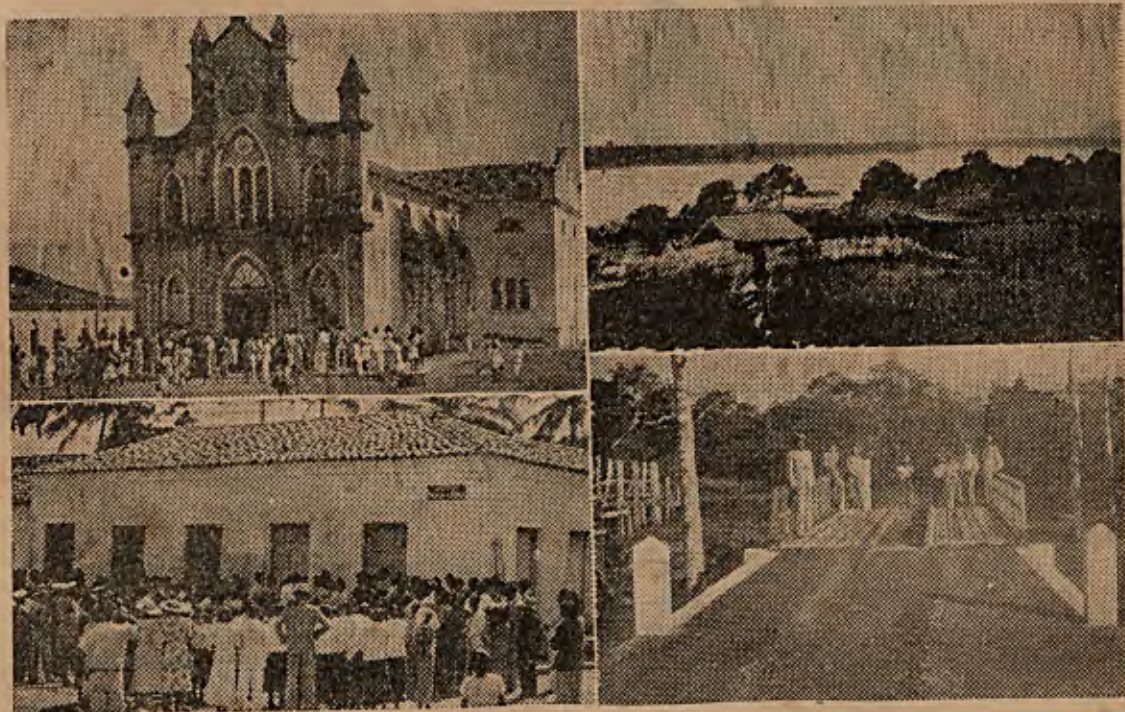
Porque a confiança de todos estava no exercito francez, o glorioso exercito das arrancadas formidaveis, aquele exercito que tecera para Napoleão Bonaparte laureas imortais. E' esse exercito estava desmoralizado. Gamelin, Weigand, haviam descambiado para o ocaso.

E Hitler blasonava após o armistício: Dentro de 24 horas o exercito alemão invadirá a Gran-Bretanha! E todos acreditaram!

Mas em meio da catastrophe, ouviu-se uma voz que dominou a tragedia. Era uma voz serena, mas no momento de acentos tremendos, porque os que tiveram ouvidos de ouvir, compreenderam que aquela voz vinha do passado, atravessara alguns seculos de Civilização, irrompera do tronco anoso de uma nacionalidade. Compreenderam que aqueles acentos eram os da honra e da dignidade de um povo. Era a voz da História de uma Nação, que não se orgulhcia de seu poderio, nem de suas riquezas, mas que se ufanava de sua cultura sentimental, dos grandes serviços prestados a numerosos povos, em todos os continentes, por meio de uma colonisação que era o seu maior titulo de glória.

Essa voz saíra pela garganta de Churchill, em cuja personalidade vimos com admiração, a figura simbolica de todas as energias da raça que levara a todos os cantos da terra os caracteres inapagaveis de sua vitalidade, de sua pertinacia, de sua resistencia moral a todos os sacrificios e a todos os revezes que aguardam, em todas as latitudes, as grandes forças civilizadoras.

Churchill desafiava a tempestade. Zombava do raio ameaçador. De cerviz levantada respondia ao Chanceler germanico. Na sua voz reconheceram os que acompanham a evolução da vida politica dos povos a velha e tradicional convicção inglesa, que é a nfancia de um povo que se discipli-



Alguns aspectos da cidade de Carolina, perla sertaneja e núcleo dos mais importantes do Maranhão. Vêm-se, ali, uma ponte construída sobre o rio Itapecurú, destacando as seguintes pessoas: o construtor Luiz Antonio Macêdo, o prefeito local e outras. A igreja da Matriz; inauguração da Avenida Paulo Ramos; um pitoresco recanto do subúrbio da cidade, vendo-se ao largo o magestoso rio Tocantins

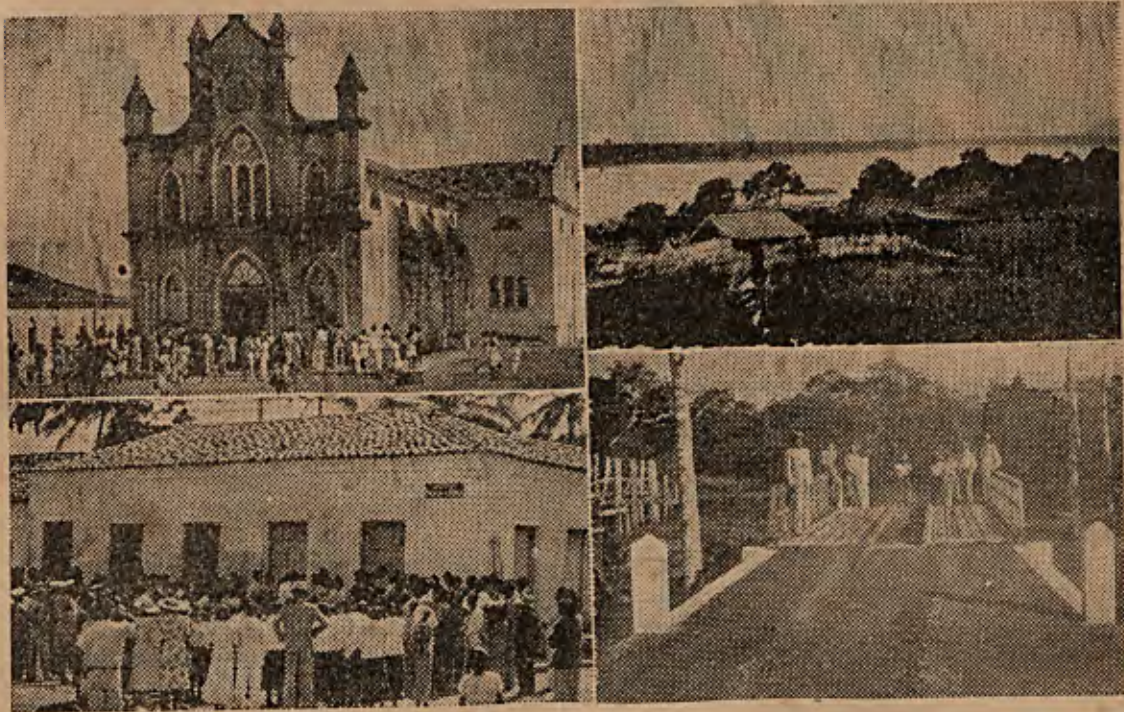
nou pelo trabalho metódico, pela persistência, pela abnegação e por uma paciência que nunca conheceu limites, para levar avante a sua obra edificadora.

Hitler, o gênio da guerra, não conhecia ao que parece, a psicologia do povo inglês. Resolvido a germanizar o mundo, com uma guerra fulminante, para que se preparara, confiado no seu indomável exército, estimulado pela sua estrondosa vitória na planície gaulesa, certo de que povo algum se podia opor ao seu aparelhamento bélico, as suas possantes máquinas de guerra, e com muita razão convencido de que sua arrancação contra a França abalaria o mundo, nas suas pilastras seculares, investiu contra a Mancha e o Passo de Calais. De posse da costa francesa da Mancha, preparou para o ataque os chamados portos de invasão. Nas costas da Noruega preparou e disciplinou numerosa tropa de desembarque. Mandou construir embarcações próprias para conduzir essas tropas às costas da Gran-Bretanha. Inventou lanchas velozes, que, bem artilhadas, deviam proteger o desembarque, e um dia, depois de incessantes ataques de sua aviação, decidiu-se ao passo pe-

rigoso, obrigado que já estava a dá-lo, depois que o houvera prometido, com todas as veras de suas resoluções, si bem, que por várias vezes o adiará... O desastre desse empreendimento ainda não foi contado com todos os pormenores. Sabe-se, porém, que foi grande. Até o mar se encrespou contra as forças germanicas, que foram completamente destruídas.

Segundo lemos, perto de setenta mil alemães foram vítimas pela estranha aventura.

E a luta recrudesciu. Hitler diante da dificuldade que se lhe apresentou, para invadir a Gran-Bretanha, jurou aos seus deuses arrazar com a sua poderosa aviação as principais cidades inglesas. Destruiu a ilha! Churchill calculou o tempo que Hitler empregaria para levar avante o seu cometimento! E chegou à evidência de que teria de levar muitos anos nesse trabalho ciclópico! E sorriu. E sem prometer coisa alguma continuou a fortificar a sua ilha, até que a transformou numa praça de guerra, inexpugnável, guardada por um dos maiores exércitos do mundo! Ninguém pode fazer uma idéia do que sejam as defesas da Gran-Bretanha!



Alguns aspectos da cidade de Carolina, perla sertaneja e núcleo dos mais importantes do Maranhão. Vêm-se, ali, uma ponte construída sobre o rio Itapecurú, destacando as seguintes pessoas: o construtor Luiz Antonio Macêdo, o prefeito local e outras. A igreja da Matriz; inauguração da Avenida Paulo Ramos; um pitoresco recanto do subúrbio da cidade, vendo-se ao largo o magestoso rio Tocantins

nou pelo trabalho metódico, pela persistência, pela abnegação e por uma paciência que nunca conheceu limites, para levar avante a sua obra edificadora.

Hitler, o gênio da guerra, não conhecia ao que parece, a psicologia do povo inglês. Resolvido a germanizar o mundo, com uma guerra fulminante, para que se preparara, confiado no seu indomável exército, estimulado pela sua estrondosa vitória na planície gaulesa, certo de que povo algum se podia opor ao seu aparelhamento bélico, as suas possantes máquinas de guerra, e com muita razão convencido de que sua arrancação contra a França abalaria o mundo, nas suas pilastras seculares, investiu contra a Mancha e o Passo de Calais. De posse da costa francesa da Mancha, preparou para o ataque os chamados portos de invasão. Nas costas da Noruega preparou e disciplinou numerosa tropa de desembarque. Mandou construir embarcações próprias para conduzir essas tropas às costas da Gran-Bretanha. Inventou lanchas velozes, que, bem artilhadas, deviam proteger o desembarque, e um dia, depois de incessantes ataques de sua aviação, decidiu-se ao passo pe-

rigoso, obrigado que já estava a dá-lo, depois que o houvera prometido, com todas as veras de suas resoluções, si bem, que por várias vezes o adiará... O desastre desse empreendimento ainda não foi contado com todos os pormenores. Sabe-se, porém, que foi grande. Até o mar se encrespou contra as forças germanicas, que foram completamente destruídas.

Segundo lemos, perto de setenta mil alemães foram vítimas pela estranha aventura.

E a luta recrudesciu. Hitler diante da dificuldade que se lhe apresentou, para invadir a Gran-Bretanha, jurou aos seus deuses arrazar com a sua poderosa aviação as principais cidades inglesas. Destruiu a ilha! Churchill calculou o tempo que Hitler empregaria para levar avante o seu cometimento! E chegou à evidência de que teria de levar muitos anos nesse trabalho ciclópico! E sorriu. E sem prometer coisa alguma continuou a fortificar a sua ilha, até que a transformou numa praça de guerra, inexpugnável, guardada por um dos maiores exércitos do mundo! Ninguém pode fazer uma idéia do que sejam as defesas da Gran-Bretanha!

Jornalistas e criticos militares que a propozi-
to a têm visitado descreveram-nas com um assom-
bro de aparelhamento bélico. Muito antes, Chur-
chill ao saber da resolução inabalavel de Hitler,
pronunciara uma frase que causou horror ao mun-
do:

“Deus tenha piedade dos que se aventurarem
a desembarcar em a nossa ilha” !

Estamos em abril de 1941. E as forças germa-
nicas não se animaram a outra tentativa.

O nazismo, pela primeira vez, sentiu abalado
o seu credito.

E' sobremaneira impressionante a energia bri-
tanica.

Ninguém até agora, conseguiu explicar como
a Inglaterra se preparou para essa luta tremenda.
Como conseguiu uma aviação capaz de bombar-
dear Berlim !

Como vertiginosamente colocou a sua aviação
em condições de enfrentar a aviação germanica
desde a Noruega até o deserto africano ! Como lhe
deu asas para varrer, a bombas, incessantemente,
todos os portos de invasão e para bombardear Ham-
burgo, na embocadura do Elba e toda Prussia
Rhenana !

Como poudes, em meio da tormenta, articular
todas as energias do seu vasto imperio colonial,
energias que não eram perfeitamente conhecidas
do mundo !

O Canadá, a Australia, a India, a Nova Ze-
landia, a União Sul Africana, emfim todas as suas
reservas economicas apresentaram ao mesmo tem-
po um espetaculo grande ! Não se verificou num só
de seus dominios e possessões uma dissonancia.
Ninguém deu um passo para trás ! Apresenta-
ram-se todos armados e equipados para a luta,
coesos, como nunca ninguém pensou, para enfren-
tar a luta.

Nunca tivemos noticia de que na face do pla-
neta, houvesse, em algum tempo, um exemplo tão
edificante de uma organização politica ! Os de-
mocratas nunca cuidaram que um governo demo-
cratico pudesse apresentar um modelo tão perfei-
to de ordem moral e de valimento material. Nin-
guem nunca pensou pudesse existir tão exuberan-
te demonstração de força !

Hitler enganou-se. A Alemanha desconhecia,
apesar da espionagem internacional os elementos
vitaes do Imperio Britanico. Iludia-se com as ati-
tudes de Chamberlain, que tudo fez para evitar a
guerra, mas que ao governo inglez deu algum tem-
po mais, para se preparar para a guerra, que, a
meu ver, elle previo, desde a ação violenta de Ita-
lia contra a Abyssinia. Mussolini naqueles dias,



ANÍ, filhinha do dr. Antonio Cordeiro, diretor do
Liceu Maranhense e advogado no fôro local e de
sua exma. esposa, d. Creusa Castro Cordeiro, na
garridice de seus verdes anos, e futura virtuose
do piano, tendo já ocupado o microfone de P. R.
J.-9 por alguns quartos de hora. Aní cursa, com
distinção, o 4.º ano primario do Instituto Rosa
Castro

escarneceu da Inglaterra e ameaçou a esquadra in-
glêsa com a sua aviação !...

Os covardes inglêses, como abertamente se di-
zia, aniquilaram a esquadra aleman no mar do Nor-
te e do Skager-rack, enquanto o 3.º Reich se
apoderava da Dinamarca e da Noruega. Aniquila-
ram parte da esquadra francêsa no inesperado gol-
pe de Oran, e inutilizaram outra parte em Ale-
xandria.

A esquadra italiana sistematicamente fugia a
dar ou oferecer combate á esquadra inglêsa...
Aguardava-se para um momento oportuno... e es-
se momento se lhe apresentava quando Hitler in-
vestisse contra a peninsula balcanica para isolar
a Inglaterra, de seu vasto Imperio. Porque o so-
nho de Hitler era fundar sobre os destroços do
Imperio Inglês o Imperio Germanico. Toda a sua

Jornalistas e criticos militares que a propozi-
to a têm visitado descreveram-nas com um assom-
bro de aparelhamento bélico. Muito antes, Chur-
chill ao saber da resolução inabalavel de Hitler,
pronunciara uma frase que causou horror ao mun-
do:

“Deus tenha piedade dos que se aventurarem
a desembarcar em a nossa ilha” !

Estamos em abril de 1941. E as forças germa-
nicas não se animaram a outra tentativa.

O nazismo, pela primeira vez, sentiu abalado
o seu credito.

E' sobremaneira impressionante a energia bri-
tanica.

Ninguém até agora, conseguiu explicar como
a Inglaterra se preparou para essa luta tremenda.
Como conseguiu uma aviação capaz de bombar-
dear Berlim !

Como vertiginosamente colocou a sua aviação
em condições de enfrentar a aviação germanica
desde a Noruega até o deserto africano ! Como lhe
deu asas para varrer, a bombas, incessantemente,
todos os portos de invasão e para bombardear Ham-
burgo, na embocadura do Elba e toda Prussia
Rhenana !

Como poudes, em meio da tormenta, articular
todas as energias do seu vasto imperio colonial,
energias que não eram perfeitamente conhecidas
do mundo !

O Canadá, a Australia, a India, a Nova Ze-
landia, a União Sul Africana, emfim todas as suas
reservas economicas apresentaram ao mesmo tem-
po um espetaculo grande ! Não se verificou num só
de seus dominios e possessões uma dissonancia.
Ninguém deu um passo para trás ! Apresenta-
ram-se todos armados e equipados para a luta,
coesos, como nunca ninguém pensou, para enfren-
tar a luta.

Nunca tivemos noticia de que na face do pla-
neta, houvesse, em algum tempo, um exemplo tão
edificante de uma organização politica ! Os de-
mocratas nunca cuidaram que um governo demo-
cratico pudesse apresentar um modelo tão perfei-
to de ordem moral e de valimento material. Nin-
guem nunca pensou pudesse existir tão exuberan-
te demonstração de força !

Hitler enganou-se. A Allemanha desconhecia,
apesar da espionagem internacional os elementos
vitaes do Imperio Britanico. Iludia-se com as ati-
tudes de Chamberlain, que tudo fez para evitar a
guerra, mas que ao governo inglez deu algum tem-
po mais, para se preparar para a guerra, que, a
meu ver, elle previo, desde a ação violenta de Ita-
lia contra a Abyssinia. Mussolini naqueles dias,



ANÍ, filhinha do dr. Antonio Cordeiro, diretor do
Liceu Maranhense e advogado no fôro local e de
sua exma. esposa, d. Creusa Castro Cordeiro, na
garridice de seus verdes anos, e futura virtuose
do piano, tendo já ocupado o microfone de P. R.
J.-9 por alguns quartos de hora. Aní cursa, com
distinção, o 4.º ano primario do Instituto Rosa
Castro

escarneceu da Inglaterra e ameaçou a esquadra in-
glêsa com a sua aviação !...

Os covardes inglêses, como abertamente se di-
zia, aniquilaram a esquadra aleman no mar do Nor-
te e do Skager-rack, enquanto o 3.º Reich se
apoderava da Dinamarca e da Noruega. Aniquila-
ram parte da esquadra francêsa no inesperado gol-
pe de Oran, e inutilizaram outra parte em Ale-
xandria.

A esquadra italiana sistematicamente fugia a
dar ou oferecer combate á esquadra inglêsa...
Aguardava-se para um momento oportuno... e es-
se momento se lhe apresentava quando Hitler in-
vestisse contra a peninsula balcanica para isolar
a Inglaterra, de seu vasto Imperio. Porque o so-
nho de Hitler era fundar sobre os destroços do
Imperio Inglês o Imperio Germanico. Toda a sua



Fachada magnífica do novo Quartel do 24 B/C. na sua fornidável estrutura de cimento armado

ação desde o começo da guerra foi nesse sentido. O ataque a Tcheco-Slovaquia, a Polónia e a Austria não teve outro objetivo.

O seu plano sempre foi rumo a Oeste! Em seguida, ocupava a Rumania. Aproximava-se de seu objetivo, auxiliado pela Italia que se endireitou no rumo do Egito, para alcançar o Suez e Aden. Mas a esquadra inglesa a pouco e pouco conseguiu destruir a esquadra italiana, que estaria agora dominando o Mediterraneo.

O exercito italiano destroçado pelos ingleses em sucessivos combates, tambem não se desempenhou do papel que lhe estava confiado. Hitler conseguiu transportar para os areais da Africa poderosa coluna de seu exercito que sem demora ocupou Benghasi e parecia apoderar-se em sucessivos ataques fulminantes da Libia e da Cirenaica. Mas os ingleses enfrentaram a coluna italo-germanica e opuzeram embargos á sua marcha.

No Mediterraneo a esquadra inglesa continua senhora da situação e dificulta a marcha do exercito alemão, combatido pelas forças británicas, iugoslávias e gregas.

Não se pode deixar de admirar a energia desses covardes ingleses, que "tinham por habito meter os outros no fogo e colher os proventos". Não

há na historia exemplo de tão grande capacidade militar, moral e tecnica.

E não se diga que a Alemanha está só na luta. Apoderando-se de vários países europeus, bastante adiantados, de grandes recursos economicos, com todas as indústrias, militarmente aparelhados com as suas fábricas de armas e munições, refinações, oficinas mecanicas, elétricas, refinações de petroleo, lhe não faltam vultosos auxilios. A Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Polónia, Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Belgica e a metade da França estão a trabalhar para ella. Póde dizer-se que já fez um vasto Imperio de povos escravizados.

A Inglaterra teve, porém, uma grande compensação — o poderoso auxilio dos Estados-Unidos da America do Norte.

Tambem estão com ela os franceses livres, os holandeses, os belgas, dinamarquês, os noruegueses, os poloneses e os tcheco-slováquios que puderam fugir á escravidão. Estão com ella, e de armas nas mãos dentro da Gran-Bretanha.

Incontestavelmente é de grande simpatia a attitude desses "ingleses covardes" que combatem a favor da consciencia livre dos povos, e que enfren-



Fachada magnífica do novo Quartel do 24 B/C. na sua fornidable estrutura de cimento armado

ação desde o começo da guerra foi nesse sentido. O ataque a Tcheco-Slovaquia, a Polónia e a Austria não teve outro objetivo.

O seu plano sempre foi rumo a Oeste! Em seguida, ocupava a Rumania. Aproximava-se de seu objetivo, auxiliado pela Italia que se endireitou no rumo do Egipto, para alcançar o Suez e Aden. Mas a esquadra inglesa a pouco e pouco conseguiu destruir a esquadra italiana, que estaria agora dominando o Mediterraneo.

O exercito italiano destroçado pelos ingleses em sucessivos combates, tambem não se desempenhou do papel que lhe estava confiado. Hitler conseguiu transportar para os areais da Africa poderosa coluna de seu exercito que sem demora ocupou Benghasi e parecia apoderar-se em sucessivos ataques fulminantes da Libia e da Cirenaica. Mas os ingleses enfrentaram a coluna italo-germanica e opuzeram embargos á sua marcha.

No Mediterraneo a esquadra inglesa continua senhora da situação e dificulta a marcha do exercito alemão, combatido pelas forças británicas, iugoslávias e gregas.

Não se pode deixar de admirar a energia desses covardes ingleses, que "tinham por habito meter os outros no fogo e colher os proventos". Não

há na historia exemplo de tão grande capacidade militar, moral e tecnica.

E não se diga que a Alemanha está só na luta. Apoderando-se de vários países europeus, bastante adiantados, de grandes recursos economicos, com todas as indústrias, militarmente aparelhados com as suas fábricas de armas e munições, refinações, oficinas mecanicas, elétricas, refinações de petroleo, lhe não faltam vultosos auxilios. A Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Polónia, Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Belgica e a metade da França estão a trabalhar para ella. Póde dizer-se que já fez um vasto Imperio de povos escravizados.

A Inglaterra teve, porém, uma grande compensação — o poderoso auxilio dos Estados-Unidos da America do Norte.

Tambem estão com ella os francezes livres, os holandeses, os belgas, dinamarqueses, os noruegueses, os poloneses e os tcheco-slováquios que puderam fugir á escravidão. Estão com ella, e de armas nas mãos dentro da Gran-Bretanha.

Incontestavelmente é de grande simpatia a attitude desses "ingleses covardes" que combatem a favor da consciencia livre dos povos, e que enfren-

“Abelha, tornou-lhe o mouro,
Que sussurra de agastada;
Herva, que as fôlhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada?”

Duas pessoas figuram nesses versos narrativos de Fr. Antão: a encantadora, formosíssima Gulnare, e o fragueiro e valente Mustafá. Mas, — e aqui vem, numa diferença, o que faz ao meu intento, — enquanto a linda sarracena é neles a **moira**, o forte e valoroso guerreiro é o **mouro**. O ditongo, que é **oi** no primeiro caso, passa a **ou** no segundo. E note-se que essa mudança da vogal subjuntiva do grupo importa reconhecer-se ter sido intencional, se não é que proveio do subconsciente com as iluminações da inspiração creadora. A hipótese e méra casualidade não poderia prevalecer, considerada a convizinhança em que estão, nas mencionadas redondilhas, as duas formas genéricas do vocabulo, fórmias que a gente enuncia nas duas seguintes expressões sentindo a propriedade, a particular significação de cada uma relativamente á personagem a que foi aplicada: **a moira Gulnare**, o mouro Mustafá. Essa diversidade assinala indubitavelmente a intenção de exprimir um contraste, porquanto, ao passo que Gulnare,

Frol dos jardins do profeta.

era um puro paradigma de beleza e sedução feminina, Mustafá outro não era senão o masculino e destemeroso lidader que descera da montanha á

frente dos seus legionarios para investir os cristãos, o que aconteceu de maneira que a enamorada mulhumana o comparou depois á mole gigante que rola

De agudo cimo tombando,
Arrazando o pinheiral.

Entendo que o aludido proposito não é menos legitimamente presumível que o de Heredia quando este excelente poeta e maravilhoso artista fez terminarem os oito primeiros versos do soneto **Viell orfèvre** por palavras em que sobreleva prosodicamente a terceira vogal. Julio Lemaitre, em **Les Contemporains**, 2.^a serie, põe este fáto em relevo, e, ao mesmo tempo que salienta o valor especial de varias dessas palavras, dado pertencerem essencialmente ao vocabulario do ourives e do armeiro, observa que nenhuma rima aberta, p. ex. em **ére** ou em **ale**, teria tido aí oportuna aplicação, e que “l’i devait dominer á la fin des vers, voyelle aigue comme l’épée, **menue et fine comme les joyaux**”.

Certamente que **moiro** é grafia seis vezes presente nas **Sextilhas** ao lado de **mouro**, forma esta vinte e nove vezes empregada. Essa duplicidade, contudo, absolutamente não existe em relação ao feminino da palavra, que é **moira**, sempre e sempre **moira** nos tres poemas de F. Antão em que foi utilizada: a **Loa da Princeza Santa, Gulnare e Mustafá, o Solao de Gonçalo Hermiguez**. Nem uma vez **mcura**, e **moira** trinta vezes. Não duvido de que tivesse havido exceção na regra por esse modo observada, se acaso apparecesse nas **Sextilhas** algum perfil de virago pertencente á raça dos prisioneiros trazidos a Portugal pelo vitorioso Afonso



Coelbo Neto, cidade maranhense em suas atividades construtoras

“Abelha, tornou-lhe o mouro,
Que sussurra de agastada;
Herva, que as fôlhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada?”

Duas pessoas figuram nesses versos narrativos de Fr. Antão: a encantadora, formosíssima Gulnare, e o frageiro e valente Mustafá. Mas, — e aqui vem, numa diferença, o que faz ao meu intento, — enquanto a linda sarracena é neles a **moira**, o forte e valoroso guerreiro é o **mouro**. O ditongo, que é **oi** no primeiro caso, passa a **ou** no segundo. E note-se que essa mudança da vogal subjuntiva do grupo importa reconhecer-se ter sido intencional, se não é que proveio do subconsciente com as iluminações da inspiração creadora. A hipótese e méra casualidade não poderia prevalecer, considerada a convizinhança em que estão, nas mencionadas redondilhas, as duas formas genéricas do vocabulo, fórmias que a gente enuncia nas duas seguintes expressões sentindo a propriedade, a particular significação de cada uma relativamente á personagem a que foi aplicada: **a moira Gulnare**, o mouro Mustafá. Essa diversidade assinala indubitavelmente a intenção de exprimir um contraste, porquanto, ao passo que Gulnare,

Frol dos jardins do profeta,

era um puro paradigma de beleza e sedução feminina, Mustafá outro não era senão o masculino e destemeroso lidador que descera da montanha á

frente dos seus legionarios para investir os cristãos, o que aconteceu de maneira que a enamorada mulhumana o comparou depois á mole gigante que rola

De agudo cimo tombando,
Arrazando o pinheiral.

Entendo que o aludido proposito não é menos legitimamente presumível que o de Heredia quando este excelente poeta e maravilhoso artista fez terminarem os oito primeiros versos do soneto **Viell orfèvre** por palavras em que sobreleva prosodicamente a terceira vogal. Julio Lemaitre, em **Les Contemporains**, 2.^a serie, põe este fáto em relevo, e, ao mesmo tempo que salienta o valor especial de varias dessas palavras, dado pertencerem essencialmente ao vocabulario do ourives e do armeiro, observa que nenhuma rima aberta, p. ex. em **ére** ou em **ale**, teria tido aí oportuna aplicação, e que “l’i devait dominer á la fin des vers, voyelle aigue comme l’épée, **menue et fine comme les bijoux**”.

Certamente que **moiro** é grafia seis vezes presente nas **Sextilhas** ao lado de **mouro**, forma esta vinte e nove vezes empregada. Essa duplicidade, comtudo, absolutamente não existe em relação ao feminino da palavra, que é **moira**, sempre e sempre **moira** nos tres poemas de F. Antão em que foi utilizada: a **Loa da Princeza Santa, Gulnare e Mustafá**, o **Solao de Gonçalo Hermiguez**. Nem uma vez **mcura**, e **moira** trinta vezes. Não duvido de que tivesse havido exceção na regra por esse modo observada, se acaso apparecesse nas **Sextilhas** algum perfil de virago pertencente á raça dos prisioneiros trazidos a Portugal pelo vitorioso Afonso



Coelho Neto, cidade maranhense em suas atividades construtoras



O nosso distinto conterraneo José Mariano Corrêa de Araujo Filho, aspirante do glorioso exercito nacional, servindo, atualmente, em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. O joven e guapo oficial é filho do sr. José Araujo, abastado comerciante em Pedreiras, neste Estado

so V no seu regresso das terras africanas. Porém não ha noticia de um que seja em qualquer dos três aludidos poemas. Tudo comprova que predominava em Frei Antão, pulsando em estos grandes, o coração do poeta, invariavelmente inclinado a vestir a mulher de incomparáveis esplendores. Atente-se nestes versos referentes ás que faziam parte daquela teoria de prisioneiros:

Vêm as moiras depois deles,
Rostos cobertos com véos;
Bem que filhas d'Agarenos,
São também filhas de Deos;
Se forão christans ou freiras,
Serão anjos dos céos.

E' como se apenas houvesse para o bom religioso a mulher da estirpe da abelha, segundo a sátira de Simonides de Amorgo; a mulher que Zeus generoso envolveu em graça divina para aformosar o planeta e fazer o homem feliz...

De Paul Verlaine

Nenhuma outra poesia do genial Vagabundo que escreveu os "Poemes Saturniens" e "Sagesse" refletem tão bem o seu gênio e a sua arte como essa popularissima "Chanson d'Automne", que aqui oferecemos aos nossos leitores, no original e numa tradução de Guilherme de Almeida.

CHANSON D'ANTOMNE

Les sanglots longs
Des violons

De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens,
Des jours anciens,
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille Morte.

Tradução de GUILHERME ALMEIDA

Estes lamentos
Dos violões lentos
Do outono
Enchem minha alma
De uma onda calma
De sono.

E soluçando,
Pálido, quando
Sôa a hora,
Recordo todos
Os dias doudos
De outrora.

E vou a tóa
No ar máo que vóa.
Que importa?
Vou pela vida,
Fólha caída
E morta.



O nosso distinto conterraneo José Mariano Corrêa de Araujo Filho, aspirante do glorioso exercito nacional, servindo, atualmente, em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. O jovem e guapo oficial é filho do sr. José Araujo, abastado comerciante em Pedreiras, neste Estado

so V no seu regresso das terras africanas. Porém não ha noticia de um que seja em qualquer dos três aludidos poemas. Tudo comprova que predominava em Frei Antão, pulsando em estos grandes, o coração do poeta, invariavelmente inclinado a vestir a mulher de incomparáveis esplendores. Atente-se nestes versos referentes ás que faziam parte daquela teoria de prisioneiros:

Vêm as moiras depois deles,
Rostos cobertos com véos;
Bem que filhas d'Agarenos,
São também filhas de Deos;
Se forão christans ou freiras,
Serão anjos dos céos.

E' como se apenas houvesse para o bom religioso a mulher da estirpe da abelha, segundo a sátira de Simonides de Amorgo; a mulher que Zeus generoso envolveu em graça divina para aformosar o planeta e fazer o homem feliz...

De Paul Verlaine

Nenhuma outra poesia do genial Vagabundo que escreveu os "Poemes Saturniens" e "Sagesse" refletem tão bem o seu gênio e a sua arte como essa popularissima "Chanson d'Automne", que aqui oferecemos aos nossos leitores, no original e numa tradução de Guilherme de Almeida.

CHANSON D'ANTOMNE

Les sanglots longs
Des violons

De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens,
Des jours anciens,
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille Morte.

Tradução de **GUILHERME ALMEIDA**

Estes lamentos
Dos violões lentos
Do outono
Enchem minha alma
De uma onda calma
De sono.

E soluçando,
Pálido, quando
Sôa a hora,
Recordo todos
Os dias doudos
De outrora.

E vou a tóa
No ar máo que vóa.
Que importa?
Vou pela vida,
Fólha caída
E morta.

CUNEGUNDES

CONEGO PALHANO DE JESUS

(Do livro "Cegueira Luminosa").

Em um logarejo do interior, vivia pacatamente o velho Cunegundes, que forjava e malhava o ferro sofrivelmente, no humilde mas honroso ofício de ferreiro.

Sua prôle era numerosa, donde lhe vinha grande prestígio nos tempos da finada política. Possuía dez filhos eleitores que lhe obedeciam cegamente, votando em quem êle determinasse. Para descarregar a votação de seu grupo familiar-político em favor do partido do governador, êle só exigia para si uma cousa: o cargo de delegado de polícia.

Destituído de instrução, nem por isso deixava de se julgar um sábio, empregando palavras que achava bonitas, muito embora não lhes soubesse a significação.

Era um dia de festas. Esperava-se no lugar um político de muita influencia no Estado. As ruas ostentavam bandeiras de papel e ramos de patís. Foguetes pipocavam no espaço chamando a população. A orquestra entusiasticamente tentava executar uma marcha, que felizmente o autor não ouvia. Chegou o vapor. Saltou o político, risinho cumprimentando as autoridades. Cunegundes, envergando um fraque de côr duvidosa, num gesto de saudação distendeu a dextra e ensaiou uma curvatura, murmurando solene:

—Sr. doutor, meus **cirviço** cumprimentos!

Homem finamente espirituoso, o recém-chegado depois de preenchidas as formalidades da recepção, gracejou:

—Ora, meus amigos, gripei-me a bordo e com isto perdi o meu olfato. Que prejuízo...

O delegado, atencioso e diligente, chamou um soldado:

—Macaúba!

—Pronto!

—Vá procurar o **orfato** do sr. doutor. Se encontrar alguém com êle, mête nas chaves!

Por ocasião das audiências, êle gostava de fazer preleções, mormente deante de matuto, que o olhavam estupefatos.

—Os senhores sabem, nã **prosopopéia** dos tem-

pos que passam, é **misterio** se conhecer as **multiplicidades unicas** das legislações **extemporaneas** (contemporaneas). Assim por exemplo: — O Direito é... é como a matematica: quando é, é mesmo!

Contemplando o efeito da **tirada**, satisfeito da vida, segredava ao vizinho:

—Não é por estar em minha presença, mas eu cá sou um homem inteligente!

—Pronto!

Era o Macaúba que se apresentava.

—O que ha?

—**Tá aqui esse inquilino** que veio dar queixa!

—Inquilino, não! Aprenda os termos da **pis-cologia**. Aqui se chama **constituítes**. Não ouviste o **devogado** falar no juri?

Com a cabeça quebrada, o rosto sujo de sangue o queixoso se aproximou:

—Vim dar queixa do Marmelão que quasi me matava de cacête. Veja como estou...

—Ora, vocês vivem brigando, Macaúba, vá buscar o Marmelão, morto ou vivo!

—Quem eu? — perguntou o guarda desconfiado.

—Qualquer um. Vá depressa!

Momentos depois entrava o criminoso. Cunegundes o apostrofou:

—Então, seu Marmelão, isso é cousa que se



Empresa Hidro Eletrica Itapecurú Ltda., vende-se a Usina e uma parte da queda d'agua

CUNEGUNDES

CONEGO PALHANO DE JESUS

(Do livro "Cegueira Luminosa").

Em um logarejo do interior, vivia pacatamente o velho Cunegundes, que forjava e malhava o ferro sofrivelmente, no humilde mas honroso officio de ferreiro.

Sua prôle era numerosa, donde lhe vinha grande prestígio nos tempos da finada politica. Possuía dez filhos eleitores que lhe obedeciam cegamente, votando em quem elle determinasse. Para descarregar a votação de seu grupo familiar-politico em favor do partido do governador, elle só exigia para si uma cousa: o cargo de delegado de policia.

Destituído de instrução, nem por isso deixava de se julgar um sábio, empregando palavras que achava bonitas, muito embora não lhes soubesse a significação.

Era um dia de festas. Esperava-se no lugar um politico de muita influencia no Estado. As ruas ostentavam bandeiras de papel e ramos de patis. Foguetes pipocavam no espaço chamando a população. A orquestra entusiasticamente tentava executar uma marcha, que felizmente o autor não ouvia. Chegou o vapor. Saltou o politico, risosinho cumprimentando as autoridades. Cunegundes, envergando um fraque de côr duvidosa, num gesto de saudação distendeu a dextra e ensaiou uma curvatura, murmurando solene:

—Sr. doutor, meus **cirviço** cumprimentos!

Homem finamente espirituoso, o recém-chegado depois de preenchidas as formalidades da recepção, gracejou:

—Ora, meus amigos, gripei-me a bordo e com isto perdi o meu olfato. Que prejuizo...

O delegado, atencioso e diligente, chamou um soldado:

—Macaúba!

—Pronto!

—Vá procurar o **orfato** do sr. doutor. Se encontrar alguém com elle, mête nas chaves!

Por ocasião das audiencias, elle gostava de fazer preleções, mormente deante de matuto, que o olhavam estupefatos.

—Os senhores sabem, na **prosopopéia** dos tem-

pos que passam, é **misterio** se conhecer as **multiplicidades unicas** das legislações **extemporaneas** (contemporaneas). Assim por exemplo: — O Direito é... é como a matematica: quando é, é mesmo!

Contemplando o effeito da **tirada**, satisfeito da vida, segredava ao vizinho:

—Não é por estar em minha presença, mas eu cá sou um homem inteligente!

—Pronto!

Era o Macaúba que se apresentava.

—O que ha?

—**Tá aqui esse inquilino** que veio dar queixa!

—Inquilino, não! Aprenda os termos da **pis-cologia**. Aqui se chama **constituities**. Não ouviste o **devogado** falar no juri?

Com a cabeça quebrada, o rosto sujo de sangue o queixoso se aproximou:

—Vim dar queixa do Marmelão que quasi me matava de cacête. Veja como estou...

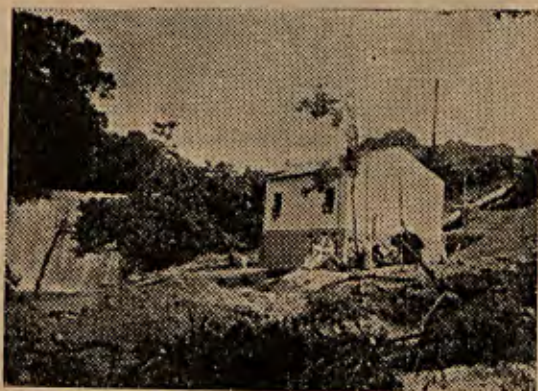
—Ora, vocês vivem brigando, Macaúba, vá buscar o Marmelão, morto ou vivo!

—Quem eu? — perguntou o guarda desconfiado.

—Qualquer um. Vá depressa!

Momentos depois entrava o criminoso. Cunegundes o apostrofou:

—Então, seu Marmelão, isso é cousa que se



Empresa Hidro Eletrica Itapecurú Ltda., vendendo a Usina e uma parte da queda d'agua



Um aspecto da solenidade com que o governo do Estado bateu a pedra fundamental da Maternidade, que será construída á praça de S. Pantaleão. Vêm-se, no presente "cliché", o dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, o sr. Arcebispo D. Carlos Carmelo, o desembargador Costa Fernandes, presidente do Tribunal, o dr. José Albuquerque Alencar, secretario geral e outras pessoas gradas.

faça com os ambos? O senhor quer **suicidar o proximo** com um cacête?! Isso não se atura!!

—Foi porque êle me insultou.

—Bem. E' melhor viverem em paz. São dois pais de família que iam-se acabando. E se se acabassem, então justariamos conta! Mas como o fermento é **superficial**, por essa vez fica nulo. Podem ir.

Marmelão, no entanto, tinha levado consigo o **cacête**, porque não tivera tempo de o pôr fóra, devido á presteza com que fóra prêso. Cunegundes assim que o notou enfureceu-se:

—Isso se atura?! O senhor vir em minha presença com o cacête sujo de sangue do **suplicante**!!

Ato contínuo ordenou ao guarda:

—Macaúba, mêtta o homem nas chaves para aprender respeitar a **turidade**!...

Cunegundes possuía o inveterado hábito de, todos os dias, á hora certa ir á quitanda do compadre Malaquias tomar cem réis de vinho. A medida era um copo pequeno, de vidro grosso e chafado.

O quitandeiro já sabia: quando via entrar seu costumado freguês, enchia a medida da preciosa bebida, colocando-a sobre o balcão. Este por sua

vez, depositava a moêda e esvasiava o copo, retirando-se em seguida.

Em uma destas ocasiões, justamente quando comprador se dispunha a tomar o vinho, chegou um amigo seu, homem de importancia na sociedade local. Querendo demonstrar polidez, o vinófilo ofereceu risonho e cheio de salamaleques:

—E' servido, meu nobre amigo?

Este, muito naturalmente, com a intenção de ser agradável, aceitou:

—Pois não; como muito prazer.

Sem mais preâmbulos recebeu o copo de vinho sorvendo gostosamente o apetecível conteúdo.

Cunegundes ficou paralizado ante o resultado do oferecimento que fizera por méra cortesia, pois sua avareza não dava margens á generosidade.

O quitandeiro, com interêsse de vender, apressou-se:

—Outro copo, sr. Cunegundes. E' ótimo vinho!

Ele voltou-se solene, formalizado:

—Não! Agora, **só** amanhã!

Saindo mau humorado, cabeça erguido e andando fortemente no chão, sentenciou com firmeza:

—O oferecer é dos homens! O aceitar é canalhas!



Um aspecto da solenidade com que o governo do Estado bateu a pedra fundamental da Maternidade, que será construída á praça de S. Pantaleão. Vêm-se, no presente "cliché", o dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, o sr. Arcebispo D. Carlos Carmelo, o desembargador Costa Fernandes, presidente do Tribunal, o dr. José Albuquerque Alencar, secretario geral e outras pessoas gradas.

faça com os ambos? O senhor quer **suicidar o proximo** com um cacête?! Isso não se atura!!

—Foi porque êle me insultou.

—Bem. E' melhor viverem em paz. São dois pais de família que iam-se acabando. E se se acabassem, então justariamos conta! Mas como o fermento é **superficial**, por essa vez fica nulo. Podem ir.

Marmelão, no entanto, tinha levado consigo o **cacête**, porque não tivera tempo de o pôr fóra, devido á presteza com que fóra prêso. Cunegundes assim que o notou enfureceu-se:

—Isso se atura?! O senhor vir em minha presença com o cacête sujo de sangue do **suplicante**!!

Ato contínuo ordenou ao guarda:

—Macaúba, mêtta o homem nas chaves para aprender respeitar a **turidade**!...

Cunegundes possuía o inveterado hábito de, todos os dias, á hora certa ir á quitanda do compadre Malaquias tomar cem réis de vinho. A medida era um copo pequeno, de vidro grosso e chafado.

O quitandeiro já sabia: quando via entrar seu costumado freguês, enchia a medida da preciosa bebida, colocando-a sobre o balcão. Este por sua

vez, depositava a moêda e esvasiava o copo, retirando-se em seguida.

Em uma destas ocasiões, justamente quando o comprador se dispunha a tomar o vinho, chegou um amigo seu, homem de importancia na sociedade local. Querendo demonstrar polidez, o vinófilo ofereceu risonho e cheio de salamaleques:

—E' servido, meu nobre amigo?

Este, muito naturalmente, com a intenção de ser agradável, aceitou:

—Pois não; como muito prazer.

Sem mais preâmbulos recebeu o copo de vinho sorvendo gostosamente o apetecível conteúdo.

Cunegundes ficou paralizado ante o resultado do oferecimento que fizera por méra cortesia, pois sua avareza não dava margens á generosidade.

O quitandeiro, com interêsse de vender, apressou-se a dar o copo:

—Outro copo, sr. Cunegundes. E' ótimo vinho!

Ele voltou-se solene, formalizado:

—Não! Agora, só amanhã!

Saindo mau humorado, cabeça erguida e andando fortemente no chão, sentenciou com firmeza:

—O oferecer é dos homens! O aceitar é de canalhas!

PORQUE EU TE AMO!..:

NENÊ MACAGGI

Escuta, meu Amôr!

Vem comigo aqui, debaixo da nuvem de renda deste guaperuvú. Embriaga-te nêsse perfume preguiçoso e sutil que flutua pelo ar e deixa que tua carne adormeça!

Acorda sómente a tua alma, escancara-lhe os olhos anciosos e aflitos e ouve as minhas palavras ardentes e sinceras.

Quero dizer-te o que tantas vêsas tenho repetido — a razão porque te amo!

E' uma cousa tão delicada e ao mesmo tempo tão profunda, que lá dentro eu não teria coragem para dizê-la. Lá dentro há rumor de vozes, há hipocrisia e mentira. Aqui existe sómente verdade, a verdade da belêsa incorpórea do que estamos sentindo, a verdade da belêsa física da Vida e o silencio emocional das cousas que nos rodeiam!

Porque te amo... Amo-te por tudo, porque és Tú!

Amo-te pelos teus olhos molhados e brilhantes, de reflexos duplos, verdes como as fôlhas desta árvore, que me devassam o pensamento!

Amo-te pela tua bôca inquiêta, sempre pronta a me deslumbrar e atordar com as frases lindas e cintilantes que me diz!

Amo-te pelos teus braços nervosos e fortes, que abrigam num braço quente e carinhoso o meu corpo esguio e fragil de mulher!

Amo-te pelas tuas mãos que, em afagos enlanguescentes, assenhoreiam-se das minhas idéas e impulsionam a minha alma cheia de tédio e de amargura para a volúpia da resurreição!

Amo-te pelo teu coração simples e generoso, que veio convulsionar a minha existencia humilde e pacata, afogada até então na nevrose do desalento sempre redivivo!

E amo-te ainda mais pela tua alma, porque ela me deu uma outra vida carnal e espiritual que eu desconhecia e deslisa pelos meus sentidos exaltados, fazendo-me cantar e rir, chorar e gritar de contentamento!

A tua essencia embriagadôra me penetrou no sangue e nos nervos, grandiosa e sublime, dominando-se e perturbando-me por habitar o meu corpo quasi sem vida, alentando-o, balançando-o dôcemente como faz a mãe com o filho pequenino!

E te digo, soluçando de alegria! Não te afas-

tarás mais de mim! Porque, como eu te amo assim tão profundamente, com esta paixão tão majestosa e tão bela, tão cheia de receios e de torturas, de humilhações e de anseios, sinto que tu, a quem idolatro mais do que a tudo neste mundo, tu, que és o meu orgulho e a minha felicidade, estás para sempre unido a mim!

Para além da Vida e para além da Morte, nossas almas, que se amam desta maneira impossível e irremediável, cheias de vibração e de luz, ligar-se-ão por uma corrente invisível, mais poderosa do que todas as correntes materiaes, porque é feita do amôr intenso e extraordinario que te consagro, deste amôr glorioso e imortal!...

E' por isso que eu te amo!

Louca, vitoriosa, cruel e desesperadamente!...



A gentil senhorita Maria Celeste Pinto, orgulho do lar Emidio Pinto — Adalgisa R. Pinto, residentes em Pedreiras, que acaba de concluir, com brilhantismo, o curso de humanidades no Collegio Santa Tereza

PORQUE EU TE AMO!..:

NENÊ MACAGGI

Escuta, meu Amôr !

Vem comigo aqui, debaixo da nuvem de renda deste guaperuvú. Embriaga-te nêsse perfume preguiçoso e sutil que flutua pelo ar e deixa que tua carne adormeça !

Acorda sómente a tua alma, escancara-lhe os olhos anciosos e aflitos e ouve as minhas palavras ardentes e sinceras.

Quero dizer-te o que tantas vês tenho repetido — a razão porque te amo !

E' uma cousa tão delicada e ao mesmo tempo tão profunda, que lá dentro eu não teria coragem para dizê-la. Lá dentro há rumor de vozes, há hipocrisia e mentira. Aqui existe sómente verdade, a verdade da belêsa incorpórea do que estamos sentindo, a verdade da belêsa física da Vida e o silencio emocional das cousas que nos rodeiam !

Porque te amo... Amo-te por tudo, porque és Tú !

Amo-te pelos teus olhos molhados e brilhantes, de reflexos duplos, verdes como as fôlhas desta árvore, que me devassam o pensamento !

Amo-te pela tua bôca inquiêta, sempre pronta a me deslumbrar e atordar com as frases lindas e cintilantes que me diz !

Amo-te pelos teus braços nervosos e fortes, que abrigam num braço quente e carinhoso o meu corpo esguio e fragil de mulher !

Amo-te pelas tuas mãos que, em afagos enlanguescentes, assenhoreiam-se das minhas idéas e impulsionam a minha alma cheia de tédio e de amargura para a volúpia da resurreição !

Amo-te pelo teu coração simples e generoso, que veio convulsionar a minha existencia humilde e pacata, afogada até então na nevrose do desalento sempre redivivo !

E amo-te ainda mais pela tua alma, porque ela me deu uma outra vida carnal e espiritual que eu desconhecia e deslisa pelos meus sentidos exaltados, fazendo-me cantar e rir, chorar e gritar de contentamento !

A tua essencia embriagadôra me penetrou no sangue e nos nervos, grandiosa e sublime, dominando-se e perturbando-me por habitar o meu corpo quasi sem vida, alentando-o, balançando-o dôcemente como faz a mãe com o filho pequenino !

E te digo, soluçando de alegria ! Não te afas-

tarás mais de mim ! Porque, como eu te amo assim tão profundamente, com esta paixão tão majestosa e tão bela, tão cheia de receios e de torturas, de humilhações e de anseios, sinto que tu, a quem idolatro mais do que a tudo neste mundo, tu, que és o meu orgulho e a minha felicidade, estás para sempre unido a mim !

Para além da Vida e para além da Morte, nossas almas, que se amam desta maneira impossível e irremediavel, cheias de vibração e de luz, ligar-se-ão por uma corrente invisível, mais poderosa do que todas as correntes materiaes, porque é feita do amôr intenso e extraordinario que te consagro, deste amôr glorioso e imortal !...

E' por isso que eu te amo !

Louca, vitoriosa, cruel e desesperadamente !...



A gentil senhorita Maria Celeste Pinto, orgulho do lar Emidio Pinto — Adalgisa R. Pinto, residentes em Pedreiras, que acaba de concluir, com brilhantismo, o curso de humanidades no Colegio Santa Tereza

A colaboração de Hollywood

De ha muito que, encarregados de divulgar o Brasil nos Estados-Unidos, vimos fazendo sentir a necessidade dos produtores cinematograficos norte-americanos colaborarem tambem, ao lado das demais industrias, no Política de Boa Visinhança. Além de oferecermos a Hollywood nossos préstimos, nossos arquivos de consulta e os nossos conhecimentos de naturais do país, temos tido ocasião de apontar, em nossas publicações, o descaso absoluto com que Hollywood sempre representa os países e os povos latino-americanos — principalmente o Brasil e os brasileiros. Sem repisar, em detalhes, a indiferença com que “fabricam” as traduções de legendas dos filmes que para nós exportam, achamos oportuno mencionar o que se tem passado nestes últimos meses com as fitas feitas para “estreitar” as relações pan-americanas:

Agravada a situação em todo o mundo, as autoridades norte-americanas sugeriram aos produtores de Hollywood a conveniencia de explorarem assuntos da America Latina, divulgando assim essa parte do Novo Mundo, indicando ás indústrias dos Estados-Unidos as possibilidades de novos mercados consumidores, tornando mais conhecidas as materias primas e as riquezas naturais do resto do continente — promovendo uma aproximação de interesses comerciais e culturais. Voltaram os produtores aos seus “studios” e, semanas depois, davam ás platéias americanas seus primeiros rebentos: Uma companhia apresentou “Rio”, filme que colocava a Ilha do Diabo em distancia suburbana do Rio de Janeiro. Uma das principais emprêsas, estabelecida no Brasil até com cinemas próprios, aproveitou um trecho de história para apresentar uma cena sul-americana, em que o herói norte-americano subornava um general do país incógnito. A seguir, outra emprêsa lançou uma comédia em que um parasita social, sustentado por uma dama americana, se dizia brasileiro... Dias depois, uma comédia do trio Ritz Brothers, apresentava a Guanabara como sendo o porto de Buenos-Aires. Mais algumas semanas, e lançaram o primeiro filme de Carmen Miranda, “Down Argentine Way”, em que se notava a preocupação de ridicularizar o povo e os hábitos da grande nação portenha.

A essa altura, começaram a cruzar-se cabogramas entre as capitais da America Latina e os departamentos de exportação dos produtores de Hollywood. Protestos, observações, ameaças começaram a cruzar as Americas, pelo ar e pelos cabos submarinos. O filme de Carmen Miranda não podia ser exibido em Buenos-Aires; o proprio representante da emprêsa produtora recusava-se a lança-lo, com receio de consequências graves.

Hollywood imediatamente abriu o Atlas, conferiu os países de onde aúfere não poucos milhões de dólares anualmente, e resolveu alterar o que já havia exibido ao público americano mas que ainda poderia render muito no mercado de exportação. Córtes, alterações, substituições de cenas e legendas — e o nosso publico não se deu por achado, ao aplaudir as versões especiais.

Foi nesse ambiente que Hollywood começou a filmagem da historia de Simón Bolivar, recentemente. Foi nesse processo de aprendizagem que



Celia Silva, distinta e aplicada aluna do Ginásio de Penêdo, no Estado de Alagoas. E' maranhense e filha do nosso conterraneo sr. Juvenal Bantos da Silva, agente fiscal do Imposto de Consumo, atualmente, servindo naquêlê Estado

A colaboração de Hollywood

De ha muito que, encarregados de divulgar o Brasil nos Estados-Unidos, vimos fazendo sentir a necessidade dos produtores cinematograficos norte-americanos colaborarem tambem, ao lado das demais industrias, no Política de Boa Visinhança. Além de oferecermos a Hollywood nossos préstimos, nossos arquivos de consulta e os nossos conhecimentos de naturais do país, temos tido ocasião de apontar, em nossas publicações, o descaso absoluto com que Hollywood sempre representa os países e os povos latino-americanos — principalmente o Brasil e os brasileiros. Sem repisar, em detalhes, a indiferença com que “fabricam” as traduções de legendas dos filmes que para nós exportam, achamos oportuno mencionar o que se tem passado nestes últimos meses com as fitas feitas para “estreitar” as relações pan-americanas:

Agravada a situação em todo o mundo, as autoridades norte-americanas sugeriram aos produtores de Hollywood a conveniencia de explorarem assuntos da America Latina, divulgando assim essa parte do Novo Mundo, indicando ás indústrias dos Estados-Unidos as possibilidades de novos mercados consumidores, tornando mais conhecidas as materias primas e as riquezas naturais do resto do continente — promovendo uma aproximação de interesses comerciais e culturais. Voltaram os produtores aos seus “studios” e, semanas depois, davam ás platéias americanas seus primeiros rebentos: Uma companhia apresentou “Rio”, filme que colocava a Ilha do Diabo em distancia suburbana do Rio de Janeiro. Uma das principais emprêsas, estabelecida no Brasil até com cinemas próprios, aproveitou um trecho de história para apresentar uma cena sul-americana, em que o herói norte-americano subornava um general do país incógnito. A seguir, outra emprêsa lançou uma comédia em que um parasita social, sustentado por uma dama americana, se dizia brasileiro... Dias depois, uma comédia do trio Ritz Brothers, apresentava a Guanabara como sendo o porto de Buenos-Aires. Mais algumas semanas, e lançaram o primeiro filme de Carmen Miranda, “Down Argentine Way”, em que se notava a preocupação de ridicularizar o povo e os hábitos da grande nação portenha.

A essa altura, começaram a cruzar-se cabogramas entre as capitais da America Latina e os departamentos de exportação dos produtores de Hollywood. Protestos, observações, ameaças começaram a cruzar as Americas, pelo ar e pelos cabos submarinos. O filme de Carmen Miranda não podia ser exibido em Buenos-Aires; o proprio representante da emprêsa produtora recusava-se a lança-lo, com receio de consequências graves.

Hollywood imediatamente abriu o Atlas, conferiu os países de onde auferê não poucos milhões de dólares anualmente, e resolveu alterar o que já havia exibido ao público americano mas que ainda poderia render muito no mercado de exportação. Córtes, alterações, substituições de cenas e legendas — e o nosso publico não se deu por achado, ao aplaudir as versões especiais.

Foi nesse ambiente que Hollywood começou a filmagem da historia de Simón Bolivar, recentemente. Foi nesse processo de aprendizagem que



Celia Silva, distinta e aplicada aluna do Ginásio de Penêdo, no Estado de Alagoas. E' maranhense e filha do nosso conterraneo sr. Juvenal Bastos da Silva, agente fiscal do Imposto de Consumo, atualmente, servindo naquêlê Estado



A inauguração do novo Quartel do 24 B/C foi, na Semana Getulio Vargas, a solenidade maxima. No presente "cliché" vemos o dr. Paulo Ramos, Interventor, o general Meira de Vasconcelos, representante do sr. Ministro da Guerra, o sr. gal. Edgard Facó, comandante da 8.^a Região Militar, o cel. Raul Miranda Leal, representante dos srs. generaes Rabelo e Lobato, e officialidade do 24 B/C

se terminou o segundo filme de Carmen Miranda — "That Night in Rio". Era natural a expectativa de pessimismo, da nossa parte e da parte dos proprios representantes das empresas nos países da America Latina. Alguns têm vindo de avião, para consultas e revisões; outros continuam a enviar aos produtores as mais rigorosas recomendações. Por fim, lançou-se "That Night in Rio", na semana passada. Devemos confessar a nossa agradável surpresa, pois Hollywood apresenta, pela primeira vez, um filme que em nada nos pôde melindrar. Evidentemente, as ponderações das autoridades interessadas e a insistencia dos agentes cinematograficos na America Latina forçaram Hollywood a abandonar seus "símbolos" latino-americanos, de **sombreros** e aldeias sórdidas, para revelar ao publico um quadro mais aproximado da realidade. Além de apresentar um ambiente brasileiro razoavelmente estilizado e bastante lisonjeiro, Hollywood fez questão de atender, neste filme, aos mínimos detalhes de idioma, de

moeda do país, de música típica e de nomes proprios.

Ao mesmo tempo, um outro filme acaba de ser lançado na Broadway com uma mensagem oportuna para o publico dos Estados Unidos: Em várias cenas informa á platéia, no decorrer dos diálogos, que "o idioma português é muito util, pois é a unica lingua que se fala em Portugal e no Brasil".

Que Hollywood resolveu remir-se, parece não haver dúvida. Ha três semanas que os jornais cinematograficos apresentam cenas do Rio de Janeiro — reportagens do Carnaval, aspêtos de um concurso de belêsa, pintores e desenhistas copiando as maravilhas da Guanabara, etc. Si alguns dos aspêtos de rua não nos convêm como propaganda construtiva, por outro lado os repetidos elogios ás belêsas naturais contribuem para fomentar uma curiosidade ainda maior em torno do nosso Gigante Desconhecido.

Oxalá que estejamos assistindo ao início



A inauguração do novo Quartel do 24 B/C foi, na Semana Getulio Vargas, a solenidade maxima. No presente "cliché" vemos o dr. Paulo Ramos, Interventor, o general Meira de Vasconcelos, representante do sr. Ministro da Guerra, o sr. gal. Edgard Facó, comandante da 8.^a Região Militar, o cel. Raul Miranda Leal, representante dos srs. generaes Rabelo e Lobato, e officialidade do 24 B/C

se terminou o segundo filme de Carmen Miranda — "That Night in Rio". Era natural a expectativa de pessimismo, da nossa parte e da parte dos proprios representantes das empresas nos países da America Latina. Alguns têm vindo de avião, para consultas e revisões; outros continuam a enviar aos produtores as mais rigorosas recomendações. Por fim, lançou-se "That Night in Rio", na semana passada. Devemos confessar a nossa agradável surpresa, pois Hollywood apresenta, pela primeira vez, um filme que em nada nos pôde melindrar. Evidentemente, as ponderações das autoridades interessadas e a insistencia dos agentes cinematograficos na America Latina forçaram Hollywood a abandonar seus "símbolos" latino-americanos, de **sombreros** e aldeias sórdidas, para revelar ao publico um quadro mais aproximado da realidade. Além de apresentar um ambiente brasileiro razoavelmente estilizado e bastante lisonjeiro,, Hollywood fez questão de atender, neste filme, aos mínimos detalhes de idioma, de

moeda do país, de música típica e de nomes proprios.

Ao mesmo tempo, um outro filme acaba de ser lançado na Broadway com uma mensagem oportuna para o publico dos Estados Unidos: Em várias cenas informa á platéa, no decorrer dos diálogos, que "o idioma português é muito util, pois é a unica lingua que se fala em Portugal e no Brasil".

Que Hollywood resolveu remir-se, parece não haver dúvida. Ha três semanas que os jornais cinematograficos apresentam cenas do Rio de Janeiro — reportagens do Carnaval, aspétos de um concurso de belêsa, pintores e desenhistas copiando as maravilhas da Guanabara, etc. Si alguns dos aspétos de rua não nos convêm como propaganda construtiva, por outro lado os repetidos elogios ás belêsas naturais contribuem para fomentar uma curiosidade ainda maior em torno do nosso Gigante Desconhecido.

Oxalá que estejamos assistindo ao início

DEZENOVE DE ABRIL

Em homenagem a S. Excia. o Sr.
Dr. Getulio Vargas, pela passagem de
seu aniversário natalício.

Saúdo, nesta data, o grande Brasileiro,
O Chefe da Nação e amigo de seu povo,
O Herói que se mostrou sereno e sobranceiro,
Da Pátria salvador, fundando o Estado Novo !

No palôr de um sonêto, a minha pena movo
Para felicitar, sincero e alviçareiro,
O nosso Presidente, e com justiça o louvo
Por ser de estóica Náu tão habil timoneiro !

Da Náu de Santa Cruz, Arca de refulgência,
Que veleja feliz por sobre um mar de rosas,
A' luz desse Farol de sua presidência...

uma nova política da parte dos produtores de Hollywood. O cinema é um veículo poderosíssimo de educação visual. Como tal, poderá colaborar como nenhum outro na grande campanha de emergência em que se basêiam os esquemas vários de pan-americanismo neste momento. Realmente, seria de se estranhar que entre todas as instituições, entidades e indústrias dos Estados Unidos, só a poderosa Hollywood se conservasse alheia aos bons intuitos da Política de Boa Vizinhança. E seria de se lamentar que assim fôsse retribuído o interesse com que a grande maioria do público brasileiro acompanha os feitos dessa indústria, os pro-

Que lhe conceda Deus paz e venturas mil,
—O merecido premio às obras valorosas
Que vem pondo em relevo as glórias do Brasil !

ALARICO DA CUNHA

Da Academia Piauiense de Letras

Parnaíba, 19-4-1941.

jétos de seus produtores e os aspétos mais frívolos dos seus protagonistas.



O Tenente-coronel José Faustino quando discursava ao entregar ao sr. Ministro da Guerra as chaves simbólicas do novo Quartel do 24 B/C

DEZENOVE DE ABRIL

Em homenagem a S. Excia. o Sr.
Dr. Getulio Vargas, pela passagem de
seu aniversário natalício.

Saúdo, nesta data, o grande Brasileiro,
O Chefe da Nação e amigo de seu povo,
O Herói que se mostrou sereno e sobranceiro,
Da Pátria salvador, fundando o Estado Novo !

No palôr de um sonêto, a minha pena movo
Para felicitar, sincero e alviçareiro,
O nosso Presidente, e com justiça o louvo
Por ser de estóica Náu tão habil timoneiro !

Da Náu de Santa Cruz, Arca de refulgência,
Que veleja feliz por sobre um mar de rosas,
A' luz desse Farol de sua presidência...

uma nova política da parte dos produtores de Hollywood. O cinema é um veículo poderosíssimo de educação visual. Como tal, poderá colaborar como nenhum outro na grande campanha de emergência em que se basêiam os esquemas vários de pan-americanismo neste momento. Realmente, seria de se estranhar que entre todas as instituições, entidades e indústrias dos Estados Unidos, só a poderosa Hollywood se conservasse alheia aos bons intuitos da Política de Boa Vizinhança. E seria de se lamentar que assim fôsse retribuído o interesse com que a grande maioria do público brasileiro acompanha os feitos dessa indústria, os pro-

Que lhe conceda Deus paz e venturas mil,
—O merecido premio às obras valorosas
Que vem pondo em relevo as glórias do Brasil !

ALARICO DA CUNHA

Da Academia Piauiense de Letras

Parnaíba, 19-4-1941.

jétos de seus produtores e os aspétos mais frívolos dos seus protagonistas.



O Tenente-coronel José Faustino quando discursava ao entregar ao sr. Ministro da Guerra as chaves simbólicas do novo Quartel do 24 B/C

DA DÍVIDA PÚBLICA INTERNA: ATIVA E PASSIVA

PRESCRIÇÃO LEGAL

J. M. MOTA ARAUJO

Entende-se por **Dívida Pública Interna** a responsabilidade pecuniária assumida pelo Estado dentro de seu território.

A dívida pública compreende duas categorias: — **Externa e Interna.**

A dívida pública interna divide-se em **Ativa e Passiva**, das quais trataremos neste capítulo.

Dívida Pública Interna Ativa é a devida ao Estado pelas entidades públicas ou privadas.

Sob o ponto de vista contábil-administrativo, dívida ativa é toda aquela que, não satisfeita no exercício financeiro corrente, passa para o exercício seguinte.

Assim, toda conta não paga ao Estado dentro do ano financeiro, andante e transportada a seu crédito para, o ano seguinte, denomina-se dívida ativa.

Não obstante, ha dívidas que, só depois de inscritas na repartição competente, pela Procuradoria Fiscal, é que passam á categoria de ativas, como, por exemplo, as multas fiscais.

Ao Estado cumpre promover a cobrança das suas dívidas ativas. Daí assistir-lhe, como credor, o direito de receber a dívida ativa representada por um crédito a liquidar de passado exercício fi-

nanceiro, ou de multa fiscal devidamente inscrita, de qualquer exercício.

A cobrança da dívida ativa não póde ser efetuada em qualquer tempo, do mesmo modo que a dívida passiva não póde ser satisfeita em qualquer época. Ambas estão sujeitas ao instituto de prescrição.

As dívidas ativas prescrevem em 30 anos e sua prescrição começa da data em que as ações poderiam ter sido propostas (Art. 177 do Cod. Civil) ou, então, ido último dia do prazo para o pagamento do crédito respectivo.

A prescrição, porém, quer da dívida ativa quer da dívida passiva, poderá ser interrompida por qualquer dos meios em direitos permitidos, como a citação inicial, de cuja data começará a correr novamente a prescrição.

Nos Estados, é da competência exclusiva das Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional o serviço federal de inscrição da dívida ativa, que se fará sob a direção e responsabilidade dos respectivos procuradores fiscais, a quem compete apurar, á vista dos processos, a liquidez e certeza dessas dívidas.

A' Procuradoria Regional da Republica cum-



Cururupú. O Carnaval nesta cidade maranhense foi bem animado. Vemos, aqui, o festivo "Bloco Bamba"

DA DÍVIDA PÚBLICA INTERNA: ATIVA E PASSIVA

PRESCRIÇÃO LEGAL

J. M. MOTA ARAUJO

Entende-se por **Dívida Pública Interna** a responsabilidade pecuniária assumida pelo Estado dentro de seu território.

A dívida pública compreende duas categorias: — **Externa e Interna.**

A dívida pública interna divide-se em **Ativa e Passiva**, das quais trataremos neste capítulo.

Dívida Pública Interna Ativa é a devida ao Estado pelas entidades públicas ou privadas.

Sob o ponto de vista contábil-administrativo, dívida ativa é toda aquela que, não satisfeita no exercício financeiro corrente, passa para o exercício seguinte.

Assim, toda conta não paga ao Estado dentro do ano financeiro, andante e transportada a seu crédito para, o ano seguinte, denomina-se dívida ativa.

Não obstante, ha dívidas que, só depois de inscritas na repartição competente, pela Procuradoria Fiscal, é que passam á categoria de ativas, como, por exemplo, as multas fiscais.

Ao Estado cumpre promover a cobrança das suas dívidas ativas. Daí assistir-lhe, como credor, o direito de receber a dívida ativa representada por um crédito a liquidar de passado exercício fi-

nanceiro, ou de multa fiscal devidamente inscrita, de qualquer exercício.

A cobrança da dívida ativa não póde ser efetuada em qualquer tempo, do mesmo modo que a dívida passiva não póde ser satisfeita em qualquer época. Ambas estão sujeitas ao instituto de prescrição.

As dívidas ativas prescrevem em 30 anos e sua prescrição começa da data em que as ações poderiam ter sido propostas (Art. 177 do Cod. Civil) ou, então, ido último dia do prazo para o pagamento do crédito respectivo.

A prescrição, porém, quer da dívida ativa quer da dívida passiva, poderá ser interrompida por qualquer dos meios em direitos permitidos, como a citação inicial, de cuja data começará a correr novamente a prescrição.

Nos Estados, é da competência exclusiva das Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional o serviço federal de inscrição da dívida ativa, que se fará sob a direção e responsabilidade dos respectivos procuradores fiscais, a quem compete apurar, á vista dos processos, a liquidez e certeza dessas dívidas.

A' Procuradoria Regional da Republica cum-



Cururupú. O Carnaval nesta cidade maranhense foi bem animado. Vemos, aqui, o festivo "Bolo Bamba"

Soneto

A' minha Mãe

Privado do carinho confortante
de minha santa Mãe, eu sinto na alma
uma tristeza imensa, dominante,
a torturar-me a vida incerta e incalma...

Como hei-de os passos firmes ter, si o guante
desta tristeza enorme, que se espalma
sobre a existência minha, a torna errante,
sem norte, sem destino, ao léu, sem calma? ..

Minha Mãe! Minha Mãe! Quanta saudade
daquele tempo, eu sinto, em que, ao teu lado,
tive paz, ilusões, felicidade!...

Quanto desejo eu tenho, Mãe querida,
de, ao teu seio, volver — Templo sagrado
de virtudes, de amor, feliz guarida!...

Recife, agosto de 1933.

ALCIMIRO SAINT CLAIR

pre promover sua cobrança judicial, isto depois de
estar de posse das certidões de dívida que lhes
são enviadas pelos procuradores fiscais.

Na Capital da República o serviço de inscri-
ção está afeto á Procuradoria Geral da Fazenda
Pública.

Não é admissível o encontro de contas á li-
quidação das dívidas ativa e passiva da União,
cujos processos obedecem a prescrições especiais
atinentes a cada uma. Desse módo, a autoridade
não pode deixar de providenciar quanto á resti-
tuição devida, sob o fundamento de ser devedora
á Fazenda a firma credôra. (Acs. ns. 1.304 e
1.693, do Conselho de Contribuintes, in "Diário
Oficial" de 18 e 23 de fevereiro de 1933).

A cobrança da dívida ativa da Fazenda pú-
blica em todo o territorio nacional é regida, hoje
em dia, pelo Decreto-Lei n. 960, de 17-12-938, con-
binado com o Decreto n. 24.036, de 26-3-934.

A dívida pública interna ativa, que pode tam-
bem ser cobrada amigavelmente, constitui uma
grande parte do patrimonio do Estado; abrange
os títulos imobiliários, ações, debêntures, letras,
obrigações bancarias, impostos não pagos dentro
do exercicio do lançamento, etc.

Dívida Pública Interna Passiva é aquela que

o Estado é obrigado a pagar dentro de sua cir-
cunscrição territorial.

Essas dívidas prescrevem em cinco anos, cor-
rendo a prescrição da data do ato ou fato do qual
se originar a ação — (Art. 178, § 10, n. 6, do Cod.
Civil Bras.)

A prescrição quinquenal está regulada pelo De-
creto n. 20.910, de 6-1-932.

A prescrição só poderá ser interrompida uma
vez. (Dec. cit., art. 8.º).

A dívida pública interna passiva compreende
os depósitos de diversas origens, as subvenções, os
montepios, as aposentadorias, as reformas, con-
signações, restos a pagar e outras.

Ha dívidas públicas internas passivas que não
seguem a regra geral da prescrição quinquenal; o
prazo de sua prescrição consta de leis especiais,
como, por exemplo, os depósitos das Caixas Eco-
nômicas, que prescrevem em 30 anos, si a conta
não for movimentada ou os objetos reclamados
dentro do trintenio, contado a partir do último
depósito (Dec. 24.427, de 14-6-934 — art. 72, com-
binado com o art. 1.º da Lei n. 370, de 4-1-937).

Ha outras dívidas internas passivas, como os
títulos da dívida pública e juros respectivos, que
são imprescritiveis. (Regto. do Cod. de Cont.
Pub. baixado com o Dec. 15.783, de 8-11-922 art.
412).

SAFRA DE XARÉU

Enquanto o sol descamba, avermelhando o cáis,
fervilha, em torno ás mesas tósas das peixeiras,
onde há môscas zumbindo e pixe de suieiras,
a turba regateira, atrevida e loquaz.

As canôas vêm vindo. Em seu tóldo de esteiras,
fulgem, da pesca opima, os dôrsos descomunais.
Já, do búcio assoprado, as notas convencionais
propalaram, á distancia, ondas alviçareiras.

Foi safra de xaréu, sabe-o toda cidade.
Em pouco, a prata fulva e viscosa dos peixes
anda, de rua em rua, encambulhada, aos feixes...

Era assim no meu tempo. Hoje, não! A Saudade,
entretanto, caduca, estranha as noites frias
e vive desenhando aquarélas sombrias.

EYDER PESTANA

Porto Alegre, fevereiro de 1941

Soneto

A' minha Mãe

Privado do carinho confortante
de minha santa Mãe, eu sinto na alma
uma tristeza imensa, dominante,
a torturar-me a vida incerta e incalma...

Como hei-de os passos firmes ter, si o guante
desta tristeza enorme, que se espalma
sobre a existência minha, a torna errante,
sem norte, sem destino, ao léu, sem calma? ..

Minha Mãe! Minha Mãe! Quanta saudade
daquele tempo, eu sinto, em que, ao teu lado,
tive paz, ilusões, felicidade!...

Quanto desejo eu tenho, Mãe querida,
de, ao teu seio, volver — Templo sagrado
de virtudes, de amor, feliz guarida!...

Recife, agosto de 1933.

ALCIMIRO SAINT CLAIR

pre promover sua cobrança judicial, isto depois de
estar de posse das certidões de dívida que lhes
são enviadas pelos procuradores fiscais.

Na Capital da República o serviço de inscrição
está afeto á Procuradoria Geral da Fazenda
Pública.

Não é admissível o encontro de contas á liquidação das dívidas ativa e passiva da União, cujos processos obedecem a prescrições especiais atinentes a cada uma. Desse modo, a autoridade não pode deixar de providenciar quanto á restituição devida, sob o fundamento de ser devedora á Fazenda a firma credora. (Acs. ns. 1.304 e 1.693, do Conselho de Contribuintes, in "Diário Oficial" de 18 e 23 de fevereiro de 1933).

A cobrança da dívida ativa da Fazenda pública em todo o território nacional é regida, hoje em dia, pelo Decreto-Lei n. 960, de 17-12-938, combinado com o Decreto n. 24.036, de 26-3-934.

A dívida pública interna ativa, que pode também ser cobrada amigavelmente, constitui uma grande parte do patrimonio do Estado; abrange os títulos imobiliários, ações, debêntures, letras, obrigações bancarias, impostos não pagos dentro do exercício do lançamento, etc.

Dívida Pública Interna Passiva é aquela que

o Estado é obrigado a pagar dentro de sua circunscrição territorial.

Essas dívidas prescrevem em cinco anos, correndo a prescrição da data do ato ou fato do qual se originar a ação — (Art. 178, § 10, n. 6, do Cod. Civil Bras.)

A prescrição quinquenal está regulada pelo Decreto n. 20.910, de 6-1-932.

A prescrição só poderá ser interrompida uma vez. (Dec. cit., art. 8.º).

A dívida pública interna passiva compreende os depósitos de diversas origens, as subvenções, os montepios, as aposentadorias, as reformas, consignações, restos a pagar e outras.

Ha dívidas públicas internas passivas que não seguem a regra geral da prescrição quinquenal; o prazo de sua prescrição consta de leis especiais, como, por exemplo, os depósitos das Caixas Econômicas, que prescrevem em 30 anos, si a conta não for movimentada ou os objetos reclamados dentro do trintênio, contado a partir do último depósito (Dec. 24.427, de 14-6-934 — art. 72, combinado com o art. 1.º da Lei n. 370, de 4-1-937).

Ha outras dívidas internas passivas, como os títulos da dívida pública e juros respectivos, que são imprescritíveis. (Regto. do Cod. de Cont. Pub. baixado com o Dec. 15.783, de 8-11-922 art. 412).

SAFRA DE XARÉU

Enquanto o sol descamba, avermelhando o cáis,
fervilha, em torno ás mesas tósas das peixeiras,
onde há môscas zumbindo e pixe de suieiras,
a turba regateira, atrevida e loquaz.

As canôas vêm vindo. Em seu tóldo de esteras,
fulgem, da pesca opima, os dôrsos descomunais.
Já, do búcio assoprado, as notas convencionais
propalaram, á distancia, ondas alviçareiras.

Foi safra de xaréu, sabe-o toda cidade.
Em pouco, a prata fulva e viscosa dos peixes
anda, de rua em rua, encambulhada, aos feixes...

Era assim no meu tempo. Hoje, não! A Saudade,
entretanto, caduca, estranha as noites frias
e vive desenhando aquarélas sombrias.

EYDER PESTANA

Porto Alegre, fevereiro de 1941

CANTO

COLAR DE AMBAR

Moços de gerações passadas, esquecidas,
Sinto vossa presença na ronda das horas.
Sinto que em meu sonho estão os vossos sonhos,
e os vossos ideais se transfundem do meu,
e eu tenho o mesmo amor e também o mesmo ódio
que vibraram em vós, como uma voz eterna.

Moços de gerações recuadas, longinquas
vós não morrestes, não, ainda viveis, bem fortes,
e eu vos sinto crescer no espaço do sonho.
Ouço-vos marchar nas noites bem profundas,
ó noites sem luar, como guardaes em vós,
as voses de protestos, os chôros dolorosos,
e os gestos horrorosos de ameaça,
noites intermináveis, como sois povoadas
de tanta inquietação que vem de outras idades.

Moços de gerações que ficaram no tempo,
estúia o vosso sangue em meu sêr tormentado,
pressinto que em meus gestos outras éras revivo,
emergem os recalçados gestos, que tivestes.
Vosso canto, eu o ouço, eu o sinto em meu peito,
existe no meu canto, vibra na minha fala,
como um canto de oceano misterioso e extranho.
Desdobram-se aos meus olhos horisontes imensos,
e eu vos vejo, todos, nos horisontes perdidos,
como uma multidão, num bruhaha tremendo
a encher, como ondas, os caminhos infindáveis.

De **ADA MACAGGI BRUNO LOBO**,
Especial para **ATHENAS**

Como se afinam meus sentidos todos
subtilmente pelo tato!

—Visão de colmeias rumorosas,
zumzum de jardins coloridos
cheios de sol e de abelhas morenas
—cada flôr é uma taça de nétar! —
O ar tem cheio de fruta partida.
O ar é untado de açúcar meloso...

Como se afinam meus sentidos todos
pelo tato subtilmente!
Só porque, numa hora quente e languida,
eu perpasso nos meus dedos,
molemente, preguiçosamente,
uma a uma estas contas alongadas,
estas louras, transparentes
gotas de mel do meu colar de ambar !!!

Moços de gerações passadas esquecidas,
vós não morrestes, não, viveis na inquietação do
tempo,
sinto os vossos sonhos, todos, redivivos
como uma humanidade, triste, torturada,
a acenar-me de longe, angustiosamente...

CARLOS MADEIRA



CAROLINA, cidade florida do sertão maranhense ama ardentemente a musica. Damos aqui um magnifico "cliché" do famoso "Turuna Jazz", criador de harmonias claras

CANTO

COLAR DE AMBAR

Moços de gerações passadas, esquecidas,
Sinto vossa presença na ronda das horas.
Sinto que em meu sonho estão os vossos sonhos,
e os vossos ideais se transfundem do meu,
e eu tenho o mesmo amor e também o mesmo ódio
que vibraram em vós, como uma voz eterna.

Moços de gerações recuadas, longínquas
vós não morrestes, não, ainda viveis, bem fortes,
e eu vos sinto crescer no espaço do sonho.
Ouço-vos marchar nas noites bem profundas,
ó noites sem luar, como guardaes em vós,
as voses de protestos, os chôros dolorosos,
e os gestos horrorosos de ameaça,
noites intermináveis, como sois povoadas
de tanta inquietação que vem de outras idades.

Moços de gerações que ficaram no tempo,
estúia o vosso sangue em meu sêr tormentado,
pressinto que em meus gestos outras éras revivo,
emergem os recalçados gestos, que tivestes.
Vosso canto, eu o ouço, eu o sinto em meu peito,
existe no meu canto, vibra na minha fala,
como um canto de oceano misterioso e extranho.
Desdobram-se aos meus olhos horisontes imensos,
e eu vos vejo, todos, nos horisontes perdidos,
como uma multidão, num bruhaha tremendo
a encher, como ondas, os caminhos infindáveis.

De **ADA MACAGGI BRUNO LOBO**,
Especial para **ATHENAS**

Como se afinam meus sentidos todos
subtilmente pelo tato !

—Visão de colmeias rumorosas,
zumzum de jardins coloridos
cheios de sol e de abelhas morenas
—cada flôr é uma taça de nétar ! —
O ar tem cheio de fruta partida.
O ar é untado de açúcar meloso...

Como se afinam meus sentidos todos
pelo tato subtilmente !
Só porque, numa hora quente e languida,
eu perpasso nos meus dedos,
molemente, preguiçosamente,
uma a uma estas contas alongadas,
estas louras, transparentes
gotas de mel do meu colar de ambar !!!

Moços de gerações passadas esquecidas,
vós não morrestes, não, viveis na inquietação do
tempo,
sinto os vossos sonhos, todos, redivivos
como uma humanidade, triste, torturada,
a acenar-me de longe, angustiosamente...

CARLOS MADEIRA



CAROLINA, cidade florida do sertão maranhense ama ardentemente a musica. Damos aqui um magnifico "cliché" do famoso "Turuna Jazz", criador de harmonias claras

Canto



Canto



Oriental

A LUSO TORRES

ASPIRO A CALMA, O IDEAL NIRVANICO,
A DESMATERIALIZAÇÃO DA ANGÚSTIA DE PENSAR
O ANIQUILAMENTO COMPLETO DA VONTADE,
A NÃO EXISTENCIA DAS PAIXÕES HUMANAS,
A VIDA VEGETAL, EM SUMA.
FLORIR, QUANDO NASCE A PRIMAVERA,
PARA O ESPLENDOR DOS EPONIMOS DA JUNGLA;
VIVER ABRACADO AO SEIO BOM DA TERRA.
COM A CARICIA DO SOL E A TRISTURA DA CHUVA;
NÃO COMPREENDER A INDIFERENÇA DAS ESTRELAS;
FRUTIFICAR, DENTRE A POMPA DA FOLHAGEM.
PARA MATAR A FOME DA RUDE ESPECIE ANIMAL;
DAR ABRIGO SEM O SABER,
SOFRER SEM O SENTIR, A INGRATIDÃO DOS HOMENS,
A PARTIDA DAS FÓLHAS NO OUTONO
E O ACICATE DOS VENTOS ICONOCLASTAS DO INVERNO...

ASPIRO A CALMA, O IDEAL DE BUDHA:
A GRANDILOQUENCIA TOTAL DO NADA.

ERASMO DIAS

Oriental

A LUSO TORRES

ASPIRO A CALMA, O IDEAL NIRVANICO,
A DESMATERIALISAÇÃO DA ANGÚSTIA DE PENSAR
O ANIQUILAMENTO COMPLETO DA VONTADE,
A NÃO EXISTENCIA DAS PAIXÕES HUMANAS,
A VIDA VEGETAL, EM SUMA.
FLORIR, QUANDO NASCE A PRIMAVERA,
PARA O ESPLENDOR DOS EPONIMOS DA JUNGLA;
VIVER ABRACADO AO SEIO BOM DA TERRA.
COM A CARICIA DO SOL E A TRISTURA DA CHUVA;
NÃO COMPREENDER A INDIFERENÇA DAS ESTRELAS;
FRUTIFICAR, DENTRE A POMPA DA FOLHAGEM.
PARA MATAR A FOME DA RUDE ESPECIE ANIMAL;
DAR ABRIGO SEM O SABER,
SOFRER SEM O SENTIR, A INGRATIDÃO DOS HOMENS,
A PARTIDA DAS FÓLHAS NO OUTONO
E O ACICATE DOS VENTOS ICONOCLASTAS DO INVERNO...

ASPIRO A CALMA, O IDEAL DE BUDHA:
A GRANDILOQUENCIA TOTAL DO NADA.

ERASMO DIAS

A MEDICINA MODERNA

E OS PERFUMES

Uma experiência secular demonstra que o consumo de perfumes varia conforme a agitação das épocas. Por que será que nos tempos perturbados se gasta mais perfumes inebriantes? Para esquecer? Para atordôar?

Jamais tantas encomendas afluíram como nos ultimos tempos em Grasse, perto de Nice. Por mais estranho que pareça, o fato é que as grandes guerras, as catástrofes, as revoluções, as subversões sociais ou politicas coincidem sempre com um aumento nas vendas de perfumes.

Deve-se vêr nisso uma prova do misterioso papel que os perfumes representam na Medicina? Terão de fato os perfumes a propriedade de curar certas enfermidades?

O que é na verdade o tratamento da asma, pela inalação de certas substancias odorantes; eter, nitrato de amilo, datura e beladona? Os saís inhalados reanimam as pessoas acometidas de síncope. O amoniaco e o ácido acético são as bases desses saís. Mas, se se objetar que esses saís não são perfumes, o que é que diferencia nitidamente um perfume de um odor desagradavel?

Isso poderia justificar o axioma, tão caro aos nomeopátas, da influência benfazeja das doses infinitesimais. Não se logrou até hoje pesar um odor.

Entretanto, não é duvidoso que os medicamen-

tos, sob a forma vaporosa, como dizia Hahnemann, pae da Homeopatia, penetrem no sangue através dos pulmões. Todas as estancias termais empregam agua mineral sob a forma de vaporização, de "micro-nevoeiro", praticamente sêco, muito denso, a ponto de não se vêr a minima gota. Pode-se permanecer durante horas num tal "micro-nevoeiro" sem molhar o corpo.

O dr. A. Martinet, encarregado dos cursos livres da Faculdade de Medicina de Paris, annunciou ha pouco a grande melhora obtida por uma jovem que vivia sujeita a violentas crises de paroxismos, de espirros e de dispnéas, depois que a mesma substituiu, a seu conselho, os perfumes que usava habitualmente, de ambar e almiscar, por outros de base de bergamota, de alfazema e de cravo.

Tudo se passa como se as excitações sensoriais determinassem reações gerais, tónicas ou depressivas, no organismo.

Houve mesmo quem pretendesse determinar a média aproximada da extensão da onda das excitações odorígenas. Um médico belga chegou a estabelecer uma classificação física dos odores, uma verdadeira escala olfativa. Baudelaire já falava "das flôres e dos perfumes que dansam nos ares da noite..."

O dr. A. Martinet estabeleceu uma classifi-



Um dos "jazz" que, na cidade de Cururupú, deu muito brilho ao ultima Carnaval

A MEDICINA MODERNA

E OS PERFUMES

Uma experiência secular demonstra que o consumo de perfumes varia conforme a agitação das épocas. Por que será que nos tempos perturbados se gasta mais perfumes inebriantes? Para esquecer? Para atordôar?

Jamais tantas encomendas afluíram como nos ultimos tempos em Grasse, perto de Nice. Por mais estranho que pareça, o fato é que as grandes guerras, as catástrofes, as revoluções, as subversões sociais ou politicas coincidem sempre com um aumento nas vendas de perfumes.

Deve-se vêr nisso uma prova do misterioso papel que os perfumes representam na Medicina? Terão de fato os perfumes a propriedade de curar certas enfermidades?

O que é na verdade o tratamento da asma, pela inalação de certas substancias odorantes; eter, nitrato de amilo, datura e beladona? Os saís inhalados reanimam as pessoas acometidas de síncope. O amoniaco e o ácido acético são as bases desses saís. Mas, se se objetar que esses saís não são perfumes, o que é que diferencia nitidamente um perfume de um odor desagradavel?

Isso poderia justificar o axioma, tão caro aos nomeopátas, da influência benfazeja das doses infinitesimais. Não se logrou até hoje pesar um odor.

Entretanto, não é duvidoso que os medicamen-

tos, sob a forma vaporosa, como dizia Hahnemann, pae da Homeopatia, penetrem no sangue através dos pulmões. Todas as estancias termais empregam agua mineral sob a forma de vaporização, de "micro-nevoeiro", praticamente sêco, muito denso, a ponto de não se vêr a minima gota. Pode-se permanecer durante horas num tal "micro-nevoeiro" sem molhar o corpo.

O dr. A. Martinet, encarregado dos cursos livres da Faculdade de Medicina de Paris, annunciou ha pouco a grande melhoria obtida por uma jovem que vivia sujeita a violentas crises de paroxismos, de espirros e de dispnéas, depois que a mesma substituiu, a seu conselho, os perfumes que usava habitualmente, de ambar e almiscar, por outros de base de bergamota, de alfazema e de cravo.

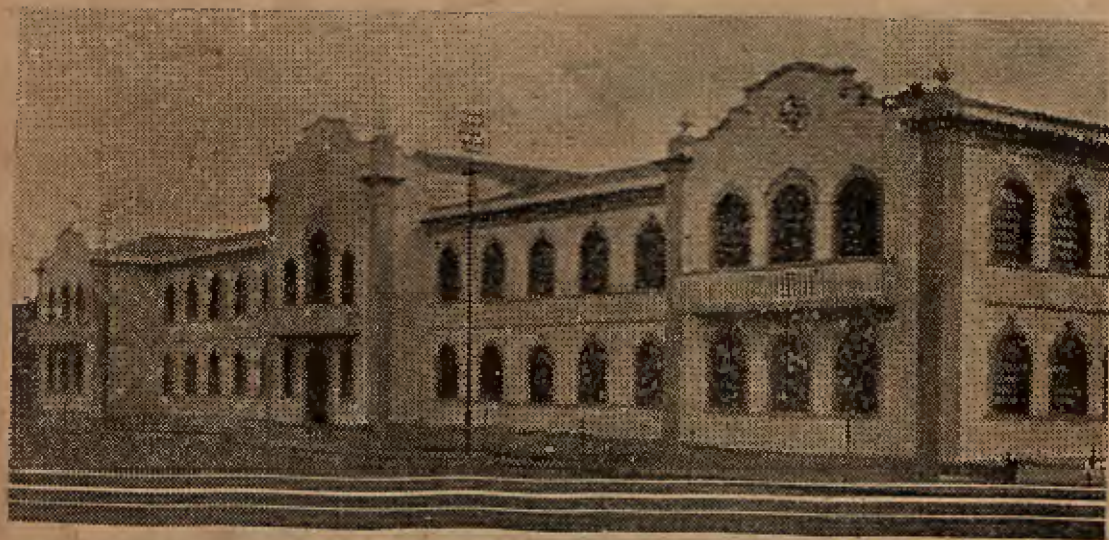
Tudo se passa como se as excitações sensoriais determinassem reações gerais, tónicas ou depressivas, no organismo.

Houve mesmo quem pretendesse determinar a média aproximada da extensão da onda das excitações odorígenas. Um médico belga chegou a estabelecer uma classificação física dos odores, uma verdadeira escala olfativa. Baudelaire já falava "das flôres e dos perfumes que dansam nos ares da noite..."

O dr. A. Martinet estabeleceu uma classifi-



Um dos "jazz" que, na cidade de Cururupú, deu muito brilho ao ultima Carnaval



O Palácio da Educação, obra de vulto recém inaugurada pelo governo maranhense, durante a Semana Getulio Vargas

cação clínica, comparando as sensações olfativas às gustativas, tão estreitamente ligadas, e também às auditivas. Na sua opinião, são "super-excitantes" o éter (odôr), as especiárias (gosto) e os sons vibrantes dos clarins ou os ritmos do "jazz-band" (som). São simplesmente excitantes: o cravo da Índia, (odôr), o vinagre (gosto) e os ritmos acelerados das marchas militares, "que instilam o heroísmo no coração dos cidadãos...". São sedativos: a cânfora (odôr), as gorduras (afrouxamento da digestão estomacal) e os ritmos lentos e monótonos das mães quando acalentam seus filhinhos (som).

E, assim, de acôrdo com as sensações diversas, seriam as reações tónicas, depressivas, chocantes, etc.

Grasse, a capital universal dos perfumes, está recebendo grandes encomendas do mundo inteiro, justamente quando as possibilidades de importação e de exportação diminuem em consequencia do bloqueio.

O que é um perfume? Essas gotinhas que valiam fortunas são como a quintessencia das riquezas do mundo. As Índias Inglesas forneciam o "patchuli" e a Malásia o "vetyver". Do Japão vinha o "safri", do qual se estrai a helotropina base de tantos perfumes. Da Mongolia chegavam os almiscares e da China a hortelã. As Montanhas Rochosas enviavam os cédros odoríficos. O Brasil fornecia o pau rosa. Diversas sementes chegavam do Paraguay, a badiana e o benjoim vinham de Torkim e as resinas do Sião. A ilha de Bourbon dava o zimbo e a baunilha, que chegava também do México. A Bulgária distilava as essencias de roa. A Italia fornecia os óleos de amêndoa doce e a Birmanian a citronela.

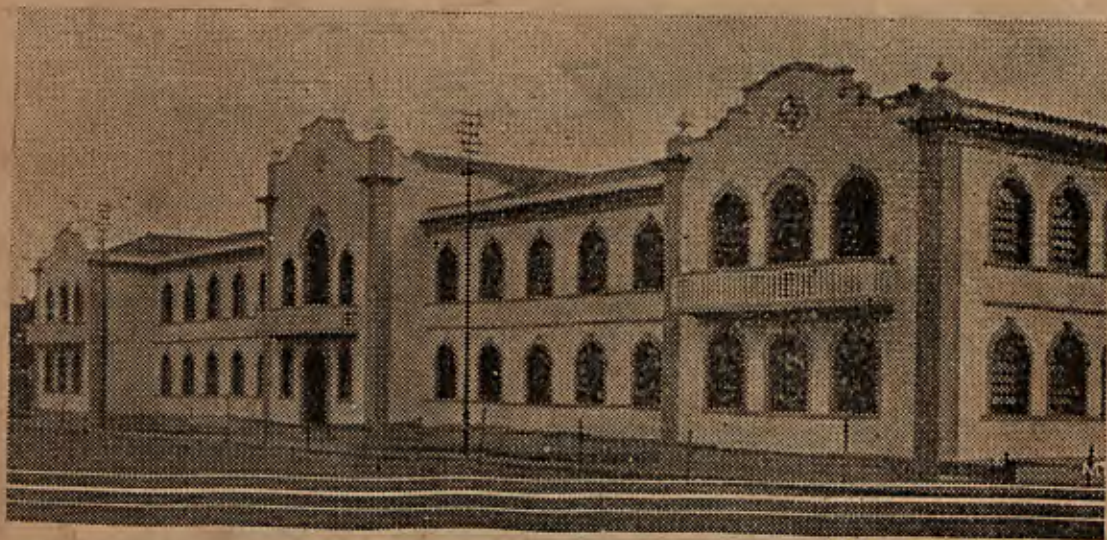
Todos esses aromas se encontravam em Grasse, entre os montes Esterel, e o mar. Milhares de operarios, impressores, químicos, viajantes, vendedores, perfumistas, etc. trabalhavam cada dia para permitir que as mulheres de todos os paizes do mundo pudessem emprestar aos seus cabelos ou aos seus vestidos um odôr cativante, enebriante, envolvente, incomparavel.

Nenhum outro produto da França era exportado em tais proporções. 70 por cento da produção de Grasse. Nenhum outro talvez possuísse um prestígio, igual no mundo. Num volume infimo um perfume pôde representar somas fabulosas.

O "Clipper" que partiu de Lisboa levando esta correspondencia leva também para o Novo Mundo em cada um dos seus vôos, numerosos "collis" de perfumes, de pesos variaveis até 10 quilogramas, no máximo. De outro lado, as essencias retomam os velhos caminhos das caravanas de outrora, por falta de meios de transporte modernos, momentaneamente paralizados.

Certas essencias fazem falta em Grasse. O problema dos corpos gordurosos é igualmente angustioso para os grandes perfumistas. Para fixar as essencias das flôres odoríferas, de perfumes tão delicados, é preciso misturar as mimosas pétalas á banha de porco, de cheiro tão desagradavel. Contudo, o engenho dos químicos perfumistas de Grasse nunca fracassou. E em tempo algum, apesar de tudo, os célebres perfumistas pensaram um só instante em lançar mão dos perfumes químicos.

A parte da belesa feminina e do perfume continua francesa, a despeito das asperezas da época. Possa Grasse, capital de todos os perfumes, no momento em que os mesmos são empregados na terapêutica, lançar em breve uma nova marca: PAZ.



O Palácio da Educação, obra de vulto recém inaugurada pelo governo maranhense, durante a Semana Getúlio Vargas

cação clínica, comparando as sensações olfativas às gustativas, tão estreitamente ligadas, e também às auditivas. Na sua opinião, são "super-excitantes" o éter (odôr), as especiárias (gosto) e os sons vibrantes dos clarins ou os ritmos do "jazz-band" (som). São simplesmente excitantes: o cravo da Índia, (odôr), o vinagre (gosto) e os ritmos acelerados das marchas militares, "que instilam o heroísmo no coração dos cidadãos..." São sedativos: a cânfora (odôr), as gorduras (afrouxamento da digestão estomacal) e os ritmos lentos e monótonos das mães quando acalentam seus filhinhos (som).

E, assim, de acôrdo com as sensações diversas, seriam as reações tónicas, depressivas, chocantes, etc.

Grasse, a capital universal dos perfumes, está recebendo grandes encomendas do mundo inteiro, justamente quando as possibilidades de importação e de exportação diminuem em consequencia do bloqueio.

O que é um perfume? Essas gotinhas que valiam fortunas são como a quintessencia das riquezas do mundo. As Índias Inglesas forneciam o "patchuli" e a Malásia o "vetyver". Do Japão vinha o "safri", do qual se estrai a helotropina base de tantos perfumes. Da Mongolia chegavam os almiscares e da China a hortelã. As Montanhas Rochosas enviavam os cédros odoríficos. O Brasil fornecia o pau rosa. Diversas sementes chegavam do Paraguay, a badiana e o benjoim vinham de Turkim e as resinas do Sião. A ilha de Bourbon dava o zimbo e a baunilha, que chegava também do México. A Bulgária distilava as essencias de roa. A Italia fornecia os óleos de amêndoa doce e a Birmanian a citronela.

Todos esses aromas se encontravam em Grasse, entre os montes Esterel, e o mar. Milhares de operarios, impressores, químicos, viajantes, vendedores, perfumistas, etc. trabalhavam cada dia para permitir que as mulheres de todos os paizes do mundo pudessem emprestar aos seus cabelos ou aos seus vestidos um odôr cativante, enebriante, envolvente, incomparavel.

Nenhum outro produto da França era exportado em tais proporções. 70 por cento da produção de Grasse. Nenhum outro talvez possuísse um prestígio, igual no mundo. Num volume infimo um perfume pôde representar somas fabulosas.

O "Clipper" que partiu de Lisboa levando esta correspondencia leva também para o Novo Mundo em cada um dos seus vôos, numerosos "collis" de perfumes, de pesos variaveis até 10 quilogramas, no máximo. De outro lado, as essencias retomam os velhos caminhos das caravanas de outrora, por falta de meios de transporte modernos, momentaneamente paralizados.

Certas essencias fazem falta em Grasse. O problema dos corpos gordurosos é igualmente angustioso para os grandes perfumistas. Para fixar as essencias das flôres odoríferas, de perfumes tão delicados, é preciso misturar as mimosas pétalas á banha de porco, de cheiro tão desagradavel. Contudo, o engenho dos químicos perfumistas de Grasse nunca fracassou. E em tempo algum, apesar de tudo, os célebres perfumistas pensaram um só instante em lançar mão dos perfumes químicos.

A parte da beleza feminina e do perfume continua francesa, a despeito das asperezas da época. Possa Grasse, capital de todos os perfumes, no momento em que os mesmos são empregados na terapêutica, lançar em breve uma nova marca: PAZ.

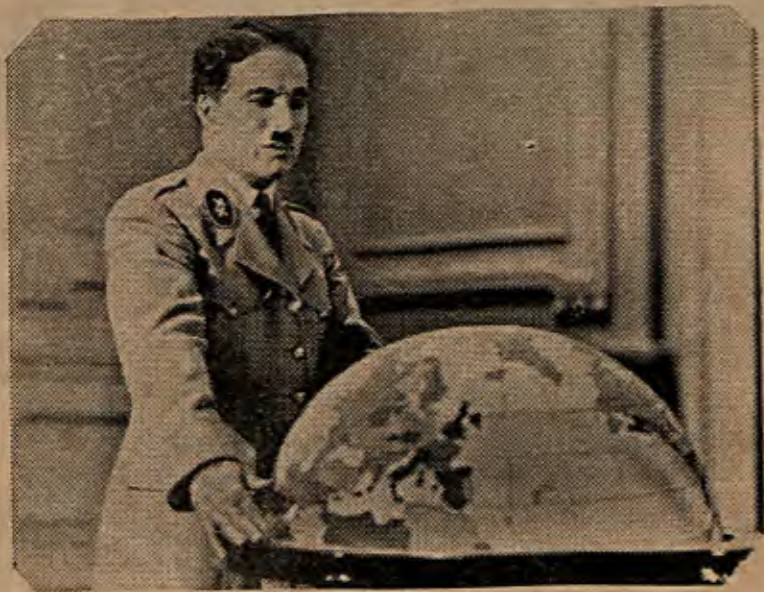
ATRAZ da TELA

(Do correspondente especial em Hollywood)

O grande e inimitável Chaplin, que durante uma geração inteira tem reinado supremo como o primeiro comediante do ecran, chegou á Broadway — a famosa via Luminosa desta metrópole — no meio de um verdadeiro turbilhão de risos, pantomimas, sátiras e... de admiração publica. Já sa-

cintilante... e havia um espírito irrequieto e festivo entre o povo que se empurrava prazenteiramente, para trás e para diante, á medida que os cordões de polícia montada o fazia recuar ou avançar.

Farei, talvez, uma descrição muito melhor s



Charlie Chaplin, como êle aparece no papel principal da sua nova comédia, "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

bem, sem dúvida, que o veículo que o transportou a esta cidade foi o filme intitulado "O Grande Ditador" — a obra-prima na qual êle tem empregado, durante os últimos dois anos, a sua inesgotável energia.

Como prova da importancia d'êste acontecimento, devemos desde já salientar que a estréia desta grande produção foi caracterizada por uma "apresentação dupla", isto é, foi efetuada simultaneamente em dois teatros: — o "Capitol" e o "Astor", onde, segundo se espera, permanecerá durante muitas semanas e... meses. Temporária, mas sem dúvida alguma voluntariamente, as multidões esqueceram os vários outros cinemas da Broadway e vieram apinhar-se nas entradas do "Capitol" e do "Astor", para admirar as visitantes celebridades, e... para comprar bilhetes. Celebridades havia, e em grandes números; mas bilhetes, não... pois que já tinham sido vendidos, com semanas de antecedência. Era uma cena alegre e

empregar as joviais palavras que um d'esses indivíduos dirigiu ao seu companheiro: — "Safa! Pelo mesmo modo como nos empurram, é uma felicidade ver um só Charlie Chaplin".

Isto mostra a grande atração que "O Grande Ditador" oferece, em Nova-York, aos milhões de fans do cinema.

Quizera dar-lhes uma boa idéa do filme, visto na tela, como eu tive a felicidade de o ver. Isso porém, seria um trabalho difícil — porque um filme tão grande como "O Grande Ditador" não pode ser apropriadamente descrito dentro dos restritos limites desta breve reportagem. Contudo, tentarei procurar palavras para descrever os pontos mais importantes dessa produção, tais como êles me impressionaram.

Primeiro, devo, porém, dizer-lhes que tenho visto cerca de 2.000 filmes; mas nenhum como "O Grande Ditador". E' o único filme que tem o c

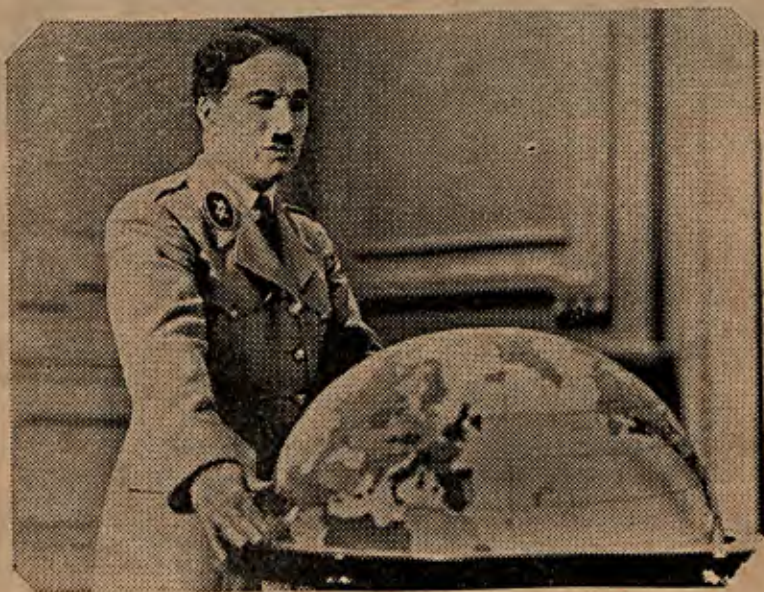
ATRAZ da TELA

(Do correspondente especial em Hollywood)

O grande e inimitável Chaplin, que durante uma geração inteira tem reinado supremo como o primeiro comediante do ecran, chegou á Broadway — a famosa via Luminosa desta metrópole — no meio de um verdadeiro turbilhão de risos, pantomimas, sátiras e... de admiração publica. Já sa-

cintilante... e havia um espírito irrequieto e festivo entre o povo que se empurrava prazenteiramente, para trás e para diante, á medida que o cordões de polícia montada o fazia recuar ou avançar.

Farei, talvez, uma descrição muito melhor s



Charlie Chaplin, como êle aparece no papel principal da sua nova comédia, "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

bem, sem dúvida, que o veículo que o transportou a esta cidade foi o filme intitulado "O Grande Ditador" — a obra-prima na qual êle tem empregado, durante os últimos dois anos, a sua inesgotável energia.

Como prova da importancia dêste acontecimento, devemos desde já salientar que a estréia desta grande produção foi caracterizada por uma "apresentação dupla", isto é, foi efetuada simultaneamente em dois teatros: — o "Capitol" e o "Astor", onde, segundo se espera, permanecerá durante muitas semanas e... meses. Temporária, mas sem dúvida alguma voluntariamente, as multidões esqueceram os vários outros cinemas da Broadway e vieram apinhar-se nas entradas do "Capitol" e do "Astor", para admirar as visitantes celebridades, e... para comprar bilhetes. Celebridades havia, e em grandes números; mas bilhetes, não... pois que já tinham sido vendidos, com semanas de antecedência. Era uma cena alegre e

empregar as joviais palavras que um dêsses indivíduos dirigiu ao seu companheiro: — "Safa! Pelo mesmo modo como nos empurram, é uma felicidade haver um só Charlie Chaplin".

Isto mostra a grande atração que "O Grande Ditador" oferece, em Nova-York, aos milhões de fans do cinema.

Quizera dar-lhes uma boa idéa do filme, visto na tela, como eu tive a felicidade de o ver. Isso porém, seria um trabalho difícil — porque um filme tão grande como "O Grande Ditador" não pode ser apropriadamente descrito dentro dos restritos limites desta breve reportagem. Contudo, tentarei procurar palavras para descrever os pontos mais importantes dessa produção, tais como êles me impressionaram.

Primeiro, devo, porém, dizer-lhes que tenho visto cerca de 2.000 filmes; mas nenhum como "O Grande Ditador". E' o único filme que tem o c

raterístico de representar o magnífico trabalho de um brilhante talento, e que continuará gozando essa única qualidade durante muitos anos.

Chaplin poz toda a sua arte, toda a sua perícia, e toda a sua alma nêsse filme. Como que representa a natureza do grande homem, do homem que tem provocado o riso de milhões, do homem que, mais que nenhum outro tem dito às multidões do mundo — desse Bangalore até Buenos-Aires... desde o Canadá até à cidade do Cabo — “chegou a hora do riso”. E, quando êle o diz... as multidões riem-se.

O tema escolhido por Chaplin, para êsse extraordinário trabalho, é um tema que qualquer pessoa esperaria do homem cujo coração tem um conhecimento profundo daquilo que traz alegria ao povo. E' um tema nascido dos sonhos de milhões de pessoas — a prazenteira zombaria das forças que oprimem o homem do mundo trabalhador de hoje.

Para conseguir isso, Chaplin escolheu para protagonista do seu filme, a única personagem hoje existente que — mais que qualquer outro ser humano — guia essas forças de opressão contra os inocentes povos do mundo. Escolheu... Hitler.

Talvez fôsse um dos caprichos da Providência que sugeriu a Chaplin, há já alguns anos, o mutilado bigode que Hitler adotou anos depois. Seja qual fôr a razão, muita gente está disposta a concordar em que: — Chaplin honrou o bigode, mas que Hitler o deshonrou.

Ambos nasceram no mesmo ano; mas, durante a sua vida, Chaplin trouxe alegria a milhões de pessoas... o leitor que decida o que Hitler tem feito.

Com toda a sua alma, com toda a sua perícia e com todos os recursos ao seu dispôr, Charlie Chaplin conserva a sua própria tradição no seu novo filme. Ele representa “O Grande Ditador” sob um espírito de sátira, de comédia e de acusação. Ele usa a roupa e os gestos de Hitler, mas usa-os com a bufonaria e o gênio característicos de Chaplin. Ele trejeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo do mundo, e faz-nos rir às gargalhadas porque sabemos que, nas mãos de Chaplin, êsses são os cômicos caprichos de um dos melhores amigos do mundo.

Ao burlarquar o chefe supremo da Europa Central, Chaplin é extremamente engraçado. Todos os que vêm êste filme riem-se às gargalhadas.

A história (escrita pelo próprio Chaplin) é baseada, em fatos, e em... fantasia. Descreve as aventuras de um cidadão alemão, um insignificante, mas satisfeito, barbeiro judeu — (Chaplin representa êsse papel) — que serviu a sua pátria durante o ano de 1918. Ferido, durante a guerra,



O Teatro “Capital”, na Broadway, fotografado uma hora antes da estréia, no mesmo, de “O Grande Ditador”. (Foto United Artists)

em quanto salvava a vida de um camarada seu, foi levado para um hospital, de onde saiu anos mais tarde, desconhecendo completamente as mudanças políticas que tinham sido feitas no país em cujo serviço êle tinha arriscado a vida. Segue, depois, uma série de episódios divertidos, muitos dêles descrevendo os seus engraçados encontros com os cruéis valentões da policia secreta do Grande Ditador.

No entanto, o Grande Ditador — (Chaplin, na sua história, dá-lhe o nome de “Hynkel”) — achase ocupado com negócios de estado, sendo um dos mais importantes o problema de resolver o que fazer com o seu rival ditador “Napaloni” (representado muito comicamente por Jack Oakie). Há várias alterações entre os dois, e essas cenas atingem o pináculo da bufonaria Chaplinesca.

Finalmente, o enredo leva-nos a um ponto onde se encontram os destinos do insignificante barbeiro e do poderoso ditador. Isto é efetuado por meio de uma nítida alteração no enredo, feita de tal maneira que o **insignificante** se torna **poderoso**, e o Grande Ditador é proscrito, sofrendo um bem merecido esquecimento.

Isto dá a Chaplin a oportunidade de resumir as “razões de ser” do seu filme. E êle faz isso por meio de uma destemida denúncia das forças opressores do mal. Ele se dirige, sem rodeios, direta e veementemente ao público.

Tão enérgico é êsse entusiástico apêlo que passo a dar, nesta reportagem, uma transcrição do mesmo:

Eis o que Chaplin diz:

“Aos que me podem ouvir, digo: Não desespere! O sofrimento que nos tem atormentado nada mais é que a agonia da ambição — o amargo rancor de homens que temem o progresso humano. O ódio dêsses homens desaparecerá, os dita-

raterístico de representar o magnífico trabalho de um brilhante talento, e que continuará gozando essa única qualidade durante muitos anos.

Chaplin poz toda a sua arte, toda a sua perícia, e toda a sua alma nêsse filme. Como que representa a natureza do grande homem, do homem que tem provocado o riso de milhões, do homem que, mais que nenhum outro tem dito às multidões do mundo — desse Bangalore até Buenos Aires... desde o Canadá até à cidade do Cabo — “chegou a hora do riso”. E, quando êle o diz... as multidões riem-se.

O tema escolhido por Chaplin, para êsse extraordinário trabalho, é um tema que qualquer pessoa esperaria do homem cujo coração tem um conhecimento profundo daquilo que traz alegria ao povo. E' um tema nascido dos sonhos de milhões de pessoas — a prazenteira zombaria das forças que oprimem o homem do mundo trabalhador de hoje.

Para conseguir isso, Chaplin escolheu para protagonista do seu filme, a única personagem hoje existente que — mais que qualquer outro ser humano — guia essas forças de opressão contra os inocentes povos do mundo. Escolheu... Hitler.

Talvez fôsse um dos caprichos da Providência que sugeriu a Chaplin, há já alguns anos, o mutilado bigode que Hitler adotou anos depois. Seja qual fôr a razão, muita gente está disposta a concordar em que: — Chaplin honrou o bigode, mas que Hitler o deshonrou.

Ambos nasceram no mesmo ano; mas, durante a sua vida, Chaplin trouxe alegria a milhões de pessoas... o leitor que decida o que Hitler tem feito.

Com toda a sua alma, com toda a sua perícia e com todos os recursos ao seu dispôr, Charlie Chaplin conserva a sua própria tradição no seu novo filme. Ele representa “O Grande Ditador” sob um espírito de sátira, de comédia e de acusação. Ele usa a roupa e os gestos de Hitler, mas usa-os com a bufonaria e o gênio característicos de Chaplin. Ele trejeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo do mundo, e faz-nos rir às gargalhadas porque sabemos que, nas mãos de Chaplin, êsses são os cômicos caprichos de um dos melhores amigos do mundo.

Ao burlarquar o chefe supremo da Europa Central, Chaplin é extremamente engraçado. Todos os que vêm êste filme riem-se às gargalhadas.

A história (escrita pelo próprio Chaplin) é baseada em fatos, e em... fantasia. Descreve as aventuras de um cidadão alemão, um insignificante, mas satisfeito, barbeiro judeu — (Chaplin representa êsse papel) — que serviu a sua pátria durante o ano de 1918. Ferido, durante a guerra,



O Teatro “Capital”, na Broadway, fotografado uma hora antes da estréia, no mesmo, de “O Grande Ditador”. (Foto United Artists)

em quanto salvava a vida de um camarada seu, foi levado para um hospital, de onde saiu anos mais tarde, desconhecendo completamente as mudanças políticas que tinham sido feitas no país em cujo serviço êle tinha arriscado a vida. Segue, depois, uma série de episódios divertidos, muitos dêles descrevendo os seus engraçados encontros com os cruéis valentões da policia secreta do Grande Ditador.

No entanto, o Grande Ditador — (Chaplin, na sua história, dá-lhe o nome de “Hynkel”) — achase ocupado com negócios de estado, sendo um dos mais importantes o problema de resolver o que fazer com o seu rival ditador “Napaloni” (representado muito comicamente por Jack Oakie). Há várias alterações entre os dois, e essas cenas atingem o pináculo da bufonaria Chaplinesca.

Finalmente, o enredo leva-nos a um ponto onde se encontram os destinos do insignificante barbeiro e do poderoso ditador. Isto é efetuado por meio de uma nítida alteração no enredo, feita de tal maneira que o **insignificante** se torna **poderoso**, e o Grande Ditador é proscrito, sofrendo um bem merecido esquecimento.

Isto dá a Chaplin a oportunidade de resumir as “razões de ser” do seu filme. E êle faz isso por meio de uma destemida denúncia das forças opressores do mal. Ele se dirige, sem rodeios, direta e veementemente ao público.

Tão enérgico é êsse entusiástico apêlo que passo a dar, nesta reportagem, uma transcrição do mesmo:

Eis o que Chaplin diz:

“Aos que me podem ouvir, digo: Não desespere! O sofrimento que nos tem atormentado nada mais é que a agonia da ambição — o amargo rancor de homens que temem o progresso humano. O ódio dêsses homens desaparecerá, os dita-

dores morrerão, e o poder que eles usurparam voltará para o povo. E, si bem que homens morram, a Liberdade jamais perecerá... Soldados! Não vos submetais á vontade desses monstros — homens que vos desprezam — que vos escravizam — que regulamentarão as vossas vidas — que vos dirão o que fazer, o que **pensar** e o que **sentir**! Homens que vos disciplinarão — que reduzirão as vossas razões — que vos tratarão como animais e que vos usarão como alvos para canhões. Não ofereçais as vossas vidas a esses homens desnaturados — homens **mecânicos**, com mentes **mecânicas** e corações **mecânicos**! Vós não sois máquinas!

Sois homens!... Tendes no coração amor pela humanidade! — Não odiei! Somente os desprezados é que odeiam — os desprezados e os desnaturados! Soldados! Não defendais a escravidão! Lutai pela Liberdade! — No Capítulo 17 do Livro de S. Lucas, está escrito: — “O Reino de Deus está no íntimo do homem” — não no íntimo de **um só** homem, nem de um grupo de homens, mas no íntimo de todos os homens! No vosso íntimo!

cumprem essas promessas! Nunca o farão! Ditadores tornam-se livres mas escravizam o povo! Lutemos para libertar o mundo — para eliminar barreiras nacionais — para eliminar a ambição, o ódio e a intolerância. Lutemos em prol de um mundo racional — um mundo onde a ciência e o progresso produzam a felicidade de todos. Soldados! Em nome da Democracia, unamo-nos!”.

E assim termina o filme... com uma nota de coragem e de esperança para os escravizados povos do mundo.

O fim principal do filme “O Grande Ditador” é provar que os milhões dos pequenos, honestos e racionais povos do mundo — os povos que somente desejam desempenhar livremente as suas modestas mas necessárias tarefas — os povos que desejam viver, rir e amar, — cedo, ou tarde quebrarão as pesadas cadeias da tirania, transformando o mundo de hoje num lugar muito melhor para gozar a vida.

Si bem que a produção é quasi toda o traba-



Charlie Chaplin e Paulette Goddard numa das cenas de “O Grande Ditador.”
(Foto United Artists)

Vós, o povo, tendes o poder... o poder de criar máquinas! O poder de produzir felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de fazer esta vida livre e agradável — de fazer desta vida uma maravilhosa aventura. Portanto — em nome da democracia — usemos esse poder — unamo-nos! Lutemos por um novo mundo — um mundo honesto que dê ao homem uma oportunidade para trabalhar — que dê á mocidade um bom futuro, e á velhice... segurança. Prometendo essas cousas, monstros têm adquirido poder. Mas eles mentiram! Eles não

ilho de Chaplin — como bem deve ser — o trabalho de Jack Oakie e de Paulette Goddard é excelente. Oakie é mais “Mussolinesco” que o próprio Cesar Moderno, e as cenas com “Hynkel” — nas quais cada um deles tenta ultrapassar as **pavonadas** do outro — são hilariantes. Miss Goddard, no papel de Hannah, a humilde namorada do modesto barbeiro do Ghetto, é linda e arrebatadora. Outras excelentes caracterizações são apresentadas por Billy Gilbert, no papel de “Herring”, protótipo de Goering; por Henry Daniell, no papel de

dores morrerão, e o poder que eles usurparam voltará para o povo. E, si bem que homens morram, a Liberdade jamais perecerá... Soldados! Não vos submetais á vontade desses monstros — homens que vos desprezam — que vos escravizam — que regulamentarão as vossas vidas — que vos dirão o que fazer, o que **pensar** e o que **sentir**! Homens que vos disciplinarão — que reduzirão as vossas razões — que vos tratarão como animais e que vos usarão como alvos para canhões. Não ofereçais as vossas vidas a esses homens desnaturados — homens **mecânicos**, com mentes **mecânicas** e corações **mecânicos**! Vós não sois máquinas!

Sois homens!... Tendes no coração amor pela humanidade! — Não odieiis! Somente os desprezados é que odiam — os desprezados e os desnaturados! Soldados! Não defendais a escravidão! Lutai pela Liberdade! — No Capítulo 17 do Livro de S. Lucas, está escrito: — “O Reino de Deus está no íntimo do homem” — não no íntimo de **um só** homem, nem de um grupo de homens, mas no íntimo de todos os homens! No vosso íntimo!

cumprem essas promessas! Nunca o farão! Ditadores tornam-se livres mas escravizam o povo! Lutemos para libertar o mundo — para eliminar barreiras nacionais — para eliminar a ambição, o ódio e a intolerância. Lutemos em prol de um mundo racional — um mundo onde a ciência e o progresso produzam a felicidade de todos. Soldados! Em nome da Democracia, unamo-nos!”.

E assim termina o filme... com uma nota de coragem e de esperança para os escravizados povos do mundo.

O fim principal do filme “O Grande Ditador” é provar que os milhões dos pequenos, honestos e racionais povos do mundo — os povos que somente desejam desempenhar livremente as suas modestas mas necessárias tarefas — os povos que desejam viver, rir e amar, — cêdo, ou tarde quebrarão as pesadas cadeias da tirania, transformando o mundo de hoje num lugar muito melhor para gozar a vida.

Si bem que a produção é quasi toda o traba-



Charlie Chaplin e Paulette Goddard numa das cenas de “O Grande Ditador.”
(Foto United Artists)

Vós, o povo, tendes o poder... o poder de criar máquinas! O poder de produzir felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de fazer esta vida livre e agradável — de fazer desta vida uma maravilhosa aventura. Portanto — em nome da democracia — usemos esse poder — unamo-nos! Lutemos por um novo mundo — um mundo honesto que dê ao homem uma oportunidade para trabalhar — que dê á mocidade um bom futuro, e á velhice... segurança. Prometendo essas cousas, monstros têm adquirido poder. Mas eles mentiram! Eles não

ilho de Chaplin — como bem deve ser — o trabalho de Jack Oakie e de Paulette Goddard é excelente. Oakie é mais “Mussolinesco” que o próprio Cesar Moderno, e as cenas com “Hynkel” — nas quais cada um deles tenta ultrapassar as **pavonadas** do outro — são hilariantes. Miss Goddard, no papel de Hannah, a humilde namorada do modesto barbeiro dó Ghetto, é linda e arrebatadora. Outras excelentes caracterizações são apresentadas por Billy Gilbert, no papel de “Herring”, protótipo de Goering; por Henry Daniell, no papel de



Jack Oakie, Paulette Goddard, Charlie Chaplin e Murray Silverstone, chefe de operações da United Artists Corporation, fotografados durante a estréia de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

"Garbitsch", protótipo de Goebbels; por Reginald Gardiner, e por Maurice Moscovitch.

Os jornais de hoje estão cheios de notícias acêrca dessa estréia dupla. De fáto, durante os últimos quatro dias, desde que Chaplin chegou a Nova-York, de avião, de Hollywood — (a sua primeira visita, em dez anos, a esta cidade de oito milhões de habitantes) — os jornais têm falado acêrca da chegada dêle em grande estilo. Uma pessoa até podia pensar que Chaplin é um potentado de um país longínquo e rico, em vez do bondoso e modesto homem com um grande gênio para trágicomédia.

Mas as críticas, nos jornais de hoje, são as provas mais importantes que temos das boas qualidades desta última obra-prima de Charlie Chaplin. Pois que são essas críticas o que decide os méritos e deméritos do trabalho de um homem, mais propriamente que os do próprio homem.

As críticas foram magníficas. Depois de as ter lido, creio que Chaplin, que sem dúvida as deve ter lido todas ávidamente, deva estar mais que satisfeito.

Não tendo aqui espaço suficiente para as publicar completas, darei apenas alguns excertos:

O incomparável Chaplin reapareceu num filme extraordinário. Chaplin nos seus melhores momentos; o que significa que "O Grande Ditador" tem uma das melhores caracterizações jamais vistas na tela. — **Herald-Tribune**.

Acontecimento algum, na história do cinema, tem sido esperado com tanta ansiedade. E as notícias, esta manhã, dizem que é magnificante. Um

trabalho verdadeiramente soberbo, por um grande artista e, talvez, o filme mais significativo jamais produzido. — **New-York Times**.

Tem sido o alvo de mais suposições e conjecturas que até mesmo "E o Vento Levou". Imensamente divertido! — **Journal-American**.

Sátira magnífica... uma obra-prima. — **New-York Post**.

Chaplin atacou os ditadores, e fê-lo tão efetiva e tão perfeitamente como se podia desejar. A sua defeza da Democracia, no fim do filme, é sensacional e emocionante. — **Daily Mirror**.

Toda a irrequieta imaginação e vivo engenho inventivo que transformaram os seus velhos filmes de bufonaria em obras de arte. — **World-Telegram**.

Exatamente o que esperávamos... o Chaplin de outróra! — **PM**.



O Teatro "Astor", fotografado na noite da estréia "O Grande Ditador". (Foto Unitel Artistas)



Jack Oakie, Paulette Goddard, Charlie Chaplin e Murray Silverstone, chefe de operações da United Artists Corporation, fotografados durante a estréia de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

"Garbitsch", protótipo de Goebbels; por Reginald Gardiner, e por Maurice Moscovitch.

Os jornais de hoje estão cheios de notícias acêrca dessa estréia dupla. De fato, durante os últimos quatro dias, desde que Chaplin chegou a Nova-York, de avião, de Hollywood — (a sua primeira visita, em dez anos, a esta cidade de oito milhões de habitantes) — os jornais têm falado acêrca da chegada dêle em grande estilo. Uma pessoa até podia pensar que Chaplin é um potentado de um país longínquo e rico, em vez do bondoso e modesto homem com um grande gênio para trágicomédia.

Mas as críticas, nos jornais de hoje, são as provas mais importantes que temos das boas qualidades desta última obra-prima de Charlie Chaplin. Pois que são essas críticas o que decide os méritos e deméritos do trabalho de um homem, mais propriamente que os do próprio homem.

As críticas foram magníficas. Depois de as ter lido, creio que Chaplin, que sem dúvida as deve ter lido todas ávidamente, deva estar mais que satisfeito.

Não tendo aqui espaço suficiente para as publicar completas, darei apenas alguns excertos:

O incomparável Chaplin reapareceu num filme extraordinário. Chaplin nos seus melhores momentos; o que significa que "O Grande Ditador" tem uma das melhores caracterizações jamais vistas na tela. — **Herald-Tribune**.

Acontecimento algum, na história do cinema, tem sido esperado com tanta ansiedade. E as notícias, esta manhã, dizem que é magnificante. Um

trabalho verdadeiramente soberbo, por um grande artista e, talvez, o filme mais significativo jamais produzido. — **New-York Times**.

Tem sido o alvo de mais suposições e conjecturas que até mesmo "E o Vento Levou". Imensamente divertido! — **Journal-American**.

Sátira magnífica... uma obra-prima. — **New-York Post**.

Chaplin atacou os ditadores, e fê-lo tão efetiva e tão perfeitamente como se podia desejar. A sua defeza da Democracia, no fim do filme, é sensacional e emocionante. — **Daily Mirror**.

Toda a irrequieta imaginação e vivo engenho inventivo que transformaram os seus velhos filmes de bufonaria em obras de arte. — **World-Telegram**.

Exatamente o que esperávamos... o Chaplin de outrora! — **PM**.



O Teatro "Astor", fotografado na noite da estréia "O Grande Ditador". (Foto Unitel Artistas)

VAQUEIROS E REMEIROS

JULIO PATERNOESTRO

No Brasil Central, na grande faixa de terra que se limita a leste pela curva do S. Francisco e a oeste pela vertical do Tocantins, é comum encontrarmos homens que revezam as lidas de vaqueiro e remeiro. Isto se explica por motivos geográficos. No centro do país, as extensões dos campos e dos rios são imensas. No sul, os campos não sendo cortados por grandes rios, os homens se fixam na união de vaquejar e, no Norte, o regime amazônico, com muita água, espessas florestas e menos campos, faz com que os homens sejam principalmente canoieiros.

No Centro, a água é navegada e a terra palmilhada com a mesma coragem. As medidas de comprimento que usam para ambos os meios, líquido ou sólido, é a légua. Naquelas terras não se fala em alqueire (48.000 m²), como noutras zonas do país. A légua, isto é, 6 kms. de comprimento, é calculada pelo passo do animal ou pela subida de um rio, em canoa, num percurso de uma hora.

A terra divide-se em campos geraes (agreste) e "caatinga". As propriedades são avaliadas sem agrimensura. Da cabeceira do ribeirão tal a uma gruta conhecida decidem que ha uma légua de distancia. A largura, que pôde ter mais extensão do que comprimento... a qualidade do terreno, se abrange mais "geraes" ou caatinga não se discutem. O preço varia de 50\$000 a 200\$000 a légua. A propriedade é herdada ou adquirida, e os donos

de 10, 20 léguas não são raros. Não ha marcos limitando os vizinhos: a gente sabe que é de fulano ou beltrano, quando observa as ancas do gado marcadas a ferro. Mais de uma vez, um proprietario não soube me responder se a terra que cavalgavamos era sua ou do vizinho.

Em volta de certas cidades daquele sertão, ha área que é da "santa". Isto é, dedicada á padroeira local, onde qualquer indivíduo pôde chegar e construir sua casa, plantar sua roça á vontade; não se cobram impostos. São terras dos pobres, todo o mundo tem direito a elas. Entre a margem direita do rio Tocantins e a serra Geral, se estende uma faixa de terra boa, a caatinga, que vem desde Jalapão (Maranhão) e segue se alargando em cinco léguas ou se estreitando em uma légua no rumo do Estado de Minas Geraes, visando Paracatú; nela o gado se extravia e se torna selvagem.

A produção principal naquela formidável superfície é o gado, que, nascido nos "geraes", é meúdo e raquítico, e, criado na caatinga, é "curraleiro" grande e gordo. Do primeiro, vale um boi 50\$000, e do segundo, pôde ir além de 200\$000. Por isso, o proprietario da terra é criador, e o dinheirão ali é o gado. Quem trata deste é o vaqueiro.

Os vaqueiros geralmente são mestiços (feodermicos), altos e magros. Seu biotipo, porém, não se enquadra apenas no letossomático; geralmente é enxertado de elementos atléticos. Suas façanhas realizam-se ora no agreste, ora nas caatingas, ora dentro dos rios, quando se transformam em remeiros. Desde criança sabem montar a cavalo como, também manejar o remo.

Para quem nasce naquelas bandas é simples obter o título de vaqueiro. E' qualquer um que se apresente ao criador e faz um contrato de boca (a honestidade é regra geral, raramente se quebra a palavra). O proprietário, quando tem uma palhoça deshabitada, entrega-a ao "novato", ou então fornece os meios para construção da casa, isto é, machado e enxada. O material se encontra na Natureza. Para vaquejar ou costear recebe um cavaço arriado. O trabalho é tratar do gado, curar-lhe as bicheiras, tirar-lhe o leite na estação do "verde", saber se as rêsas estão na caatinga ou nos geraes, nas terras do patrão ou nas do vizinho. Lá não ha arame, este é um rio grande, por onde o gado se arreceia de varar.



PASSAGEM FRANCA — O edificio onde funciona a cadeia pública

VAQUEIROS E REMEIROS

JULIO PATERNOESTRO

No Brasil Central, na grande faixa de terra que se limita a leste pela curva do S. Francisco e a oeste pela vertical do Tocantins, é comum encontrarmos homens que revezam as lidas de vaqueiro e remeiro. Isto se explica por motivos geográficos. No centro do país, as extensões dos campos e dos rios são imensas. No sul, os campos não sendo cortados por grandes rios, os homens se fixam na união de vaquejar e, no Norte, o regime amazônico, com muita água, espessas florestas e menos campos, faz com que os homens sejam principalmente canoeiros.

No Centro, a água é navegada e a terra palmilhada com a mesma coragem. As medidas de comprimento que usam para ambos os meios, líquido ou sólido, é a légua. Naquelas terras não se fala em alqueire (48.000 m²), como noutras zonas do país. A légua, isto é, 6 kms. de comprimento, é calculada pelo passo do animal ou pela subida de um rio, em canoa, num percurso de uma hora.

A terra divide-se em campos geraes (agreste) e "caatinga". As propriedades são avaliadas sem agrimensura. Da cabeceira do ribeirão tal a uma gruta conhecida decidem que ha uma légua de distancia. A largura, que pôde ter mais extensão do que comprimento... a qualidade do terreno, se abrange mais "geraes" ou caatinga não se discutem. O preço varia de 50\$000 a 200\$000 a légua. A propriedade é herdada ou adquirida, e os donos

de 10, 20 léguas não são raros. Não ha marcos limitando os vizinhos: a gente sabe que é de fulano ou beltrano, quando observa as ancas do gado marcadas a ferro. Mais de uma vez, um proprietário não soube me responder se a terra que cavalgavamos era sua ou do vizinho.

Em volta de certas cidades daquele sertão, ha área que é da "santa". Isto é, dedicada á padroeira local, onde qualquer indivíduo pôde chegar e construir sua casa, plantar sua roça á vontade; não se cobram impostos. São terras dos pobres, todo o mundo tem direito a elas. Entre a margem direita do rio Tocantins e a serra Geral, se estende uma faixa de terra boa, a caatinga, que vem desde Jalapão (Maranhão) e segue se alargando em cinco léguas ou se estreitando em uma légua no rumo do Estado de Minas Geraes, visando Paracatú; nela o gado se extravia e se torna selvagem.

A produção principal naquela formidável superfície é o gado, que, nascido nos "geraes", é meúdo e raquítico, e, criado na caatinga, é "curraleiro" grande e gordo. Do primeiro, vale um boi 50\$000, e do segundo, pôde ir além de 200\$000. Por isso, o proprietário da terra é criador, e o dinheirão ali é o gado. Quem trata deste é o vaqueiro.

Os vaqueiros geralmente são mestiços (feodermicos), altos e magros. Seu biotipo, porém, não se enquadra apenas no letossomático; geralmente é enxertado de elementos atléticos. Suas façanhas realizam-se ora no agreste, ora nas caatingas, ora dentro dos rios, quando se transformam em remeiros. Desde criança sabem montar a cavalo como, também manejar o remo.

Para quem nasce naquelas bandas é simples obter o título de vaqueiro. E' qualquer um que se apresente ao criador e faz um contrato de boca (a honestidade é regra geral, raramente se quebra a palavra). O proprietário, quando tem uma palhoça deshabitada, entrega-a ao "novato", ou então fornece os meios para construção da casa, isto é, machado e enxada. O material se encontra na Natureza. Para vaquejar ou costear recebe um cavaço arriado. O trabalho é tratar do gado, curar-lhe as bicheiras, tirar-lhe o leite na estação do "verde", saber se as rêsas estão na caatinga ou nos geraes, nas terras do patrão ou nas do vizinho. Lá não ha arame, este é um rio grande, por onde o gado se arreceia de varar.



PASSAGEM FRANCA — O edificio onde funciona a cadeia pública



O aniversário do sr. Francisco Coêlho Aguiar foi um motivo de justas alegrias para seus inúmeros amigos. Vemos aqui um aspecto tomado á porta da Catedral logo após a Missa em ação de graça

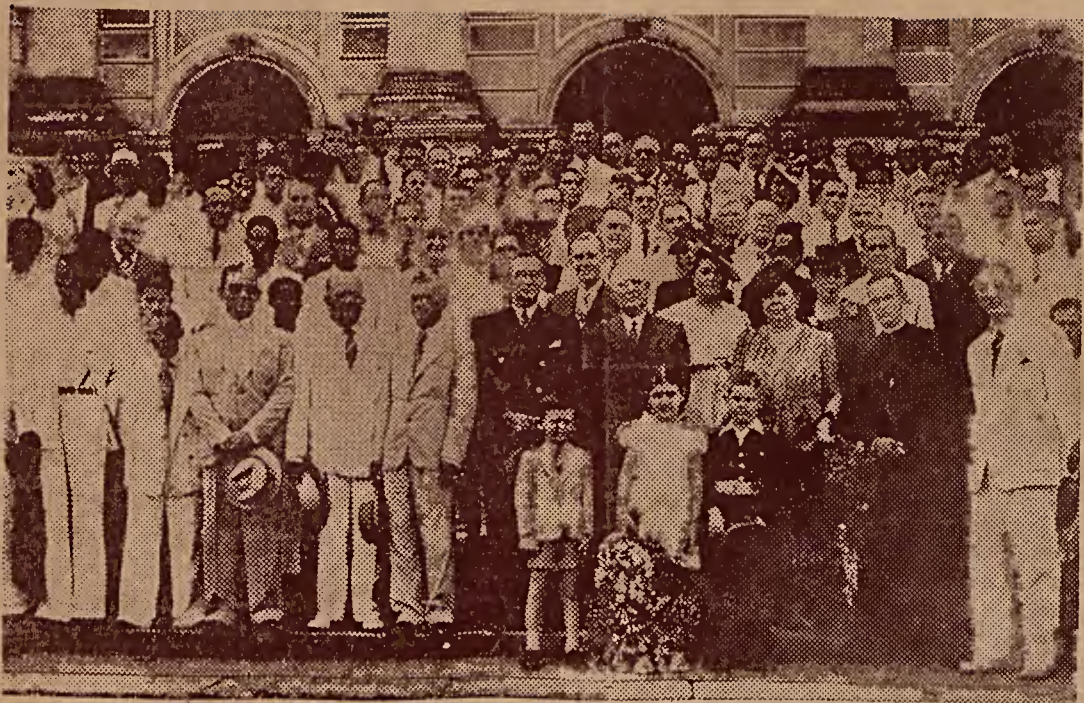
O trabalho do vaqueiro é pago em gado: a cada 4 bezerros que nascem por ano, êle fica com um. Um bom vaqueiro toma conta de 150 vacas, quer dizer, ele ganha por ano, no maximo, 15 bezerros.

O "verde" (estação das chuvas) é a ocasião da ferra. O patrão tem o seu ferro de marcar e o empregado o seu "ferrinho" (quando se vê um marca meûda já se sabe que é rez de vaqueiro.) Reunem o "rebanho". O vaqueiro laça 4 bezerros na estaca e separa um para si. Num costeiro avantajado o serviço é ligeiro e o dono não tem tempo de apreciar as crias. O vaqueiro escolhe para si os melhores bezerros, é natural.

Cada bezerro vale 15\$000, em média. O vaqueiro pôde vender suas "crias" ao patrão ou a outro, ou então junta-as ao gado do patrão para friscar um lucro futuro. Quasi sempre vendem-as no ato da vaquejada, pois, nãais tarde, as reses podem extravaiar-se. É comum, no fim de um ano de trabalho, os bezerros não darem para pagar o vaqueiro ou mercadorias que o vaqueiro tomou emprestado do patrão. Aliás, este dinheiro ou mercadorias são fornecidos honestamente; não ha extorsão, e juras. Este fato concorda com uma regra maior ou menor geral no interior: os criadores não abusam, não usurpam seus empregados da maneira humana como procedem os donos de plantações.

Talvez a vida anímica dos criadores de animais conserve em maior proporção o sentimento de comunidade, que esmaece, em geral, nos proprietários de plantações ou de indústrias. Os primeiros dão atenção ao **indivíduo animal**, que além do trato geral do rebanho, exige cuidado especial; o animal exterioriza a sua dor. O dono de um cafezal, por exemplo, não se "preocupa" com a anomalia dum pé de café, o dono de um parque industrial não "sente" o desgaste de uma máquina. A destruição de um carregador de café atacado de uma doença, o abandono de uma máquina inutilizada não atingem a afetividade de seus donos. O creador de gado, ordenando "a morte" de uma rez atacada de doença infecciosa, é envolvido em regra geral, em maior ou menor grau pela noção da "dor" e da "morte". Ora, as noções da "dor" e da "morte" nivelam situações, humanizam o convívio dos homens. Dentro da atual estrutura econômica, os donos de coisas que não manifestam a sensação da "dor" (reino vegetal), que não **morrem** (máquinaria) assumem, em geral, para com os homens, seus empregados, a mesma conduta que tem para as coisas, isto é, são maffetivos.

Da grande massa de vaqueiros, alguns, entre a campeiragem e o repouso, plantam cereais e upês de algodão. Assim, comem e se vestem sem tomar dinheiro do patrão. Suas mulheres fiam



O aniversário do sr. Francisco Coêlho Aguiar foi um motivo de justas alegrias para seus inúmeros amigos. Vemos aqui um aspecto tomado á porta da Catedral logo após a Missa em ação de graça

O trabalho do vaqueiro é pago em gado: a cada 4 bezerros que nascem por ano, êle fica com um. Um bom vaqueiro toma conta de 150 vacas, quer dizer, ele ganha por ano, no maximo, 15 bezerros.

O "verde" (estação das chuvas) é a ocasião da ferra. O patrão tem o seu ferro de marcar e o empregado o seu "ferrinho" (quando se vê um marca meûda já se sabe que é rez de vaqueiro.) Reunem o "rebanho". O vaqueiro laça 4 bezerros na estaca e separa um para si. Num costeiro avançado o serviço é ligeiro e o dono não tem tempo de apreciar as crias. O vaqueiro escolhe para si os melhores bezerros, é natural.

Cada bezerro vale 15\$000, em média. O vaqueiro pôde vender suas "crias" ao patrão ou a outro, ou então junta-as ao gado do patrão para frisar um lucro futuro. Quasi sempre vendem-as no ato da vaquejada, pois, mais tarde, as reses podem extravaiar-se. É comum, no fim de um ano de trabalho, os bezerros não darem para pagar o dinheiro ou mercadorias que o vaqueiro tomou emprestado do patrão. Aliás, este dinheiro ou mercadorias são fornecidos honestamente; não há extorsão, e juras. Este fato concorda com uma regra maior ou menos geral no interior: os criadores não abusam, não usurpam seus empregados da maneira humana como procedem os donos de plantações.

Talvez a vida anímica dos criadores de animais conserve em maior proporção o sentimento de comunidade, que esmaece, em geral, nos proprietários de plantações ou de indústrias. Os primeiros dão atenção ao **indivíduo animal**, que além do trato geral do rebanho, exige cuidado especial; o animal exterioriza a sua dor. O dono de um cafezal, por exemplo, não se "preocupa" com a anomalia dum pé de café, o dono de um parque industrial não "sente" o desgaste de uma máquina. A destruição de um carregador de café atacado de uma doença, o abandono de uma máquina inutilizada não atingem a afetividade de seus donos. O creador de gado, ordenando "a morte" de uma rez atacada de doença infecciosa, é envolvido em regra geral, em maior ou menor grau pela noção da "dor" e da "morte". Ora, as noções da "dor" e da "morte" nivelam situações, humanizam o convívio dos homens. Dentro da atual estrutura econômica, os donos de coisas que não manifestam a sensação da "dor" (reino vegetal), que não **morrem** (máquinaria) assumem, em geral, para com os homens, seus empregados, a mesma conduta que tem para as coisas, isto é, são malfetivos.

Da grande massa de vaqueiros, alguns, entre a campeiragem e o repouso, plantam cereais e um pé de algodão. Assim, comem e se vestem sem tomar dinheiro do patrão. Suas mulheres fiam

pelo modo mais primitivo e preparam-lhes as roupas. As medidas que usam para esses tecidos são 1 pês (1 kg.) ou 1 vara (1,10 m.). Com 3 pesos ou 2 varas e meia fazem uma calça de algodão. Outros vivem "na época do couro" de que falou Capistrano de Abreu: Chapéu, camisa e calças de couro, e, estas são estreitas, descendo até os pés descalços.

Os que andam vestidos de tecidos de algodão fiado pelas esposas e que comem o feijão que plantaram, conseguem, no fim de dez anos, ter o seu gado, e passam a ser proprietários. Esses casos, porém, são raros.

A maioria deles é alegre, ativa e arguta, devido às correrias nos campos e pelo contacto com a fisiologia animal, que os transformam em bons observadores. Como em todo o sertão, os campeiros são mais inteligentes (inteligência encarada como experiência) do que os lavradores, que vivem sempre fixos a um pedaço de terra, e cujo convívio com a fisionomia vegetal, menos movimentada que a animal, não os desenvolve tanto.

As relações entre proprietários de gado e de terras com seus "alugados" são as mais cordiais possíveis. **Alugado** é a expressão adotada naquela região brasileira, para os empregados em geral. Nos "pousos" ou nos costeios, patrão e vaqueiro se misturam. O biotipo, o traje, o "esticado" (couro cru) para dormir, a carne seca comida

com as mãos, os confundem. Objetivamente, só o porte do cavalo e a qualidade dos arreios os distinguem.

Quando, antes de completar o ano de trabalho, o vaqueiro abandona o patrão ou, na expressão regional, "entrega o cavalo", perde o direito sobre as crias, sai mal visto e sem vintém.

Muitas vezes, emprega-se então como remeio dos barcos que andam naqueles grandes rios.

No rio Tocantins, há quasi cem anos que esses homens transportam mercadoria e gente para Belém. Antigamente, o ponto de partida era Palmar, vila plantada no angulo do Paraná com grande Rio. Daí desciam os batelões atulhados de couros e voltavam recheados de sal. Durava viagem 6 meses. A saída e a chegada dos batelões nas vilas marginais eram comemoradas com estouros de foguetes e tanger de sinos.

As corredeiras dos rios nunca foram impecilho para aquela gente que tacitamente, sem saber, que significavam esses raides demonstrou, mais do que ninguém, o valor comercial das estradas ligadas do centro do paiz, que ainda hoje estão para ser aproveitadas integralmente.

Hoje, a rota dos primeiros barqueiros está modificada. Os "motores" a óleo Diesel sobem ou descem o Tocantins de Alcobaca (Pará) a Porto Nacional (Goyaz), durante a estação do verde.

A cidade de Barreiras na Bahia, como empo



E'COS DO CARNAVAL — Dentre os muitos bloco que abrilhantaram os festejos de Momo, na passada temporada carnavalesca, os "Legionários" estiveram à altura de sua fama de verdadeiros foliões. Os aspectos que aqui apresentamos, dizem bem do valor dessa "turnê" que "quiz mostrar que faz samba também". Na 1.ª foto — Clóvis M. Rodrigues, José Ramos, Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima; Orlando M. Rodrigues e Ivaldo Santos. Na outra — Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima, Orlando, Clóvis M. Rodrigues, Alberto Parga Ivaldo Santos e José Ramos, na interessante crítica "A Liga das Nações", a qual obteve grande sucesso no domingo gôrôdo. São eles arabe, português, tirolês, chinês, abissínio, malaio e japonesa, respectivamente

pelo modo mais primitivo e preparam-lhes as roupas. As medidas que usam para esses tecidos são 1 pês (1 kg.) ou 1 vara (1,10 m.). Com 3 pesos ou 2 varas e meia fazem uma calça de algodão. Outros vivem "na época do couro" de que falou Capistrano de Abreu: Chapéu, camisa e calças de couro, e, estas são estreitas, descendo até os pés descalços.

Os que andam vestidos de tecidos de algodão fiado pelas esposas e que comem o feijão que plantaram, conseguem, no fim de dez anos, ter o seu gado, e passam a ser proprietários. Esses casos, porém, são raros.

A maioria deles é alegre, ativa e arguta, devido às correrias nos campos e pelo contacto com a fisiologia animal, que os transformam em bons observadores. Como em todo o sertão, os campeiros são mais inteligentes (inteligência encarada como experiência) do que os lavradores, que vivem sempre fixos a um pedaço de terra, e cujo convívio com a fisionomia vegetal, menos movimentada que a animal, não os desenvolve tanto.

As relações entre proprietários de gado e de terras com seus "alugados" são as mais cordiais possíveis. **Alugado** é a expressão adotada naquela região brasileira, para os empregados em geral. Nos "pousos" ou nos costeios, patrão e vaqueiro se misturam. O biotipo, o traje, o "esticado" (couro cru) para dormir, a carne seca comida

com as mãos, os confundem. Objetivamente, só o porte do cavalo e a qualidade dos arreios os distinguem.

Quando, antes de completar o ano de trabalho, o vaqueiro abandona o patrão ou, na expressão regional, "entrega o cavalo", perde o direito sobre as crias, sai mal visto e sem vintém.

Muitas vezes, emprega-se então como remeio dos barcos que andam naqueles grandes rios.

No rio Tocantins, há quasi cem anos que esses homens transportam mercadoria e gente para Belém. Antigamente, o ponto de partida era Palmar, vila plantada no angulo do Paraná com grande Rio. Daí desciam os batelões atulhados de couros e voltavam recheados de sal. Durava viagem 6 meses. A saída e a chegada dos batelões nas vilas marginais eram comemoradas com estouros de foguetes e tanger de sinos.

As corredeiras dos rios nunca foram impecilho para aquela gente que tacitamente, sem saber, que significavam esses raides demonstrou, mais do que ninguém, o valor comercial das estradas ligadas do centro do paiz, que ainda hoje estão para ser aproveitadas integralmente.

Hoje, a rota dos primeiros barqueiros está modificada. Os "motores" a óleo Diesel sobem ou descem o Tocantins de Alcobça (Pará) a Porto Nacional (Goyaz), durante a estação do verde.

A cidade de Barreiras na Bahia, como empo



E'COS DO CARNAVAL — Dentre os muitos bloco que brilharam os festejos de Momo, na passada temporada carnavalesca, os "Legionários" estiveram à altura de sua fama de verdadeiros foliões. Os aspectos que aqui apresentamos, dizem bem do valor dessa "turna" que "quiz mostrar que faz samba também". Na 1.^a foto — Clóvis M. Rodrigues, José Ramos, Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima; Orlando M. Rodrigues e Ivaldo Santos. Na outra — Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima, Orlando, Clóvis M. Rodrigues, Alberto Parga Ivaldo Santos e José Ramos, na interessante crítica "A Liga das Nações", a qual obteve grande sucesso no domingo gôrôdo. São eles arabe, português, tirolês, chinês, abissínio, malaio e japonês, respectivamente

rio de todo o sertão que se estende da curva do S. Francisco ao Tocantins deslocou a função comercial de Belém. O comércio deixou de ser feito unicamente pelo transporte fluvial para ser mantido pelos lombos de muas. Há 40 anos os costumes da Bahia, os hábitos das margens do S. Francisco estão sendo transportados para o Tocantins.

Osromeiros atuais limitam-se apenas a ligar as pequenas distancias (80,40 km.) entre as vilas ribeirinhas, em viagens de quinze, oito dias (ida e vinda).

Usam camisa e calças de algodão, que às vezes, são curtas. O chapéu de carnaúba laçado ao pescoço deixa ver a fisionomia acobreada e angulosa dos remeiros, cujos bustos atléticos, nus, mostram vivamente desenhada, a anatomia dos intercostaes. Suas remadas são de tres, quatro horas. Cansam-se mais do que deveriam, com o físico que apresentam. Posssem bem alimentados possivelmente seriam gigantes.

Estão sempre alegres, cantando, falando, dizendo chistes ou gritando. São campeiros que trocaram as correrias dos pingos pela viagem lenta do batelão. Este, tem de cada lado uma prancha que serve para "varejar"; o movimento ritmico é feito da prôa ao meio do barco. Procuram sempre as margens ou as praias do meio para alcançarem o leito, que, não sendo encontrado, obriga a "vogar", com os remos de "faia" alceados numa forquilha ("faia", não significa qualidade de madeira, mas a forma do remo que lembra o que se usa nas ioles). Preferem a "vara" porque o barco anda mais ligeiro; dizem que ela "chia" quando encontra o fundo.

Constantemente chama o barco de "boi", pois o inconciente deles se desenvolveu na vida campestre. E como "boi", para andar direito, precisa ser xingado, ouve-se o dia inteiro nomes dos mais inocentes aos de mais baixo calão, dirigidos ao pobre barco. Quando cantam a toada lembra sempre a do "aboi". E, por reversibilidade, quando vivem e no vaqueiros, empregam vocabulos tirados do trabalho nos rios. Assim, o cavaleiro que se achega a uma casa é recebido com a frase "vamos encostar" em vez de "vamos apeiar" como se usa no sul.

Osromeiros dos batelões adotam nas viagens os mesmos metodos pelos quais, quando vaqueiros, conduzem o gado. Nas margens desertas dos rios como nas planuras dos "geraes" têm sempre um local escolhido para o pouso ao relento. Atracado o barco, fazem um fogo, onde suspendem o caldeirão de ferro em que cozinham carne seca com arroz, e esquentam o café que se preparou pela manhã e foi conservado num bule de Flandres. A fumaça afugenta os mosquitos e o cair da noite os encentra chalreando ou contando



As gentís senhoritas Leonete e Diana, filhas do casal Leão e Ana Azebel, em suas fantasias carnavalescas

histórias que resumam, coisas campestres.

Suas lendas não, se fundamentam, exclusivamente em motivos dagua como na Amazonia, nem são estritamente do pastoreio como no Sul. Misturam os motivos dagua com os do campo.

Uma das mais generalizadas é a do "Mané Cantador". Trata-se de um herói que deixou o campo para se tornar barqueiro e que regressa á campeiragem. Voltando encontra sua palhoça derrubada. A roça queimada, o cavalo morto. A unica coisa que o aguardava era a namorada, com tristeza nos olhos e magreza no corpo. Soube que quem fez a malvadeza foi o "Zé Caólho" (demonio), de vingança... por não ter conseguido conquistar á bem-amada do herói. O "Mané Cantador" promove então um "ajuntamento", os vaqueiros deixam o trabalho e vão á casa do vigário, que se assusta com a fila de cavaleiros formados em sua porta, julgando serem pedintes da esmola do "Divino". "Mané Cantador" restribu-se, pede ao padre, o "alvará" para matar o "Zé Caólho". O vigário nega, o "ajuntamento" desconfia que o padre tem parte com o "Zé Caólho" e resolve procurar o malfetor. Surgem então as

rio de todo o sertão que se estende da curva do S. Francisco ao Tocantins deslocou a função comercial de Belém. O comércio deixou de ser feito unicamente pelo transporte fluvial para ser mantido pelos lombos de mares. Há 40 anos os costumes da Bahia, os hábitos das margens do S. Francisco estão sendo transportados para o Tocantins.

Osromeiros atuais limitam-se apenas a ligar as pequenas distancias (80,40 km.) entre as vilas ribeirinhas, em viagens de quinze, oito dias (ida e vinda).

Usam camisa e calças de algodão, que às vezes, são curtas. O chapéu de carnaúba laçado ao pescoço deixa ver a fisionomia acobreada e angulosa dos remeiros, cujos bustos atléticos, nus, mostram vivamente desenhada, a anatomia dos intercostaes. Suas remadas são de tres, quatro horas. Cansam-se mais do que deveriam, com o físico que apresentam. Posssem bem alimentados possivelmente seriam gigantes.

Estão sempre alegres, cantando, falando, dizendo chistes ou gritando. São campeiros que trocaram as correrias dos pingos pela viagem lenta do batelão. Este, tem de cada lado uma prancha que serve para "varejar"; o movimento ritmico é feito da prôa ao meio do barco. Procuram sempre as margens ou as praias do meio para alcançarem o leito, que, não sendo encontrado, obriga a "vogar", com os remos de "faia" alceados numa forquilha ("faia", não significa qualidade de madeira, mas a forma do remo que lembra o que se usa nas ioles). Preferem a "vara" porque o barco anda mais ligeiro; dizem que ela "chia" quando encontra o fundo.

Constantemente chama o barco de "boi", pois o inconciente deles se desenvolveu na vida campestre. E como "boi", para andar direito, precisa ser xingado, ouve-se o dia inteiro nomes dos mais inocentes aos de mais baixo calão, dirigidos ao pobre barco. Quando cantam a toada lembra sempre a do "abaio". E, por reversibilidade, quando vivem e no vaqueiros, empregam vocabulos tirados do trabalho nos rios. Assim, o cavaleiro que se achega a uma casa é recebido com a frase "vamos encostar" em vez de "vamos apeiar" como se usa no sul.

Osromeiros dos batelões adotam nas viagens os mesmos metodos pelos quais, quando vaqueiros, conduzem o gado. Nas margens desertas dos rios como nas planuras dos "geraes" têm sempre um local escolhido para o pouso ao relento. Atracado o barco, fazem um fogo, onde suspendem o caldeirão de ferro em que cozinham carne seca com arroz, e esquentam o café que se preparou pela manhã e foi conservado num bule de Flandres. A fumaça afugenta os mosquitos e o cair da noite os encentra chalreando ou contando



As gentís senhoritas Leonete e Diana, filhas do casal Leão e Ana Azebel, em suas fantasias carnavalescas

histórias que resumam, coisas campestres.

Suas lendas não, se fundamentam, exclusivamente em motivos dagua como na Amazonia, nem são estritamente do pastoreio como no Sul. Misturam os motivos dagua com os do campo.

Uma das mais generalizadas é a do "Mané Cantador". Trata-se de um herói que deixou o campo para se tornar barqueiro e que regressa á campeiragem. Voltando encontra sua palhoça derrubada. A roça queimada, o cavalo morto. A unica coisa que o aguardava era a namorada, com tristeza nos olhos e magreza no corpo. Soube que quem fez a malvadeza foi o "Zé Caólho" (demonio), de vingança... por não ter conseguido conquistar a bem-amada do herói. O "Mané Cantador" promove então um "ajuntamento", os vaqueiros deixam o trabalho e vão á casa do vigário, que se assusta com a fila de cavaleiros formados em sua porta, julgando serem pedintes da esmola do "Divino". "Mané Cantador" restribu-se, pede ao padre, o "alvará" para matar o "Zé Caólho". O vigário nega, o "ajuntamento" desconfia que o padre tem parte com o "Zé Caólho" e resolve procurar o malfetor. Surgem então as

DE GOETHE

A CANÇÃO DO REI DE THULE

Houve um Rei de Thule, que era
mais fiel do que nenhum rei.
A amante, ao morrer, lhe dera
um copo de ouro de lei.

Era o bem que mais prezava
e mais gostava de usar;
e quanto mais o esvasiava
mais, enchia de água o olhar

Quando sentia que morria,
o seu reino inventariou
e tudo quanto possuía,
menos o copo d'ouro.

Depois, sentando-se á mesa,
fez os vassallos chamar
á sala de mais nobreza
do castelo, sobre o mar.

E ele ergue-se acabrunhado
bebe o ultimo gólo então
e atira o cópo sagrado
às ondas que em baixo estão.

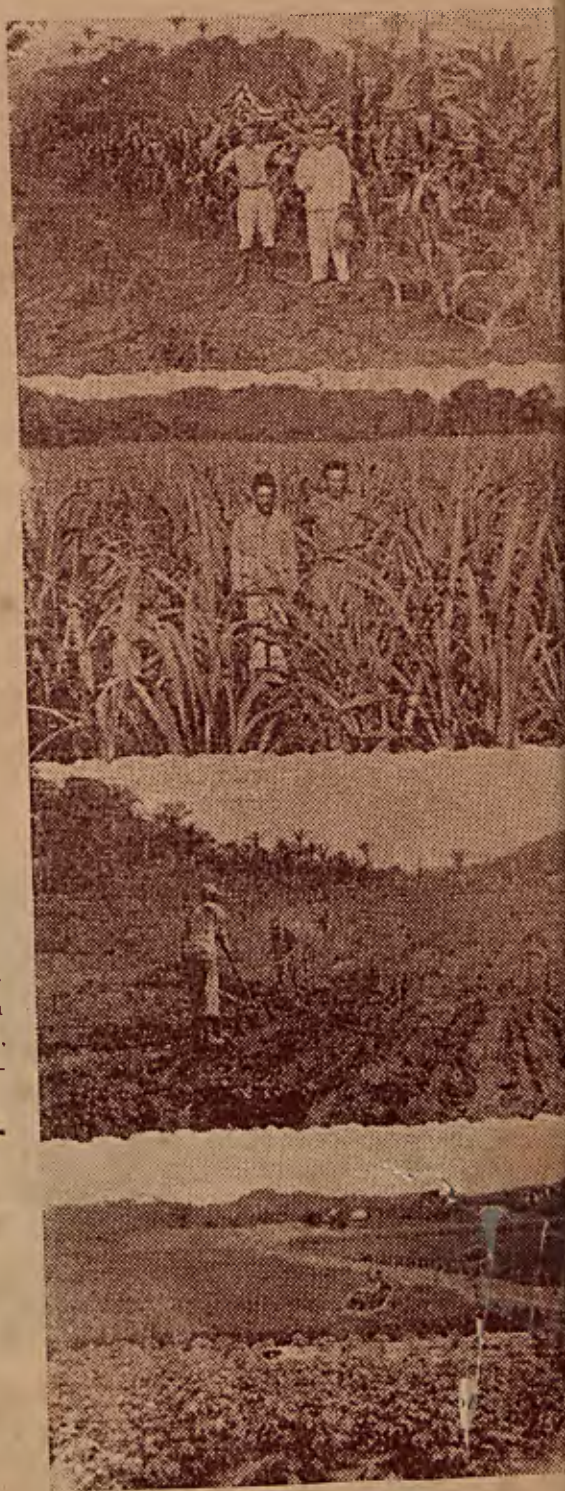
Viu-o flutuar e afundar-se,
que o mar encheu de seus ais...
Sentiu a vista enevoar-se;
E não bebeu nunca mais!

Trad.: **Guilherme Almeida**, São Paulo

Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira,
ra, digno Presidente da Associação de Imprensa
Paulista, insigne representante do Brasil intelectual,
traduziu primorosamente a poesia de Johann Wolf-
gang von Goethe: O Rei de Thule.



Alberto Walter Meneses, coletor estadual e figura
de destaque no meio social



MARANHÃO AGRÍCOLA — Vários aspectos
campos de cooperação agrícola no município
Pedreiras, sob a criteriosa orientação técnica
agrônomo dr. Ariston Ribeiro

DE GOETHE

A CANÇÃO DO REI DE THULE

Houve um Rei de Thule, que era
mais fiel do que nenhum rei.
A amante, ao morrer, lhe dera
um copo de ouro de lei.

Era o bem que mais prezava
e mais gostava de usar;
e quanto mais o esvasiava
mais, enchia de água o olhar

Quando sentia que morria,
o seu reino inventariou
e tudo quanto possuía,
menos o copo d'ouro.

Depois, sentando-se á mesa,
fez os vassallos chamar
á sala de mais nobreza
do castelo, sobre o mar.

E ele ergue-se acabrunhado
bebe o ultimo gólo então
e atira o cópo sagrado
às ondas que em baixo estão.

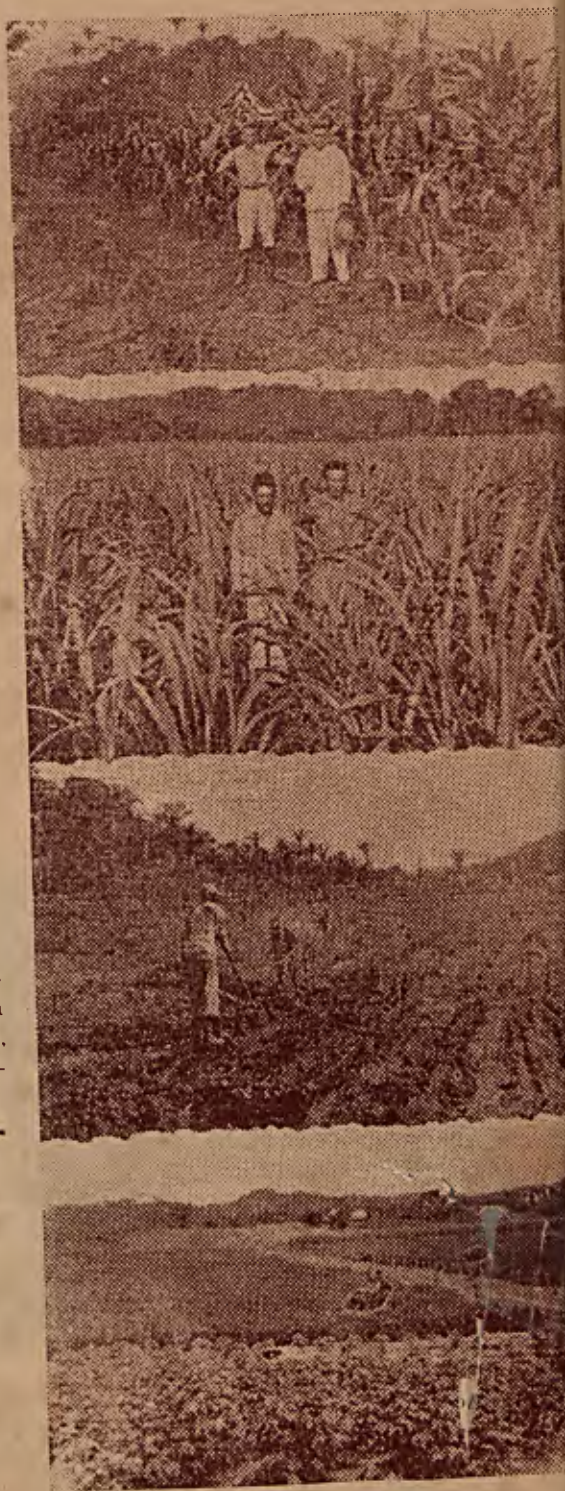
Viu-o flutuar e afundar-se,
que o mar encheu de seus ais...
Sentiu a vista enevoar-se;
E não bebeu nunca mais!

Trad.: **Guilherme Almeida**, São Paulo

Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira,
ra, digno Presidente da Associação de Imprensa
Paulista, insigne representante do Brasil intelectual,
traduziu primorosamente a poesia de Johann Wolf-
gang von Goethe: O Rei de Thule.



Alberto Walter Meneses, coletor estadual e figura
de destaque no meio social



MARANHÃO AGRÍCOLA — Vários aspectos
campos de cooperação agrícola no município
Pedreiras, sob a criteriosa orientação técnica
agrônomo dr. Ariston Ribeiro

ARIMATE'A

I

Nasceu pobre, no cláustro da tristeza,
—Pequenina centêlha, espavorida,
Expargindo, com rútila pureza,
Fios de sól nos trêmulos da Vida.

Sorriu-me, nêsse dia, a Natureza,
E no ólvido lancei a insana lida...
Novo mundo, radiante de beleza,
Despertava minh'alma entristecida.

Nasceu pobre, E, na minha soledade,
Irrompeu o verdor das primaveras,
E a treva, transmuçou-se em claridade!

Sob um céu de mais amplo descortino,
Clareou-se, á luz de matinais quiméras,
O recesso abismal do meu destino!

II

Já não serei eternamente um triste...
Rasgam-me as trevas do medonho tédio
Os risos de meu filho... E acaso existe
Mais sublime e balsâmico remédio?

Não! E a felicidade só consiste
No sonho, embora passageiro. Pede-o
O espírito cansado, que resiste
Ao labor, se lhe vem um ráio, nédio,

De lépida esperança. E já meu filho
Me enternece, ao fazer tantas gracinhas,
Que se ameniza a róta que palmilho!

Ei-lo agora, travêssô, pelos cantos
Da casa. E como é lindo, — rei das minhas
Alegras, alívio dos meus prantos!

aventuras, que se passam ora no campo, ora nos rios. A narrativa é entremeada de trechos cantados. Cada narrador acrescenta uma passagem tirada de sua imaginação ou de sua experiência. Riem e se divertem ouvindo essa historia, cuja textura, brota da vida livre, corajosa e solidaria, á qual, aqueles homens estão afeitos, tanto nos campos como nos rios.

III

Fechou-se o vén na Noite sôbre mim,
No estertor de terrífica surpresa:
Meu filho, que era a luz, o sól, enfim,
O mundo dos meus sonhos, a riqueza

Do meu lar, jaz no pélago do Fim!...
Sempre foi de sarcástica aspereza
A minha sorte. Mas, tão rude assim,
Nunca a supús... Que trágica bruteza!

Quando, em busca do pão, partí sósinho,
Que delícias de vida, então, sonhei,
Para quando revisse meu filhinho!

E quando fui buscá-lo... Que momento!
Sua mãe soluçava... E, ali, chorei,
—Frágil tronco, partido pelo vento!...

IV

Morreu num pálpito de tempo, como
Se fôsse um passarinho. Que gorgeios,
Que nótulas soltára! Mas, no assomo
De fêra sorte, foram-se os enleios...

E o favo da Saudade, amargo pomo,
No turbilhão de atrozes devaneios,
Sugere-me a cicuta... Mas o como,
—Acre fruto de tétricos anseios!

Defronta-se-me, agora, o infindo espaço,
A voragem sinistra que me espera,
—Eu que vou pela escarpa do Cansaço!

A dôr de haver perdido meu filhinho
E' dôr que me fustiga e me exaspera,
—Canário morto... Solitário ninho...

RIBAMAR RAMOS

ARIMATE'A

I

Nasceu pobre, no cláustro da tristeza,
—Pequenina centêlha, espavorida,
Expargindo, com rútila pureza,
Fios de sól nos trêmulos da Vida.

Sorriu-me, nêsse dia, a Natureza,
E no ólvio lancei a insana lida...
Novo mundo, radiante de beleza,
Despertava minh'alma entristecida.

Nasceu pobre, E, na minha soledade,
Irrompeu o verdor das primaveras,
E a treva, transmuçou-se em claridade!

Sob um céu de mais amplo descortino,
Clareou-se, á luz de matinais quiméras,
O recesso abismal do meu destino!

II

Já não serei eternamente um triste...
Rasgam-me as trevas do medonho tédio
Os risos de meu filho... E acaso existe
Mais sublime e balsâmico remédio?

Não! E a felicidade só consiste
No sonho, embora passageiro. Pede-o
O espírito cansado, que resiste
Ao labor, se lhe vem um ráio, nédio,

De lépida esperança. E já meu filho
Me entenece, ao fazer tantas gracinhas,
Que se ameniza a róta que palmilho!

Ei-lo agora, travêssô, pelos cantos
Da casa. E como é lindo, — rei das minhas
Alegras, alívio dos meus prantos!

aventuras, que se passam ora no campo, ora nos rios. A narrativa é entremeada de trechos cantados. Cada narrador acrescenta uma passagem tirada de sua imaginação ou de sua experiência. Riem e se divertem ouvindo essa historia, cuja textura, brota da vida livre, corajosa e solidária, á qual, aqueles homens estão afeitos, tanto nos campos como nos rios.

III

Fechou-se o vén na Noite sôbre mim,
No estertor de terrífica surpresa:
Meu filho, que era a luz, o sól, enfim,
O mundo dos meus sonhos, a riqueza

Do meu lar, jaz no pélago do Fim!...
Sempre foi de sarcástica aspereza
A minha sorte. Mas, tão rude assim,
Nunca a supús... Que trágica bruteza!

Quando, em busca do pão, partí sósinho,
Que delícias de vida, então, sonhei,
Para quando revisse meu filhinho!

E quando fui buscá-lo... Que momento!
Sua mãe soluçava... E, ali, chorei,
—Frágil tronco, partido pelo vento!...

IV

Morreu num pálpito de tempo, como
Se fôsse um passarinho. Que gorgeios,
Que nótulas soltára! Mas, no assomo
De fêra sorte, foram-se os enleios...

E o favo da Saudade, amargo pomo,
No turbilhão de atrozes devaneios,
Sugere-me a cicuta... Mas o como,
—Aere fruto de tétricos anseios!

Defronta-se-me, agora, o infindo espaço,
A voragem sinistra que me espera,
—Eu que vou pela escarpa do Cansaço!

A dôr de haver perdido meu filhinho
E' dôr que me fustiga e me exaspera,
—Canário morto... Solitário ninho...

RIBAMAR RAMOS

A moda em Revista



Escôlha: gentil patricia, dos três modelos o vosso vestido. A mulher é como a flôr, encanta
e adorna, mas para melhormente aparecer precisa de bons vestidos e magníficas modelos,
como êstes.

A moda em Revista



Escôlha: gentil patriciã, dos três modelos o vosso vestido. A mulher é como a flôr, encanta
e adorna, mas para melhormente aparecer precisa de bons vestidos e magníficas modelos,
como êstes.



Eis aí quatro lindos vestidos. Simplicidade, cores sóbrias, talhe elegante, graça festiva das m ulheres Lucias



Eis aí quatro lindos vestidos. Simplicidade, cores sóbrias, talhe elegante, graça festiva das m ulheres lindas



ATENAS oferece aqui a suas gentilíssimas leitoras esses três lindos modelos de vestido de passeio. Bordados ricos, nas mangas e na cintura; plissados, franzidos, côres festivas, chapéus "à dernier cris", toda a beleza feminina na surpreendente revelação da arte de bem vestir

Pela atitude ajuíza-se a enfiatura do indivíduo. Aquêl que se mantém ereto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pôde-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com a coragem, retidão e dignidade, ao contrário do indivíduo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto

Cumpra saber submetermo-nos ao que a opinião pública tem de justo e de aceitável, e quanto ao mais, seguir unicamente a própria consciência, aceitando, se necessário, as injustiças da opinião sem nos perturbarmos. — J. Simon

é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolência. — Renato Kahl



ATENAS oferece aqui a suas gentilíssimas leitoras esses três lindos modelos de vestido de passeio. Bordados ricos, nas mangas e na cintura; plissados, franzidos, côres festivas, chapéus "à dernier cris", toda a beleza feminina na surpreendente revelação da arte de bem vestir

Pela atitude ajuíza-se a enfiatura do indivíduo. Aquêl que se mantém erêto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pôde-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com a coragem, retidão e dignidade, ao contrário do indivíduo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto

Cumpra saber submetermo-nos ao que a opinião pública tem de justo e de aceitável, e quanto ao mais, seguir unicamente a própria consciência, aceitando, se necessário, as injustiças da opinião sem nos perturbarmos. — J. Simon

é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolência. — Renato Kahl

RODOVIAS MARANHENSES



RODOVIAS MARANHENSES: — Dois aspéctos das rodovias maranhenses: 1) Estrada de Caxias — Coêlho Neto; 2) outro trecho da magnífica rodagem



Sr. João Leão Pires, primeiro tabelião de notas em Barra do Corda e figura de destaque no meio social

Um sapato bem feito faz realçar o porte da senhora elegante. E' um adôrno de que depende muitas vês o donaire de u'a mulher

RODOVIAS MARANHENSES

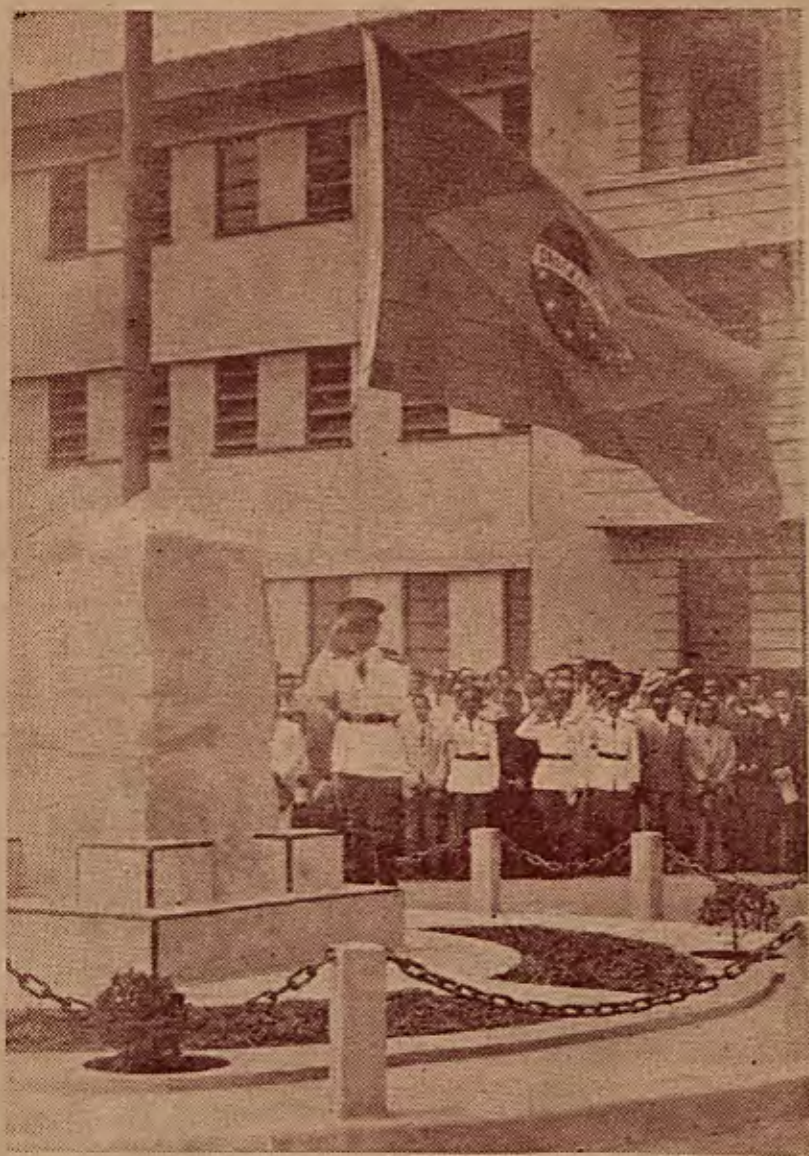


RODOVIAS MARANHENSES: — Dois aspéctos das rodovias maranhenses: 1) Estrada de Caxias — Coêlho Neto; 2) outro trecho da magnífica rodagem



Sr. João Leão Pires, primeiro tabelião de notas em Barra do Corda e figura de destaque no meio social

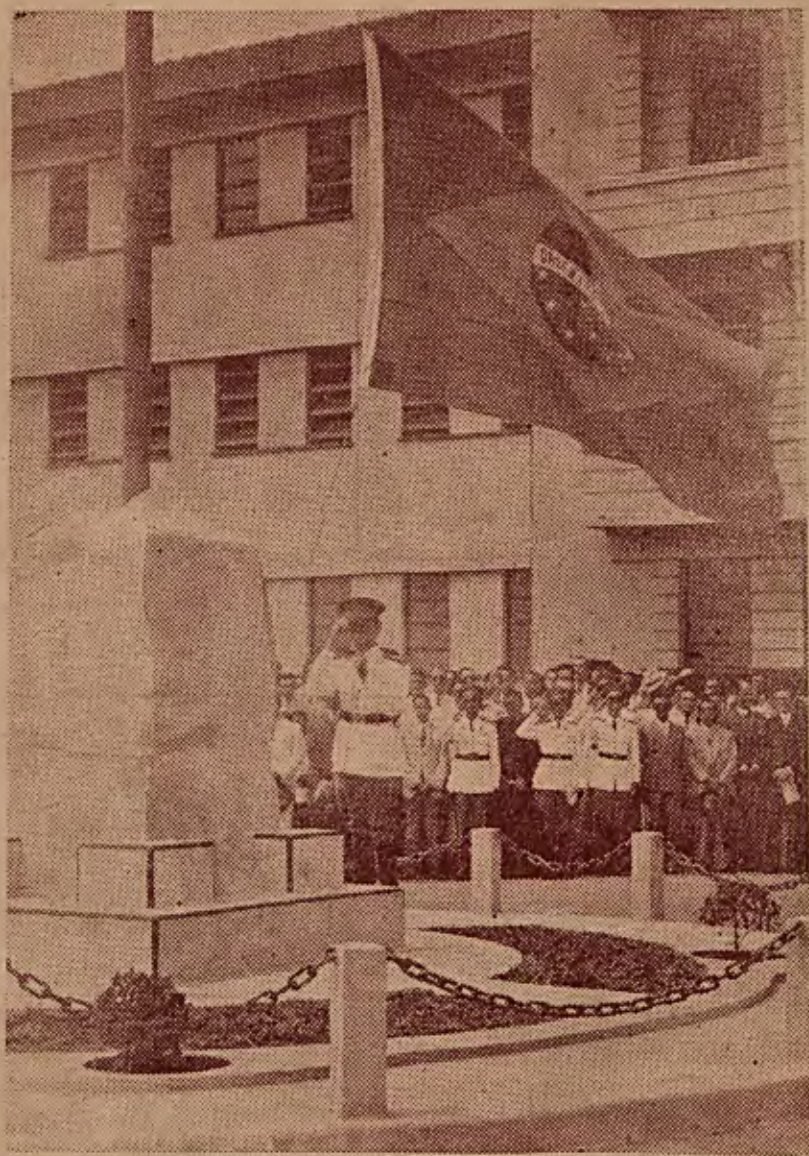
Um sapato bem feito faz realçar o porte da senhora elegante. E' um adôrnô de que depende muitas vês o donaire de u'a mulher



A hora mais solene da inauguração do Novo Quartel do 24 B/C., a do hasteamento da Bandeira Nacional, pelo sr. general Meira Vasconcelos

Traje-se com simplicidade e discreção, atendendo á moda no que tem de racional e de bom gosto, não se deixando, entretanto, escravizar aos caprichos inconstantes de modernismos bizarros e imbecis. — **Renato Kehl**

A polidez é um misto de discreção, de civilidade, de complacência e de circumspeção, acompanhado de um ar agradável que se espalha em tudo o que se diz ou se faz. — **Saint-Evremond**



A hora mais solene da inauguração do Novo Quartel do 24 B/C., a do hasteamento da Bandeira Nacional, pelo sr. general Meira Vasconcelos

Traje-se com simplicidade e discreção, atendendo á moda no que tem de racional e de bom gosto, não se deixando, entretanto, escravizar aos caprichos inconstantes de modernismos bizarros e imbecis. — Renato Kehl

A polidez é um misto de discreção, de civilidade, de complacência e de circumspeção, acompanhado de um ar agradável que se espalha em tudo o que se diz ou se faz. — Saint-Evremond

Dr. A. Pires Ferreira

Abrimos colunas festivas para o registro do aniversário natalício de nosso presado amigo e redator, dr. A. Pires Ferreira, cuja efemeride auspiciosa assinala o 27 de junho próximo.

É-nos muito grato comemorar essa data, mes-



mo ferindo a excessiva modéstia do homenageado.

Médico de um largo círculo de relações sociais, dedicado ao extremo à sua nobre profissão; trabalhador e estudioso, o dr. A. Pires Ferreira impõe-se perante os seus concidadãos pelo seu apuro moral, pelas excelentes qualidades de coração, pelas suas benemerências de moço digno e de maranhense distinto.

Na sua profissão de médico, na sua vida de homem de sociedade, nos seus afazeres e nas inúmeras atividades de sua existência, o digno aniversariante revelou-se, sempre, um cavalheiro, uma pessoa capaz, um cidadão de reconhecidas virtudes morais e cívicas.

ATHENAS tem, pois, muita satisfação em fazer este registro, antecipando os parabéns pela data com as homenagens de sua admiração ao presado aniversariante.

De nada vale tentar ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos — **Confúcio**

Tenha "linha", tenha atitude, apresente-se em posição distinta, em todas as ocasiões, em casa, na rua, na sociedade. É indispensável que todos se compenhem de que nasceram com elementos para se manterem em boa posição, em postura distinta, em atitude condigna com as regras elementares da civilidade. — **Renato Hehl**

Ribamar Pinheiro

As musas ornamentarão as festivas horas do dia treze de junho, data que assinala o aniversário natalício do nosso digno amigo e brilhante poeta Ribamar Pinheiro.

Homem de inteligência, aêdo primoroso, e cantor das belezas da vida, em ritmos que são profundamente humanos, porque sinceramente sentidos,



o aniversariante é um nome que honra as letras maranhenses. Membro destacado da Academia Maranhense de Letras, jornalista e redator de **ATHENAS**, o presado amigo é atualmente o diretor da P. R. J.-9 emissora local, a que dá a sua criteriosa orientação, gosando de um largo círculo de relações sociais, e de inúmeros amigos que lhe admiram as superiores qualidades de espírito e de coração. Ribamar Pinheiro, terá, no dia de seus anos, os parabéns festivos de todos nós.

ATHENAS com um sincero abraço cumprimenta-o, antecipadamente, pela data.

Tenha "linha", tenha atitude, apresente-se em posição distinta, em todas as ocasiões, em casa, na rua, na sociedade. É indispensável que todos se compenhem de que nasceram com elementos para se manterem em boa posição, em postura distinta, em atitude condigna com as regras elementares da civilidade. — Renato Hehl

Ribamar Pinheiro

As musas ornamentarão as festivas horas do dia treze de junho, data que assinala o aniversário natalício do nosso digno amigo e brilhante poeta Ribamar Pinheiro.

Homem de inteligência, aédo primoroso, e cantor das belezas da vida, em ritmos que são profundamente humanos, porque sinceramente sentidos,



o aniversariante é um nome que honra as letras maranhenses. Membro destacado da Academia Maranhense de Letras, jornalista e redator de **ATHENAS**, o presado amigo é atualmente o diretor da P. R. J.-9 emissora local, a que dá a sua criteriosa orientação, gosando de um largo círculo de relações sociais, e de inúmeros amigos que lhe admiram as superiores qualidades de espírito e de coração. Ribamar Pinheiro, terá, no dia de seus anos, os parabens festivos de todos nós.

ATHENAS com um sincero abraço cumprimenta-o, antecipadamente, pela data.

Dr. A. Pires Ferreira

Abrimos colunas festivas para o registro do aniversário natalício de nosso presado amigo e redator, dr. A. Pires Ferreira, cuja efemeride auspiciosa assinala o 27 de junho próximo.

É-nos muito grato comemorar essa data, mes-



mo ferindo a excessiva modéstia do homenageado.

Médico de um largo círculo de relações sociais, dedicado ao extremo á sua nobre profissão; trabalhador e estudioso, o dr. A. Pires Ferreira impõe-se, perante os seus concidadãos pelo seu apuro moral, pelas excelentes qualidades de coração, pelas suas benemerencias de moço digno, e de maranhense distinto.

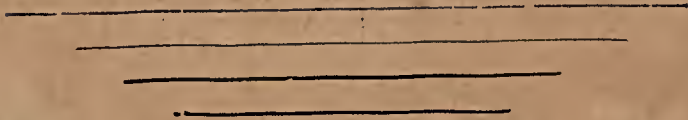
Na sua profissão de médico, na sua vida de homem de sociedade, nos seus afazeres e nas inúmeras atividades de sua existência, o digno aniversariante revelou-se, sempre, um cavalheiro, uma pessoa capaz, um cidadão de reconhecidas virtudes morais e civicas.

ATHENAS tem, pois, muita satisfação em fazer este registro, antecipando os parabens pela data com as homenagens de sua admiração ao presado aniversariante.

De nada vale tentar ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos — Confúcio







A

ONDE AGORA E' FLORESTA, ONDE AGORA HA DESERTOS,
A CRUZ NASCEU TALVEZ NALGUM DÊSSES LUGARES;
TALVEZ O SEU PERFIL VENHA DOS MILENARES
CONTINENTES QUE ESTÃO PELAS AGUAS COBERTOS.

C

A CRUZ E' DÔR E AMÔR AOS SENTIDOS DESPERTOS
NA PAIXÃO DE JESUS E SUBIDA AOS ALTARES;
E' A CRUZ O HOMEM VOLTADO AOS PLANOS ESTELARES,
O INFINITO A SONDAR, TENDO OS BRAÇOS ABERTOS.

R

O TRONCO EXPERIMENTA O VÔO SIDERAL,
OS BRAÇOS A SANGRAR, POBRES AZAS CATIVAS,
DEBATEM-SE ROMPENDO O GRILHÃO TERREAL.

U

SEU DESTINO, PORE'M, E' CONSTELAR O AZUL,
E' INSCREVER NOUTROS CÉUS, EM NOVAS PERSPECTIVAS,
O CONTORNO IMORTAL DO CRUZEIRO DO SUL.

Z

Clarindo Santiago

A ONDE AGORA E' FLORESTA, ONDE AGORA HA DESERTOS,
 A CRUZ NASCEU TALVEZ NALGUM DÊSSES LUGARES;
 TALVEZ O SEU PERFIL VENHA DOS MILENARES
 CONTINENTES QUE ESTÃO PELAS AGUAS COBERTOS.

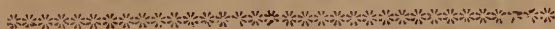
C A CRUZ E' DÔR E AMÔR AOS SENTIDOS DESPERTOS
 NA PAIXÃO DE JESUS E SUBIDA AOS ALTARES;
 E' A CRUZ O HOMEM VOLTADO AOS PLANOS ESTELARES,
 O INFINITO A SONDAR, TENDO OS BRAÇOS ABERTOS.

R O TRONCO EXPERIMENTA O VÔO SIDERAL,
 OS BRAÇOS A SANGRAR, POBRES AZAS CATIVAS,
U DEBATEM-SE ROMPENDO O GRILHÃO TERREAL.

SEU DESTINO, PORE'M, E' CONSTELAR O AZUL,
 E' INSCREVER NOUTROS CÉUS, EM NOVAS PERSPECTIVAS,
Z O CONTORNO IMORTAL DO CRUZEIRO DO SUL.

Clarindo Santiago

O aniversário do Interventor



O aniversário de s. excia. o dr. Paulo Ramos, foi um acontecimento de suma relevancia social. Aqui vemos o homenageado, logo após a Missa em ação de Graças, na Catedral do Maranhão. O digno Interventor acha-se cercado de altas autoridades civis e militares e de elementos mais destacados de nossa terra

O que se desperdiça para o trabalho com as noites inúteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporaneo dormir, ou tarde de cansado laborar. — Ruy Barbosa

Que se honra de seu vizinho lhe seja tão cara como a sua — XXX

Perdeu-se bem pouco, quando se conservou a honra — Voltaire

As boas maneiras não são cousa fútil, mas fruto de natureza nobre e de espírito leal — Emerson

O aniversário do Interventor



O aniversário de s. excia. o dr. Paulo Ramos, foi um acontecimento de suma relevancia social. Aqui vemos o homenageado, logo após a Missa em ação de Graças, na Catedral do Maranhão. O digno Interventor acha-se cercado de altas autoridades civis e militares e de elementos mais destacados de nossa terra

O que se desperdiça para o trabalho com as noites inúteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporaneo dormir, ou tarde de cansado labutar. — Ruy Barbosa

Que se honra de seu vizinho lhe seja tão cara como a sua — XXX

Perdeu-se bem pouco, quando se conservou a honra — Voltaire

As boas maneiras não são cousa fútil, mas fruto de natureza nobre e de espírito leal — Emerson

ASAS VITORIOSAS LIGAM S. LUIZ AO SERTÃO

Numa brilhante iniciativa do governo maranhense, o Sindicato Condor Ltda. acaba de inaugurar mais uma linha aérea ligando a nossa capital,

aos mais afastados rincões sertanejos.

Essa magnífica realização, que, de modo impressionante, se impõe aos aplausos de todos nós.



Aspecto apanhado em Lorêto, vendo-se o sr. José do Egito Coêlho, prefeito municipal e sua dileta filha Dinah



Aspécto de chegada em Balsas, ponto terminal da linha

ASAS VITORIOSAS LIGAM S. LUIZ AO SERTÃO

Numa brilhante iniciativa do governo maranhense, o Sindicato Condor Ltda. acaba de inaugurar mais uma linha aérea ligando a nossa capital,

aos mais afastados rincões sertanejos.

Essa magnífica realização, que, de modo impressionante, se impõe aos aplausos de todos nós.



Aspecto apanhado em Lorêto, vendo-se o sr. José do Egito Coêlho, prefeito municipal e sua dileta filha Dinah



Aspécto de chegada em Balsas, ponto terminal da linha

Cel. Luso Torres

Alma fidalga, iluminada pela simplicidade que o projeta num ângulo simpático de sua vida de cidadão dos mais ilustres de nossa terra, Luso Torres, poeta, jornalista, homem de cultura, traz, no seu nome, o signo luminoso de seu destino.

É luz, no alto de uma torre a luzir como uma dadiva de Atenas, ou como um sinal de que, nesta terra cavalheirêsca, não se extinguiu o fogo sagrado dos deuses lares.

Intellectual de renome afirma as lãureas ma-

gnificas de seu espirito através de suas produções que são páginas de fino labor, todas elas feitas á feição dos antigos trabalhos de ourivesaria.

Luso Torres, nome consagrado nas letras maranhenses, oficial dos mais dignos do nosso Exército, receberá, no próximo 10 de junho, data de seu aniversário, as homenagens de seus amigos e admiradores e do Maranhão, que pensa e que sente, que o admira, portanto, pelo espirito e pelo coração.

assinála um grande passo na vida de nossa terra.

A distância é que nos tem prejudicado os surtos de nosso progresso.

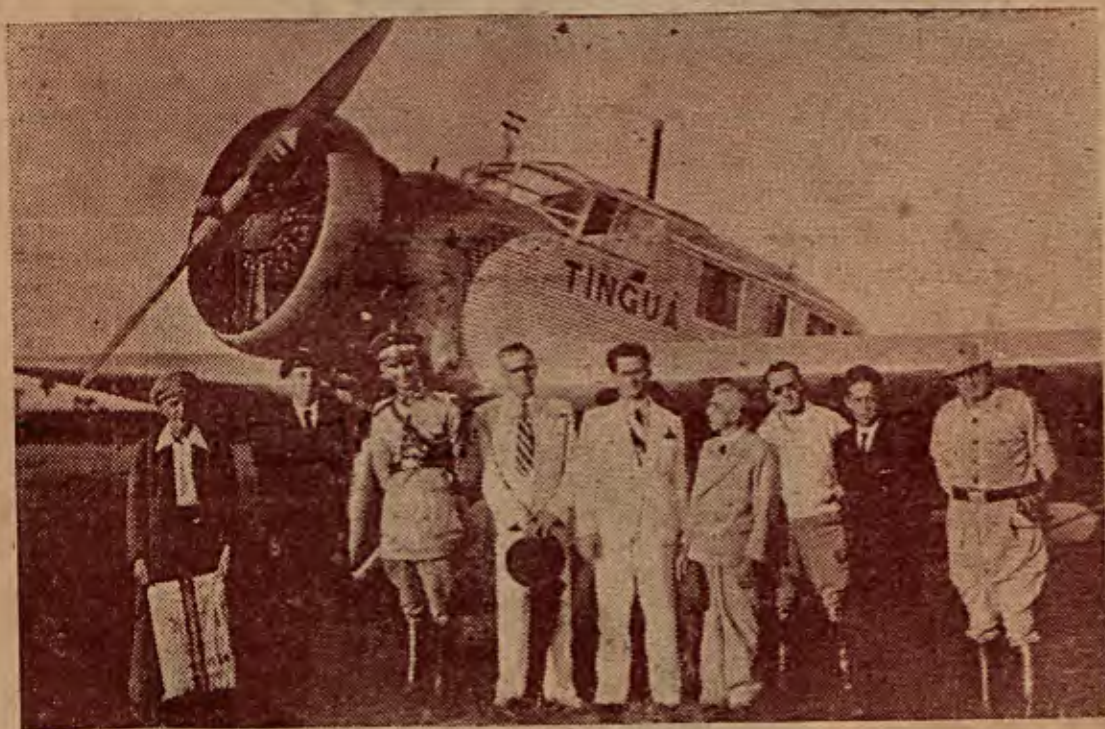
Encurtar distancias, eis o magno problema. É a campanha da hora nacional, o tema de nossos dias.

A aviação vem resolver a tarefa. Asas que vingam os ares, confraternisadoras e amigas; asas que estreitam povos, que aproximam nucleos distantes, que levam aos pontos mais afastados da

nossa terra, o ritmo novo de nossos tempos.

Agora mesmo, o primeiro vôo do "Tinguá" marcou o primeiro grande passo para a nossa aproximação, unindo as terras de S. Luiz, aos contrafortes vèrdes do sertão maranhense.

ATHENAS que acompanhou com entusiasmo, êsse vôo magnífico á "hinterlandia", oferece, hoje, aos seus leitores, vários aspectos dessa viagem, que, para nós, marcou novos rumos em nosso destino de povo...



Aspecto apanhado logo após o regresso do "Tinguá", vendo-se os membros da comitiva, os tripulantes do aparelho, o ajudante de ordens do Interventor Federal e o sr. Atila Costa, membro do

Departamento administrativo do Estado

Cel. Luso Torres

Alma fidalga, iluminada pela simplicidade que o projeta num ângulo simpático de sua vida de cidadão dos mais ilustres de nossa terra, Luso Torres, poeta, jornalista, homem de cultura, traz, no seu nome, o signo luminoso de seu destino.

É luz, no alto de uma torre a luzir como uma dadiva de Atenas, ou como um sinal de que, nesta terra cavalheirêsca, não se extinguiu o fogo sagrado dos deuses lares.

Intellectual de renome afirma as lãureas ma-

gnificas de seu espirito através de suas produções que são páginas de fino labor, todas elas feitas à feição dos antigos trabalhos de ourivesaria.

Luso Torres, nome consagrado nas letras maranhenses, oficial dos mais dignos do nosso Exército, receberá, no próximo 10 de junho, data de seu aniversário, as homenagens de seus amigos e admiradores e do Maranhão, que pensa e que sente, que o admira, portanto, pelo espirito e pelo coração.

assinála um grande passo na vida de nossa terra.

A distância é que nos tem prejudicado os surtos de nosso progresso.

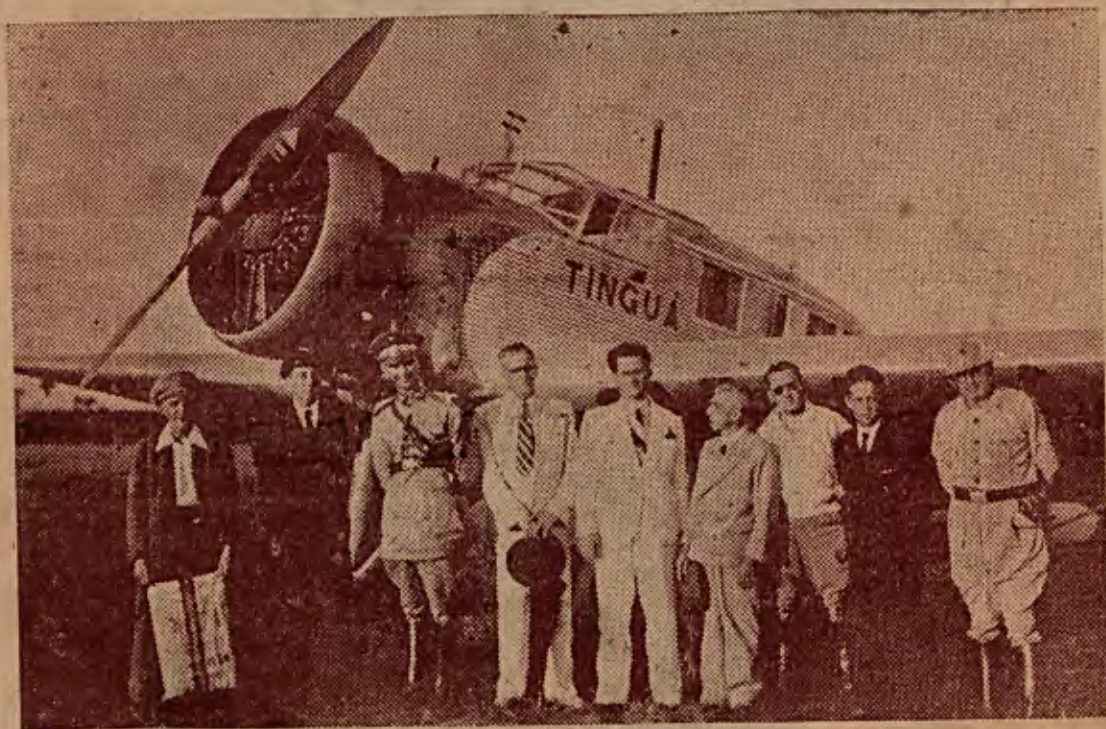
Encurtar distancias, eis o magno problema. É a campanha da hora nacional, o tema de nossos dias.

A aviação vem resolver a tarefa. Asas que vingam os ares, confraternisadoras e amigas; asas que estreitam povos, que aproximam nucleos distantes, que levam aos pontos mais afastados da

nossa terra, o ritmo novo de nossos tempos.

Agora mesmo, o primeiro voo do "Tinguá" marcou o primeiro grande passo para a nossa aproximação, unindo as terras de S. Luiz, aos contrafortes verdes do sertão maranhense.

ATHENAS que acompanhou com entusiasmo, esse voo magnifico á "hinterlandia", oferece, hoje, aos seus leitores, vários aspectos dessa viagem, que, para nós, marcou novos rumos em nosso destino de povo...



Aspecto apanhado logo após o regresso do "Tinguá", vendo-se os membros da comitiva, os tripulantes do aparelho, o ajudante de ordens do Interventor Federal e o sr. Atila Costa, membro do

Departamento administrativo do Estado

A FESTA DO MILHO



Constituiu, no dia 4 do mês corrente, uma festa muito interessante a que se realizou, ali à Praça da Alegria, no "Decroly", em comemoração ao "Dia do Milho". O presente "cliché" nos dá um aspecto muito impressionante dessa reunião. Vêem-se, ali, o exmo. sr. Interventor Paulo Ramos, altas autoridades, e um grupo de creanças vestidas a caráter em comemoração ao dia



Dr. João Tobler, sua digna esposa Levi Botelho Tobler e filhinho Antonio Ewerton e a menina Maria Luiza, todos residentes em Porto Franco, neste

Estado



A FESTA DO MILHO



Constituiu, no dia 4 do mês corrente, uma festa muito interessante a que se realizou, ali à Praça da Alegria, no "Decroly", em comemoração ao "Dia do Milho". O presente "cliché" nos dá um aspecto muito impressionante dessa reunião. Vêem-se, ali, o exmo. sr. Interventor Paulo Ramos, altas autoridades, e um grupo de creanças vestidas a caráter em comemoração ao dia



Dr. João Tobler, sua digna esposa Levi Botelho Tobler e filhinho Antonio Ewerton e a menina Maria Luiza, todos residentes em Porto Franco, neste

Estado

BODAS DE OURO

CARLOS NETO

Viéra para ali ao raiar da alvorada,
 Descuidosa e gentil dos seus vinte e seis anos.
 No peito as explosões de um'alma apaixonada
 E na mente o fulgor de sonhos soberanos.
 No grande e nobre afan do santo ministério.
 Fluiram os seus dias ligeiros e serenos,
 No remanso feliz da paz do presbitério,
 No convívio ideal das almas dos pequenos !
 A aureola que lhe adorna a fronte alvinitente
 E diz quanto foi longa a percorrida estrada,
 Jámais lhe pareceu razão suficiente
 O báculo depôr, no meio da jornada.
 Setenta anos já tem. N'uma luta constante.
 Com sempre igual fervor correrá-lhe a existência !
 Que sorriso de paz adorna-lhe o semblante !
 Que imenso galardão na voz da consciência !
 Cincoenta anos, Senhor, aos pés de teu sacrário !
 Cincoenta anos empós das almas erradias !
 Cincoenta anos de dôr, de sangue, de Calvário,
 Só por dar ao rebanho eternas alegrias !
 Um dia, quando Deus prestar ás coisas rudes
 Uma voz que revela arcanos insondáveis,
 Aquêlê altar dirá que esplendidas virtudes,
 Que heroísmos sem par ignotos, admiráveis !
 O púlpito sagrado ha de falar do amor.
 Das vigílias de estudo e dos serões de prece,
 Das fundas comoções, dos dias de fervor,
 Da abundancia feliz de sazoadá mêsse !
 E o silencio fiel de seus confessionários
 Dirá dos corações feridos que sarou ;
 Da volta para Deus de mil retardatários,
 Dos mortos para a fé que ali ressuscitou !
 Nada, porém, melhor dirá tanto heroismo
 Saturado de fé, doirado de esperanças,
 Como áquela constancia exata ao catecismo
 Dado ao bando gentil de garrulas crianças !
 Se a paróquia tem fé, se a timorata gente
 Levanta-se ao passar, e vae beijar-lhe a mão,



D. AUGUSTO, arcebispo da Baía, autor desse lindo poema oferecido ao conego Chaves, pelas suas bodas de ouro de sacerdote. O ilustre prelado oculta o seu nome sob um pseudonimo, mas não esconde o vigor do éstro

Se a virtude floresce e vive realmente
 Desta seiva imortal de espirito cristão,
 Se a infancia guarda ainda um riso de inocencia
 E a mocidade em flôr um puro olhar brilhante,
 Não é isso, meu Deus, senão a consequência
 Daquela catequese ingénua, mas constante !
 Eis porque ao cair da noite socegada,
 Setenta anos, de amor, na sombra, o penitente
 Traz no peito a mesma alma ardente, apaixonada
 E as lembranças do bem como um jardim na mente !

BODAS DE OURO

CARLOS NETO

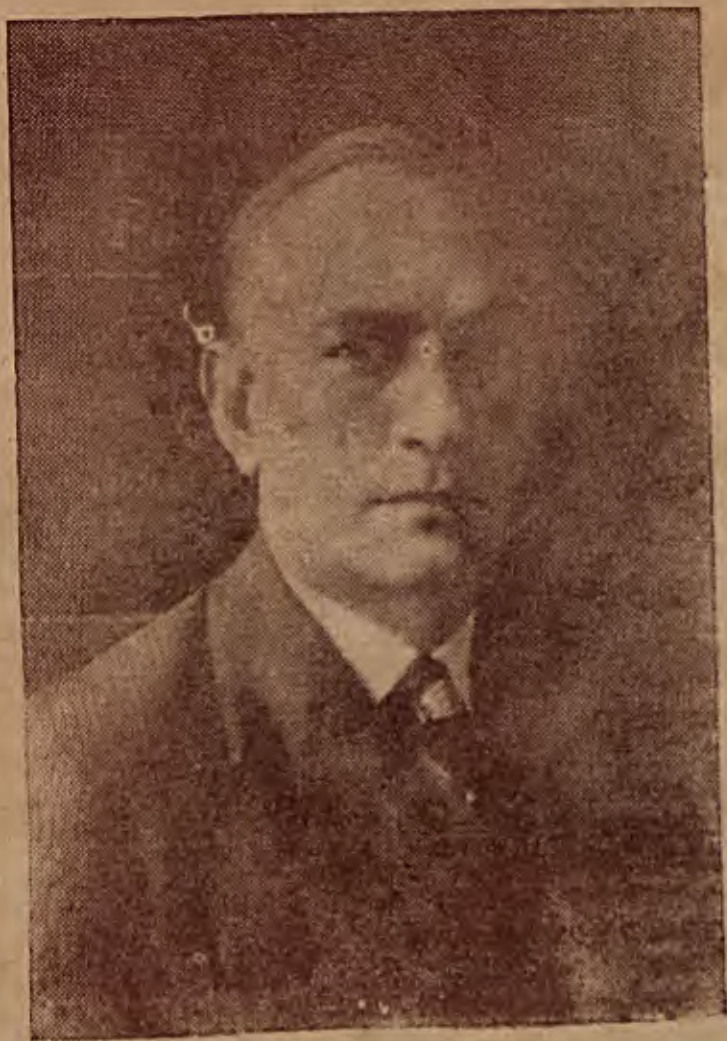
Viêra para ali ao raiar da alvorada,
 Descuidosa e gentil dos seus vinte e seis anos.
 No peito as explosões de um'alma apaixonada
 E na mente o fulgor de sonhos soberanos.
 No grande e nobre afan do santo ministério.
 Fluiram os seus dias ligeiros e serenos,
 No remanso feliz da paz do presbitério,
 No convívio ideal das almas dos pequenos !
 A aureola que lhe adorna a fronte alvinitente
 E diz quanto foi longa a percorrida estrada,
 Jámais lhe pareceu razão suficiente
 O báculo depôr, no meio da jornada.
 Setenta anos já tem. N'uma luta constante.
 Com sempre igual fervor correram-lhe a existência !
 Que sorriso de paz adorna-lhe o semblante !
 Que imenso galardão na voz da consciência !
 Cincoenta anos, Senhor, aos pés de teu sacrário !
 Cincoenta anos empós das almas erradias !
 Cincoenta anos de dôr, de sangue, de Calvário,
 Só por dar ao rebanho eternas alegrias !
 Um dia, quando Deus prestar ás coisas rudes
 Uma voz que revela arcanos insondáveis,
 Aquêlê altar dirá que esplendidas virtudes,
 Que heroísmos sem par ignotos, admiráveis !
 O púlpito sagrado ha de falar do amor.
 Das vigílias de estudo e dos serões de prece,
 Das fundas comoções, dos dias de fervor,
 Da abundancia feliz de sazoadas menses !
 E o silencio fiel de seus confessionários
 Dirá dos corações feridos que sarou ;
 Da volta para Deus de mil retardatários,
 Dos mortos para a fé que ali ressuscitou !
 Nada, porém, melhor dirá tanto heroismo
 Saturado de fé, doirado de esperanças,
 Como áquela constancia exata ao catecismo
 Dado ao bando gentil de garrulas crianças !
 Se a paróquia tem fé, se a timorata gente
 Levanta-se ao passar, e vae beijar-lhe a mão,



D. AUGUSTO, arcebispo da Baía, autor desse lindo poema oferecido ao conego Chaves, pelas suas bodas de ouro de sacerdote. O ilustre prelado oculta o seu nome sob um pseudonimo, mas não esconde o vigor do éstro

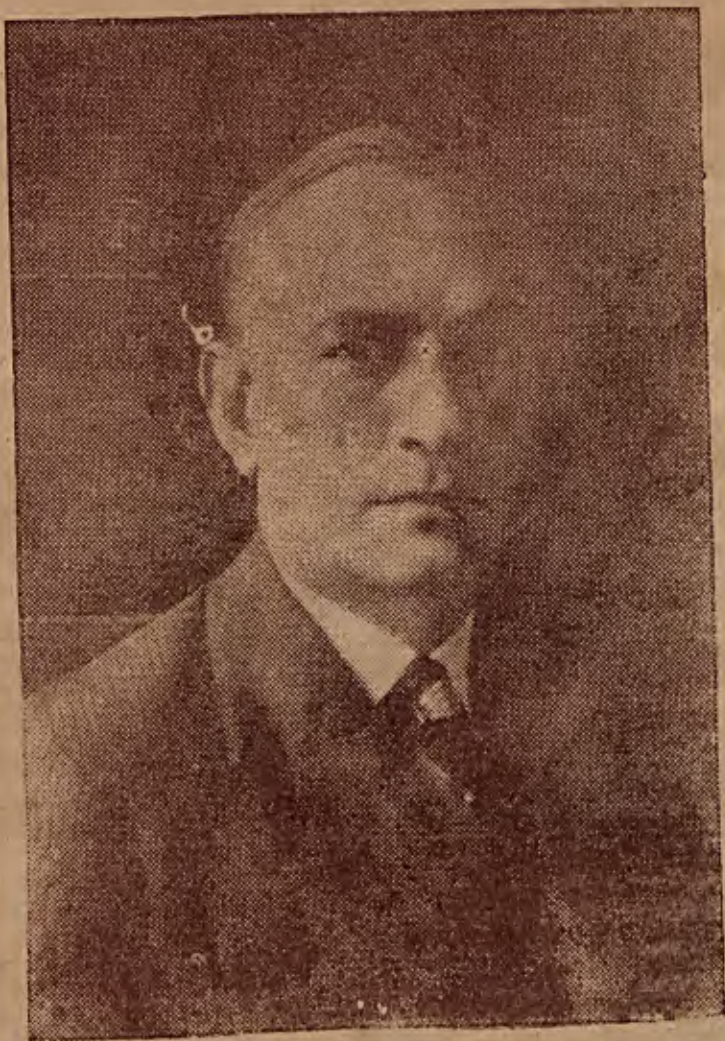
Se a virtude floresce e vive realmente
 Desta seiva imortal de espirito cristão,
 Se a infancia guarda ainda um riso de inocencia
 E a mocidade em flôr um puro olhar brilhante,
 Não é isso, meu Deus, senão a consequência
 Daquella catequese ingênua, mas constante !
 Eis porque ao cair da noite socegada,
 Setenta anos, de amor, na sombra, o penitente
 Traz no peito a mesma alma ardente, apaixonada
 E as lembranças do bem como um jardim na mente !

Godofrêdo Viana



Festejará a data de seu aniversário natalício, no dia 14 de junho, o ilustrado maranhense dr. Godofredo Mendes Viana, figura brilhante de intelectual e festejado jurista. Nome de relevo nas letras, o distinto coestadano, que já foi governador do Maranhão, e nosso representante nas Camaras altas do país, receberá, pela data, festivos parabens. ATHENAS cumprimenta-o cordialmente.

Godofrêdo Viana



Festejará a data de seu aniversário natalício, no dia 14 de junho, o ilustrado maranhense dr. Godofredo Mendes Viana, figura brilhante de intelectual e festejado jurista. Nome de relevo nas letras, o distinto coestadano, que já foi governador do Maranhão, e nosso representante nas Camaras altas do país, receberá, pela data, festivos parabens. ATHENAS cumprimenta-o cordialmente.

CANHENHO SOCIAL

ANIVERSARIAM-SE EM JUNHO PRÓXIMO:

Dias

- 3 — a exma. sra. d. Maria Joaquina Maia de Andrade, esposa do sr. dr. Anibal Pádua de Andrade.
- 4 — a exma. sra. d. Maria Nunes Couto, esposa do sr. des. Henrique Couto.
- a exma. sra. d. Quirina Moreira, viuva do pranteado Albino Domingues Moreira.
- 5 — o sr. cel. Antonio Chaves.
- o sr. cap. Anacleto Tavares, digno oficial do Exercito.
- a menina Regininha, dileta filhinha do sr. dr. João Braulino de Carvalho.
- 6 — o sr. Jesus Norberto Gomes, sócio-chefe da firma proprietária da Farmacia Sanitária.
- a exma. sra. d. Haydée Matos Colares Moreira, esposa do sr. capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exercito.
- o sr. Arnaldo Messeder, funcionário do Banco do Brasil.
- o sr. Joaquim Alves dos Santos, nosso conterraneo residente no Rio de Janeiro.
- 7 — a senhorita Alba Matos, dileta filha do sr. Antero Segundo de Matos.
- a exma. sra. d. Maria José Archer Martins, esposa do sr. Raul Serra Martins.
- 8 — o sr. Pedro Dieguez.
- 10 — o sr. dr. Benedito Metre.
- o sr. Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, sócio-chefe da Agencia Gomes.
- 15 — o menino Luiz Augusto Rêgo, filho do sr. prof. Luiz Rêgo.
- 16 — o sr. cel. Raimundo Martins de Souza Ramos, digno progenitor do exmo. sr. dr. Paulo Ramos.
- o sr. dr. Baceiár Portela.
- a exma. sra. d. Carmina Viana, digna esposa do sr. dr. João Viana.
- 17 — o sr. Travassos Furtado, auxiliar da firma Matos, Aguiar & Cia. Ltd.
- 18 — a exma. sra. d. Maria Amélia Ferreira Aguiar, digna esposa do sr. João Aguiar Filho.
- o sr. Delmiro Botelho.
- 19 — a exma. sra. d. Graça de Freitas Jorge, viuva do pranteado José Francisco Jorge.
- 20 — a exma. sra. d. Maria Lisbôa de Moraes Rêgo, digna esposa do sr. dr. Genesio Rêgo.
- 21 — o sr. dr. Carlos Ferreira.
- 22 — o sr. Adhemar Aguiar, sócio da firma Franco Aguiar & Cia.
- 23 — o sr. dr. Clodomir Pinheiro Casta.
- o menino Jesé Matos, filho do sr. dr. João Hermógenes de Matos.
- 26 — o sr. Raul Serra Martins, digno inspetor da Metrópole Companhia de Seguros de Vida.
- o sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil, em Nitheroy.
- 27 — a menina Helena Mata Roma, dileta filha do prof. Mata Roma.
- 28 — o sr. Luiz Tabosa Freire, contador da Delegacia Fiscal ;
- 29 — o sr. dr. Pedro Oliveira.
- a exma. sra. d. Alice Almeida, digna esposa do sr. capitão Martins de Almeida.
- 30 — o sr. des. Henrique Couto.
- a senhorita Yvone Rêgo, dileta filha do sr. dr. Genesio Rêgo.
- a exma. sra. d. Maria Augusta Almeida, digna esposa do sr. Djalma Almeida.

CANHENHO SOCIAL

ANIVERSARIAM-SE EM JUNHO PRÓXIMO:

Dias

- 3 — a exma. sra. d. Maria Joaquina Maia de Andrade, esposa do sr. dr. Anibal Pádua de Andrade.
- 4 — a exma. sra. d. Maria Nunes Couto, esposa do sr. des. Henrique Couto.
- a exma. sra. d. Quirina Moreira, viuva do pranteado Albino Domingues Moreira.
- 5 — o sr. cel. Antonio Chaves.
- o sr. cap. Anacleto Tavares, digno oficial do Exercito.
- a menina Regininha, dileta filhinha do sr. dr. João Braulino de Carvalho.
- 6 — o sr. Jesus Norberto Gomes, sócio-chefe da firma proprietária da Farmacia Sanitária.
- a exma. sra. d. Haydée Matos Colares Moreira, esposa do sr. capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exercito.
- o sr. Arnaldo Messeder, funcionário do Banco do Brasil.
- o sr. Joaquim Alves dos Santos, nosso conterraneo residente no Rio de Janeiro.
- 7 — a senhorita Alba Matos, dileta filha do sr. Antero Segundo de Matos.
- a exma. sra. d. Maria José Archer Martins, esposa do sr. Raul Serra Martins.
- 8 — o sr. Pedro Dieguez.
- 10 — o sr. dr. Benedito Metre.
- o sr. Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, sócio-chefe da Agencia Gomes.
- 15 — o menino Luiz Augusto Rêgo, filho do sr. prof. Luiz Rêgo.
- 16 — o sr. cel. Raimundo Martins de Souza Ramos, digno progenitor do exmo. sr. dr. Paulo Ramos.
- o sr. dr. Baceíar Portela.
- a exma. sra. d. Carmina Viana, digna esposa do sr. dr. João Viana.
- 17 — o sr. Travassos Furtado, auxiliar da firma Matos, Aguiar & Cia. Ltd.
- 18 — a exma. sra. d. Maria Amélia Ferreira Aguiar, digna esposa do sr. João Aguiar Filho.
- o sr. Delmiro Botelho.
- 19 — a exma. sra. d. Graça de Freitas Jorge, viuva do pranteado José Francisco Jorge.
- 20 — a exma. sra. d. Maria Lisbôa de Moraes Rêgo, digna esposa do sr. dr. Genesio Rêgo.
- 21 — o sr. dr. Carlos Ferreira.
- 22 — o sr. Adhemar Aguiar, sócio da firma Franco Aguiar & Cia.
- 23 — o sr. dr. Clodomir Pinheiro Casta.
- o menino José Matos, filho do sr. dr. João Hermógenes de Matos.
- 26 — o sr. Raul Serra Martins, digno inspetor da Metrópole Companhia de Seguros de Vida.
- o sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil, em Nitheroy.
- 27 — a menina Helena Mata Roma, dileta filha do prof. Mata Roma.
- 28 — o sr. Luiz Tabosa Freire, contador da Delegacia Fiscal ;
- 29 — o sr. dr. Pedro Oliveira.
- a exma. sra. d. Alice Almeida, digna esposa do sr. capitão Martins de Almeida.
- 30 — o sr. des. Henrique Couto.
- a senhorita Yvone Rêgo, dileta filha do sr. dr. Genesio Rêgo.
- a exma. sra. d. Maria Augusta Almeida, digna esposa do sr. Djalma Almeida.



Inauguração da Praça João Lisboa, recém-remodelada. Essa festa realizou-se no dia 4 deste mês em comemoração do aniversário natalício de s. excia. o sr. dr. Paulo Ramos, Interventor Federal



Inauguração da Praça João Lisboa, recém-remodelada. Essa festa realizou-se no dia 4 deste mês em comemoração do aniversário natalício de s. excia. o sr. Paulo Ramos, Interventor Federal

PORQUE O IMPALUDISMO CONTINUA A ASSOLAR O PAIS

Se os habitantes das zonas flageladas pelo impaludismo ou malária aprendessem e também se dispusessem, **inteligentemente**, a preservar-se do mal, ao mesmo tempo que os serviços sanitários cuidam das medidas profiláticas a elas atinentes, em pouco tempo estaria o nosso país livre desta mortífera praga. Os moradores das zonas palúdicas, entretanto, parecem não fazer caso dos insistentes conselhos profiláticos e das ininterruptas campanhas educativas, levadas a efeito pelos órgãos competentes dos Estado e da União.

Tem-se a impressão de que a grande maioria do povo ainda não sabe como se adquire o impaludismo ou, se sabe, não cuida em precever-se. Lugares existem, por certo, onde as condições do meio tornam difíceis as medidas individuais de profilaxia, como acontece, por exemplo, nas regiões pantanosas com elevado índice anofelínico, isto é, onde os mosquitos transmissores são numerosíssimos e, também, nas zonas de população sem recursos para adquirir os medicamentos indispensáveis tanto para tratar os doentes e os portadores de gametos, como para preservar os sadios.

Não temos a intenção de reproduzir as conhecidas noções sobre o modo pelo qual se adquire o impaludismo, que os serviços sanitários divulgam em suas publicações, e são encontradas em qualquer livro de higiene. O nosso intuito é chamar

a atenção para a necessidade de intensificar o ensino deste importante problema sanitário nas escolas rurais, em especial as zonas flageladas. As crianças, ao contrário dos adultos, aceitam e põem em prática com maior facilidade os conselhos que lhes são ministrados.

A ignorância das populações rurais é, infelizmente, uma das principais causas da endemia palúdica. Os nossos trabalhadores ignoram, por exemplo, que para evitar o impaludismo são necessários os seguintes cuidados: — extinguir os focos de mosquitos (às vezes difícil ou mesmo impossível); evitar que os mosquitos piquem as pessoas sãs (por meio de telas nas aberturas da casa ou de cortinados); evitar que os mesmos piquem as pessoas doentes; prevenir as pessoas sadias contra a infecção pelo uso de medicamentos adequados, entre os quais se destaca a Atebrina da Casa Bayer; tratamento sistemático dos doentes de impaludismo pela Atebrina, que dá resultados completos, via de regra, entre 5 e 7 dias.

Graças a este medicamento, torna-se possível sanear zonas palustres onde não é fácil estabelecer outras medidas como drenagem dos pantanos e charcos, retificação dos rios, etc.

A Atebrina cura de uma vez e cura com rapidez, sendo também por isso o mais econômico dos antipalúdicos.



Destacados elementos sociais que assistiram, em Barra do Corda, ao batizado de Augusto Galba, dileito netinho do sr. major Aderbal Falcão e sua esposa d. Nila Falcão

PORQUE O IMPALUDISMO CONTINUA A ASSOLAR O PAIS



Se os habitantes das zonas flageladas pelo impaludismo ou malária aprendessem e também se dispusessem, **inteligentemente**, a preservar-se do mal, ao mesmo tempo que os serviços sanitários cuidam das medidas profiláticas a elas atinentes, em pouco tempo estaria o nosso país livre desta mortífera praga. Os moradores das zonas palúdicas, entretanto, parecem não fazer caso dos insistentes conselhos profiláticos e das ininterruptas campanhas educativas, levadas a efeito pelos órgãos competentes dos Estado e da União.

Tem-se a impressão de que a grande maioria do povo ainda não sabe como se adquire o impaludismo ou, se sabe, não cuida em preçaver-se. Lugares existem, por certo, onde as condições do meio tornam difíceis as medidas individuais de profilaxia, como acontece, por exemplo, nas regiões pantanosas com elevado índice anofelinico, isto é, onde os mosquitos transmissores são numerosíssimos e, também, nas zonas de população sem recursos para adquirir os medicamentos indispensáveis tanto para tratar os doentes e os portadores de gametos, como para preservar os sadios.

Não temos a intenção de reproduzir as conhecidas noções sobre o modo pelo qual se adquire o impaludismo, que os serviços sanitários divulgam em suas publicações, e são encontradas em qualquer livro de higiene. O nosso intuito é chamar

a atenção para a necessidade de intensificar o ensino deste importante problema sanitário nas escolas rurais, em especial as zonas flageladas. As crianças, ao contrário dos adultos, aceitam e põem em prática com maior facilidade os conselhos que lhes são ministrados.

A ignorância das populações rurais é, infelizmente, uma das principais causas da endemia palúdica. Os nossos trabalhadores ignoram, por exemplo, que para evitar o impaludismo são necessários os seguintes cuidados: — extinguir os focos de mosquitos (às vezes difícil ou mesmo impossível); evitar que os mosquitos piquem as pessoas sãs (por meio de telas nas aberturas da casa ou de cortinados); evitar que os mesmos piquem as pessoas doentes; prevenir as pessoas sadias contra a infecção pelo uso de medicamentos adequados, entre os quais se destaca a Atebrina da Casa Bayer; tratamento sistemático dos doentes de impaludismo pela Atebrina, que dá resultados completos, via de regra, entre 5 e 7 dias.

Graças a este medicamento, torna-se possível sanear zonas palustres onde não é fácil estabelecer outras medidas como drenagem dos pantanos e charcos, retificação dos rios, etc.

A Atebrina cura de uma vez e cura com rapidez, sendo também por isso o mais econômico dos antipalúdicos.



Destacados elementos sociais que assistiram, em Barra do Corda, ao batizado de Augusto Galba, dileito netinho do sr. major Aderbal Falcão e sua esposa d. Nila Falcão

DOIS SONETOS

de Olimpio Cruz

SAUDADE

Vertendo nalgum veu de sofrimento
Os sorrisos da minha mocidade
Em sonhos concentrei meu pensamento
E envolvi o meu peito na saudade.

Agora vivo dêssê sentimento,
A fria sombra de uma soledade,
Longe de tudo, num esquecimento,
Longe, bem longe da felicidade !...

O' passageira nuvem sem beleza
Que mostras no cariz da Natureza,
O rosto dessa dulcíssima ilusão !...

Aí, tudo aquilo que viveu comigo
Fugiu... Fugiu e não levou consigo
A dôr que sinto no meu coração !

SINAS DE ROSAS

Eram duas florinhas delicadas
Muito mais belas que as mais belas flôres.
Duas bonitas rosas perfumadas
Irmãs talvez dos cravos multicôres !

Eram elas — as rosas consagradas...
A primeira, a rainha dos primores
Foi por virgineas mãos despida, idas
Num dos fatais epílogos de amôres

O' como em tudo é diferente a sina !
A segunda... O' Meu Deus ! Quanta Ventura !
Foi guardada no altar da Mãe Divina !

E eu não sei qual das rosas teve sorte...
Se a que buscara o altar da Virgem pura,
Se a que no amor, buscou a doce morte !...

Barra do Corda, Janeiro 1941



ASPECTOS DA CIDADE DE BALSAS — 1) Igreja Matriz. 2) Cemiterio Público. 3) Rio Balsas.
4) Edifício da Prefeitura Municipal

DOIS SONETOS

de Olimpio Cruz

SAUDADE

Vertendo nalgum veu de sofrimento
Os sorrisos da minha mocidade
Em sonhos concentrei meu pensamento
E envolvi o meu peito na saudade.

Agora vivo dêssê sentimento,
A fria sombra de uma soledade,
Longe de tudo, num esquecimento,
Longe, bem longe da felicidade !...

O' passageira nuvem sem beleza
Que mostras no cariz da Natureza,
O rosto dessa dulcíssima ilusão !...

Aí, tudo aquilo que viveu comigo
Fugiu... Fugiu e não levou consigo
A dôr que sinto no meu coração !

SINAS DE ROSAS

Eram duas florinhas delicadas
Muito mais belas que as mais belas flôres.
Duas bonitas rosas perfumadas
Irmãs talvez dos cravos multicôres !

Eram elas — as rosas consagradas...
A primeira, a rainha dos primores
Foi por virgineas mãos despadaçada
Num dos fatais epílogos de amôres

O' como em tudo é diferente a sina !
A segunda... O' Meu Deus ! Quanta Ventura !
Foi guardada no altar da Mãe Divina !

E eu não sei qual das rosas teve sorte...
Se a que buscara o altar da Virgem pura,
Se a que no amor, buscou a doce morte !...

Barra do Corda, Janeiro 1941



ASPECTOS DA CIDADE DE BALSAS — 1) Igreja Matriz. 2) Cemiterio Público. 3) Rio Balsas. 4) Edifício da Prefeitura Municipal

HISTÓRIAS DE JOÃO CABÓCLO

(Continuação da pag. IV)

O capitão Bacaba se opoz ao casamento! E d. Branca a insistir... E o Saturnino a rondar o sítio. O capitão viu que as coisas estavam ficando sérias, chamou a filha e lhe disse a razão porque se opunha ao casamento. E com aquela franqueza que chega a parecer grosseria disse á filha.

—Branca, eu não posso consentir no teu casamento porque o Saturnino é filho de um morfético e á boca pequena já se diz que êle também é tocado do mal.

D. Branca ficou muito triste, mas logo respondeu:

—Também não me casarei com nenhum desses que me perseguem com essa conversa de casamento!

—Mas que tolice é esta?

—Não é tolice, não senhor. É um sentimento íntimo. Fique certo de que nenhum desses homens daqui me convem para marido. Não simpatizo com nenhum deles, para tal fim. Gosto de todos, mas não tolero nem que me chamem bonita. Sinto-me mal. Às vezes quando me lembro de que um deles pôde ser meu marido e me imagino em casa como um deles, tratando-me como esposa, tenho horror de mim mesma!

E João Cabóclo levantando-se:

—Vosmecê está compreendendo?

—Estou... É por isso d. Branca não se casou!

—Não se casou. Si fosse morar noutra terra, teria encontrado naturalmente um homem que fosse de seu gosto...

—João Cabóclo, não te supunha tão conhecedor da mulher... Além das oportunidades que a vida te tem oferecido para a conheceres, como essa que te mostrou d. Branca, d. Santinha, quantas terás tu observado em tua própria casa!

—Saiba vosmecê que em minha casa, nenhuma, porque felizmente a primeira que me esbanteou foi a Maria Raimunda, e a sua ingratidão não me deixou vontade para ir buscar outra.

—Então, eu também posso dizer que o que se dá com a mulher, acontece com o homem. A tua mulher seria a Maria Raimunda.

—Vosmecê agora me embrulhou. Não sei

que lhe diga, porque a verdade é que não me aproximei mais de outra, com a intenção de me dedicar...

Depois da Maria Raimunda muitas têm passado por mim... e assim como vêm, vão.

Não me deixo prender. Quando sinto que

Ignácio Raposo



Transcorrerá a 27 deste mês o aniversário natalício do poeta maranhense Inácio Raposo, figura brilhante de nossas letras.

Espirito culto, amigo de sua terra Inácio Raposo receberá os cumprimentos de seus amigos e os saúdes muito cordiais de ATHENAS, nesta auspiciosa data.

HISTÓRIAS DE JOÃO CABÓCLO

(Continuação da pag. IV)

O capitão Bacaba se opoz ao casamento! E d. Branca a insistir... E o Saturnino a rondar o sítio. O capitão viu que as coisas estavam ficando sérias, chamou a filha e lhe disse a razão porque se opunha ao casamento. E com aquela franqueza que chega a parecer grosseria disse á filha.

—Branca, eu não posso consentir no teu casamento porque o Saturnino é filho de um morfético e á boca pequena já se diz que êle também é tocado do mal.

D. Branca ficou muito triste, mas logo respondeu:

—Também não me casarei com nenhum desses que me perseguem com essa conversa de casamento!

—Mas que tolice é esta?

—Não é tolice, não senhor. É um sentimento íntimo. Fique certo de que nenhum desses homens daqui me convem para marido. Não simpatizo com nenhum deles, para tal fim. Gosto de todos, mas não tolero nem que me chamem bonita. Sinto-me mal. Às vezes quando me lembro de que um deles pôde ser meu marido e me imagino em casa como um deles, tratando-me como esposa, tenho horror de mim mesma!

E João Cabóclo levantando-se:

—Vosmecê está compreendendo?

—Estou... E por isso d. Branca não se casou!

—Não se casou. Si fosse morar noutra terra, teria encontrado naturalmente um homem que fosse de seu gosto...

—João Cabóclo, não te supunha tão conhecedor da mulher... Além das oportunidades que a vida te tem oferecido para a conheceres, como essa que te mostrou d. Branca, d. Santinha, quantas terás tu observado em tua própria casa!

—Saiba vosmecê que em minha casa, nenhuma, porque felizmente a primeira que me esbanteou foi a Maria Raimunda, e a sua ingratitude não me deixou vontade para ir buscar outra.

—Então, eu também posso dizer que o que se dá com a mulher, acontece com o homem. A tua mulher seria a Maria Raimunda.

—Vosmecê agora me embrulhou. Não sei

que lhe diga, porque a verdade é que não se aproximei mais de outra, com a intenção de se dedicar. ...

Depois da Maria Raimunda muitas têm passado por mim... e assim como vêm, vão.

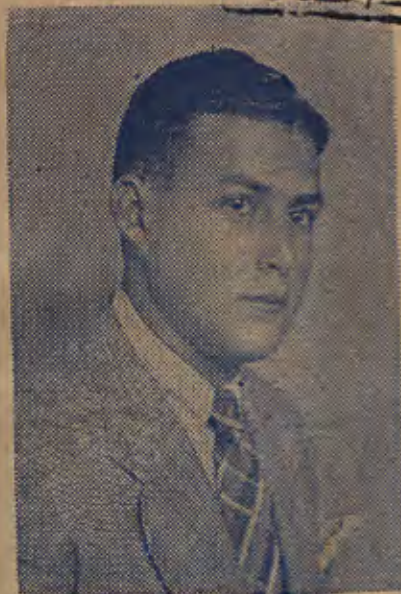
Não me deixo prender. Quando sinto que

Ignácio Raposo



Transcorrerá a 27 deste mês o aniversário natalício do poeta maranhense Inácio Raposo, figura brilhante de nossas letras.

Espirito culto, amigo de sua terra Inácio Raposo receberá os cumprimentos de seus amigos e os saúdes muito cordiais de ATHENAS, nesta auspiciosa data.



JOSE' RIBAMAR FONTOURA, auxiliar da gerência do IMPARCIAL, que festejou o seu aniversário natalício no dia 10 do mês corrente.

quer coisa cá por dentro, lembro-me da Maria Raimunda, e sinto um grande ódio.

Manuel Coêlho levantou-se.

—Vosmecê ainda não se desenganou de encontrar d. Candida?

—Que tu achas?

—Acha que vosmecê fez uma correria precipitado... levado pela cólera que se apoderou rapidamente de vosmecê. Lembre-se de que o caldo estava derramado. Vosmecê não podia dar mais jeito que prestasse... modo que era agora que devíamos está com os ânimos preparados para sair.

essemos ficado em casa talvez tivéssemos saído de alguma...

Quem sabe assim, como d. Candida, manda sempre ao dia seguinte alguém tomar chegada... conversar, sem causar desconfiança, com a gente de casa. Mas não se perdeu o passeio, e vendo-se bem, vosmecê não perdeu nada, porque se vosmecê tivesse encontrado d. Candida, não teria lucrado coisa alguma.

—A esta hora não estaria com vida.

—Acredito, mas isto não seria lucro. Vosmecê ia gastar um dinheirão como gastou seu pai, por causa daquela dama de quem nem me quero lembrar.

...Mas João Cabôclo eu nunca te falei nesse caso de meu pai... Nunca mesmo quiz apurar...

—Faz muito bem. Não vale a pena...

—Mas lá pela redondeza se dizia que a razão estava como meu pai. Que devia mesmo mandar matar a amazia...

—Eu também dantes pensava assim. Mas depois que compreendi bem a mulher mudei de pensar...

—Mas espera...

—Em primeiro lugar, saiba vosmecê que não temos o direito de mandar tirar a vida de ninguém.

Só Deus é quem pode matar. Em segundo lugar, o pai de vosmecê não era o homem eleito do coração daquela infeliz. O eleito era o Juca Travinha. O Juca Travinha era o homem a quem ela se dava o coração. Seu pai era o homem bom, que ela estimava por gratidão. Era o homem que lhe dava tudo, tudo, tudo, mas não sabia daquele segredinho...

Manuel Coêlho sorriu.

—Temos agora um novo caso!

—Um novo caso?

—Sim! Uma mulher com dois homens — João Cabôclo tu és um grande pandego!

FAÇA economia. prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em coisa útil.

O CONSELHO É DE GRAÇA. E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TENDIDOS DAS LOJAS

"A PERNA MBUCANA"

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA

16/07/1941



JOSE' RIBAMAR FONTOURA, auxiliar da gerência do IMPARCIAL, que festejou o seu aniversário natalício no dia 10 do mês corrente.

quer coisa cá por dentro, lembro-me da Maria Raimunda, e sinto um grande ódio.

Manuel Coêlho levantou-se.

—Vosmecê ainda não se desenganou de encontrar d. Candida?

—Que tu achas?

—Acha que vosmecê fez uma correria precipitado... levado pela cólera que se apoderou rapidamente de vosmecê. Lembre-se de que o caldo estava derramado. Vosmecê não podia dar mais jeito que prestasse... modo que era agora que devíamos está com os ânimos preparados para sair.

...tívemos ficado em casa talvez tivéssemos saído de alguma...

Quem sabe assim, como d. Candida, manda sempre ao dia seguinte alguém tomar chegada... conversar, sem causar desconfiança, com a gente de casa. Mas não se perdeu o passeio, e vendo-se bem, vosmecê não perdeu nada, porque se vosmecê tivesse encontrado d. Candida, não teria lucrado coisa alguma.

—A esta hora não estaria com vida.

—Acredito, mas isto não seria lucro. Vosmecê ia gastar um dinheirão como gastou seu pai, por causa daquela dama de quem nem me quero lembrar.

...Mas João Cabôclo eu nunca te falei nesse caso de meu pai... Nunca mesmo quiz apurar...

—Faz muito bem. Não vale a pena...

—Mas lá pela redondeza se dizia que a razão estava como meu pai. Que devia mesmo mandar matar a amazia...

—Eu também dantes pensava assim. Mas depois que compreendi bem a mulher mudei de pensar...

—Mas espera...

—Em primeiro lugar, saiba vosmecê que não temos o direito de mandar tirar a vida de ninguém.

Só Deus é quem pode matar. Em segundo lugar, o pai de vosmecê não era o homem eleito do coração daquela infeliz. O eleito era o Juca Travinha. O Juca Travinha era o homem a quem ela se dava o coração. Seu pai era o homem bom, que ela estimava por gratidão. Era o homem que lhe dava tudo, tudo, tudo, mas não sabia daquele segredinho...

Manuel Coêlho sorriu.

—Temos agora um novo caso!

—Um novo caso?

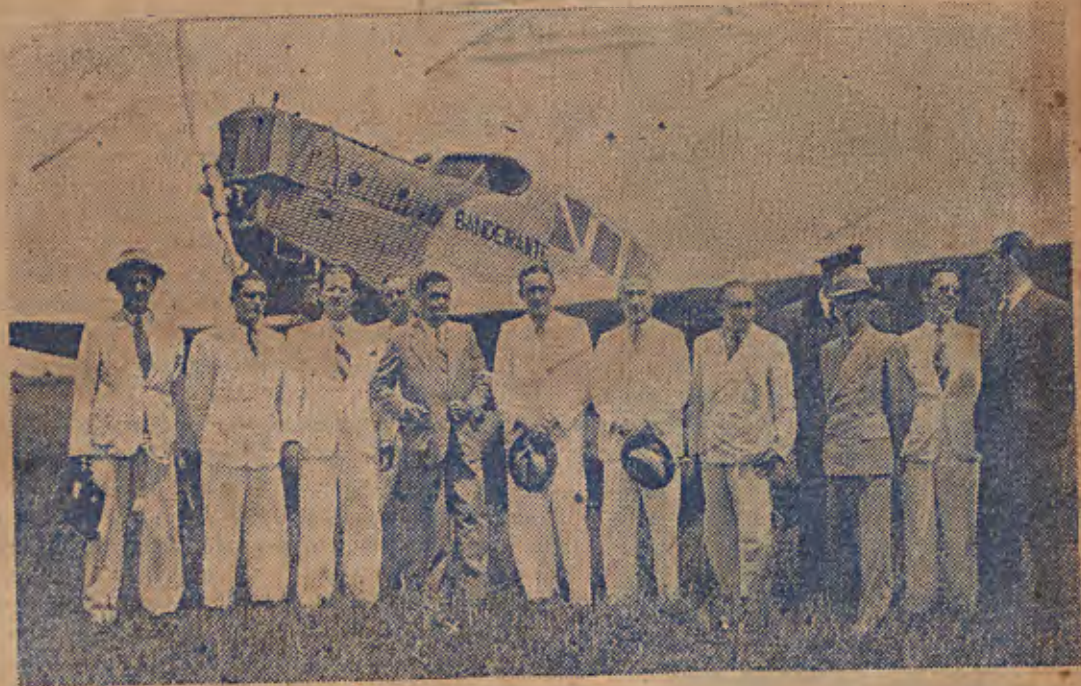
—Sim! Uma mulher com dois homens — João Cabôclo tu és um grande pandego!

FAÇA economia. prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em cousa útil.

O CONSELHO É DE GRAÇA. E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TÊCIDOS DAS LOJAS

"A PERNA MBUCANA"

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA



Amerrissagem do "Bandeirante" no campo do Tirirical, que inaugurou a linha aérea Terezina-Piauí

—E João Cabôclo calmamente:

—E também há o homem com duas mulheres! E segundo já ouvi de um patrão do Sítio Formoso, só assim é que dá certo... Só assim é que pôde haver prosperidade visto que se pensa que é um casal, mas que quando se vê bem, tem sempre um indivíduo a mais.

—Então a mulher tem que unir com dois homens?

—Vosmecê deve compreender: a mulher tola como Maria Raimunda não sabe fazer assim, mas a mulher de sociedade, a mulher de responsabilidade, harmonisa tudo. Casa-se com um homem que garante tudo, e, de mansinho, tem o amante, que é o homem de coração. Acontece que quando se distrai, casa com o homem do coração, e depois arranja uma festa para aguentar com as despesas. Essa é que é a regra do bom viver.

—Manuel Cabôclo, estou convencido de que Maria Raimunda te estragou o espírito e o coração. Depois que ela passou por ti, nunca mais prestaste pra nada! Ela fez de te um iníquo feroz de todas as mulhiêres. Ai dessas pobres criaturas se fosses um sábio e tivesses forças para fazer vigorar um código saído de tua cabeça!

—Na verdade eu sou assim... mas vosmecê não dirá nunca que eu perdi meu sono durante

uma noite por causa de uma dessas pobres criaturas! Vosmecê que eu gastei meu dinheiro, quanto me custa ganhar, pagando cabras valentes para procurar por todas estas paragens a sombra sequer de uma dessas pobres criaturas.

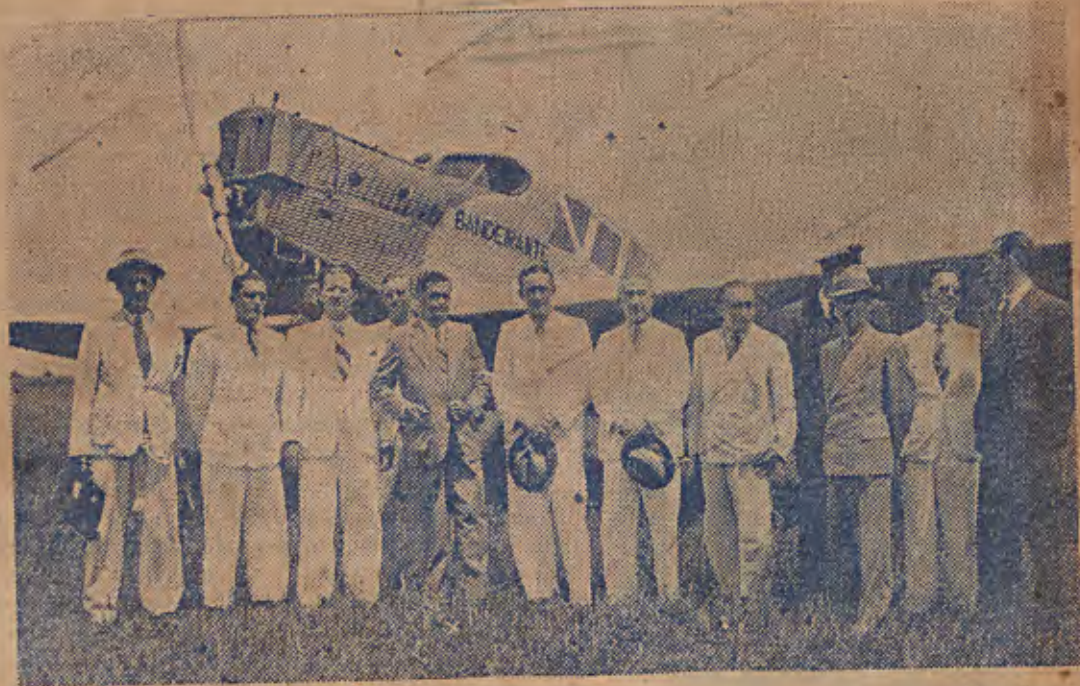
—Está bem. Tu dirás que eu pertencço a poucos dos homens, que não se convencem de que não há no mundo uma só mulher que preste.

Não! Eu pertencço ao número dos que nunca perdem a esperança de encontrar uma que seja boa! Serei do número dos que envelhecem esperando que na última curva do caminho, virando meu encontro uma mulher como eu sonho.

—Eu senti que não pertencço ao número dos obstinados. No meu coração um dia entrou doença para nunca mais sair.

E é por isto que me sinto tão bem, tão consolado, porque saiba vosmecê que a lei é geral. A mulher é sempre a mesma para todos os homens. Si eu fosse homem de estudo ia descobrir si é ou não é isto que consiste a principal virtude da mulher.

Alvorecia, Manuel Coêlho e Manuel Cabôclo chegaram na fazenda. Já lá encontraram que haviam partido noutros rumos. Ninguém contrava o menor vestígio de d. Cândida!



Amerrissagem do "Bandeirante" no campo do Tirirical, que inaugurou a linha aérea Terezina-Piauí

—E João Cabôclo calmamente:

—E também há o homem com duas mulheres! E segundo já ouvi de um patrão do Sítio Formoso, só assim é que dá certo... Só assim é que pôde haver prosperidade visto que se pensa que é um casal, mas que quando se vê bem, tem sempre um indivíduo a mais.

—Então a mulher tem que unir com dois homens?

—Vosmecê deve compreender: a mulher tola como Maria Raimunda não sabe fazer assim, mas a mulher de sociedade, a mulher de responsabilidade, harmoniza tudo. Casa-se com um homem que garante tudo, e, de mansinho, tem o amante, que é o homem de coração. Acontece que quando se distrai, casa com o homem do coração, e depois arranja uma besta para aguentar com as despesas. Essa é que é a regra do bom viver.

—Manuel Cabôclo, estou convencido de que Maria Raimunda te estragou o espírito e o coração. Depois que ela passou por ti, nunca mais prestaste pra nada! Ela fez de te um iníquo feroz de todas as mulhiêres. Ai dessas pobres criaturas se fosses um sábio e tivesses forças para fazer vigorar um código saído de tua cabeça!

—Na verdade eu sou assim... mas vosmecê não dirá nunca que eu perdi meu sono durante

uma noite por causa de uma dessas pobres criaturas! Vosmecê que eu gastei meu dinheiro, quanto me custa ganhar, pagando cabras valentes para procurar por todas estas paragens a sombra sequer de uma dessas pobres criaturas.

—Está bem. Tu dirás que eu pertencço a poucos meros dos homens, que não se convencem de que não há no mundo uma só mulher que preste.

Não! Eu pertencço ao número dos que nunca perdem a esperança de encontrar uma que seja boa! Serei do número dos que envelhecem esperando que na última curva do caminho, virando meu encontro uma mulher como eu sonho.

—Eu senti que não pertencço ao número dos obstinados. No meu coração um dia entrou doença para nunca mais sair.

E é por isto que me sinto tão bem, tão consolado, porque saiba vosmecê que a lei é geral. A mulher é sempre a mesma para todos os homens. Si eu fosse homem de estudo ia descobrir si é ou não é isto que consiste a principal virtude da mulher.

Alvorecia. Manuel Coêlho e Manuel Cabôclo chegaram na fazenda. Já lá encontraram que haviam partido noutros rumos. Ninguém contrava o menor vestígio de d. Cândida!



METRÓPOLE

DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente
 Leonardo Truda — José Sampaio
 Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello
 Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecada-
 do pela METRÓPOLE, desde o ini-
 cio do seu funcionamento até o ul-
 timo exercício (1935 a 1939) :

1935	2.465:017\$790
1936	3.959:528\$900
1937	6.622:181\$000
1938	8.735:829\$900
1939	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcan-
 çadas em nosso país, por nenhuma
 outra congênere, em idêntica fase
 — de negocios. —

A METRÓPOLE É UMA COMPA-
 NHIA GENUINAMENTE
 BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDEN-
 TES — AUTOMOVEIS — TRANS-
 PORTES — GRANIZO

MATIRZ: Rua Primeiro de Março,
 88 Telephone: 43-2890 — Rio de
 Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais,
 Bahia e Pernambuco

AGENCIA: Avenida D. Pedro II, 211

S. LUIZ DO MARANHÃO

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.
 TINTAS. ARTEFACTOS NA-
 VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de mate-
 rias para construcções — Fer-
 ramentas para lavoura — Cha-
 pas de cobre, zinco, ferro, esta-
 nho e chumbo — Telhas de fer-
 ra galvanizadas — Oleos, Verni-
 zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
 Amarras, Louças de Ferro es-
 maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
 e 502 metros (metragem
 garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS
 DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Te'egr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
 Maranhão — C. Postal, 90

SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Mara-
 nhão, das afamadas machinas
 de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 281

CAIXA POSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO



METROPOLE

DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente
Leonardo Truda — José Sampaio
Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello
Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecada-
dos pela METRÓPOLE, desde o ini-
cio do seu funcionamento até o ul-
timo exercício (1935 a 1939) :

1935	2.465:017\$790
1936	3.959:528\$900
1937	6.622:181\$000
1938	8.735:829\$900
1939	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcan-
çadas em nosso país, por nenhuma
outra congênere, em idêntica fase
— de negocios. —

A METRÓPOLE É UMA COMPA-
NHA GENUINAMENTE
BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDEN-
TES — AUTOMOVEIS — TRANS-
PORTES — GRANIZO

MATRIZ: Rua Primeiro de Março,
88 Telephone: 43-2890 — Rio de
Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais,
Baía e Pernambuco

AGENCIA: Avenida D. Pedro II, 211

S. LUIZ DO MARANHÃO

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.
TINTAS. ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de mate-
riaes para construcções — Fer-
ramentas para lavoura — Cha-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarras, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS
DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Te'egr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 90

SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Mara-
nhão, das afamadas machinas
de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 281

CAIXA POSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO

Que aroma
delicioso...



DELIO SA'

Que aroma
delicioso...



DELIO SA'

